

U.



A. Conceição Gama Ribeiro

— OFICINA DE ENCADERNACÃO —

Rua dos Taboares, 27-A 1000 LISBOA ☎ 0145548

AL-02703

Mario de Sá-Carneiro

Princípio
NOVELAS



LIVRARIA FERREIRA
FERREIRA L.^{DA} — EDITORES

LISBOA — 1912

To Carlos
of

Luiz

Gul Benkian

Principio

L.M., 1945



Eh bien! en vérité, les sots auront beau dire,
Quand on n'a pas d'argent, c'est amusant d'écrire.
Si c'est un passe-temps pour se désennuyer,
Il vaut bien la bouillote; et si c'est un métier,
Peut-être qu'après tout ce n'en est pas un pire
Que fille entretenue, avocat ou portier.

ALFREDO DE MUSSET—«Namouna», canto II.

DO MESMO AUTOR :

Amizade, peça original em 3
actos (em colaboração com
Tomás Cabreira Junior) —
edição da Livraria Borda-
lo 300 réis

Os Fósseis, peça em 4 actos
de *Francisco de Curel* — tra-
dução portuguesa autorisa-
da pelo autor (em colabora-
ção com Antonio Ponce de
Leão) *inédito*

EM PREPARAÇÃO

Alma, peça em 1 acto (em cola-
boração com Antonio Ponce
de Leão).

Irmãos, episódio dramático em
3 actos.

Perturbadoramente, novelas.

MARIO DE SÁ-CARNEIRO

◆

Princípio

NOVELAS ORIGINAIS



1912

LIVRARIA FERREIRA — FERREIRA L. DA
EDITORES
Rua Aurea, 132 a 138
LISBOA



OFERTA

128084

821

A MEU PAI

estas paginas escritas entre os
dezoito e os vinte e dois ânos.

Loucura . . .

A MILTON DE AGUIAR

I

A morte de Raul Vilar foi muito lamentada. Todos os jornais consagraram longos artigos ao grande escultor. Fazendo o seu elogio, escreveram-lhe a biografia, catalogaram-lhe as obras—entre as quais avulta esse admirável baixo-relevo «Amor»—e concordaram unanimemente em que o seu prematuro falecimento havia sido uma grave perda para a arte nacional. Depois, os ânos decorreram. Hoje, poucos se lembrarão já do pobre Raul. E' por isso mesmo que me decido a falar dêle. Para o fazer, ninguem mais competente do que

eu: fui o seu maior amigo, o seu unico amigo.

Que as minhas intenções não sejam desvirtuadas: Este escrito tem por fim simplesmente pôr em evidencia todos os elementos que possam servir de base para o estudo duma singularissima psicologia; que possam tornar compreensivel a incompreensivel tragedia de uma alma, explicar um inexplicavel suicidio.

Devo ainda declarar que estas paginas visam tambem a desfazer as estupidas fantazias que se propalaram sobre os motivos que teriam conduzido o jovem artista ao seu acto de desespero.

Neste assunto, obscuro em extremo, farei o possivel por ser claro. Ignoro se o conseguirei e — sem mais preambulos — vou começar.

*
* *
*

Eu e Raul, conhecemo-nos

desde os bancos do Liceu. Nos primeiros tempos, foram bem frias as nossas relações; coisa alguma anunciava nelas uma grande amizade futura. Pelo contrario: eu olhava com especial embirração para o rosto branco e côr de rosa, para a cabeleira loura e anelada desse rapazinho de enormes olhos azuis, que me lembrava uma *miss* ingleza. Ele, por seu lado — conforme mais tarde me confessou — também durante alguns mêses, nutria por mim uma secreta antipatia. Incomodavam-no as minhas feições masculas, a minha côr trigueira, os meus cabêlos negros e lisos; numa palavra, toda a minha figura, que era a antitesse da sua. Por isso limitavamo-nos, na rua, a um sêco aperto de mão e, na aula, ao empréstimo do canivete ou da borracha... Isto mesmo durou pouco tempo; um belo dia deixámos de nos apertar as mãos, de nos servirmos da borracha

dum ou do canivete do outro. Fôra o caso que uma tarde, á saída das aulas, Raul se posera a sovar, sem mais nem menos, um pobre entezinho enfezado e raquitico — o melhor aluno da turma, por sinal. Eu acudira. Com dois murros obriguei o malvado a largar a sua vitima; em seguida, soquei fortemente o selvagem que se retirou cabisbaixo e resmungando.

Julgava, com este acto de justiça, ter ganho o odio eterno do brutinho. Qual não foi o meu espanto quando, na semana seguinte, tendo eu partido a perna duma bancada, Raul se foi acusar espontaneamente para me evitar a repreensão!

Desde esse dia reataram-se as nossas relações e a nossa mutua antipatia transformou-se em uma simpatia mutua. Eu aceitei os seus olhos e os seus cabêlos; êle tolerou a minha côr terrosa, e grande intimidade se foi estrei-

tando entre nós. Coisa notável; nunca falámos nem da minha sôva, nem tão pouco do seu acto de abnegação; fizémos como se não nos tivessemos conhecido anteriormente. Seguindo o curso sempre juntos, uma convivência quotidiana foi acompanhando, avigorando a nossa amisade.

Raul era dotado de um bizarro character: ora alegre, ora triste; ora falador—sem poder estar um minuto calado—ora conservando-se largo tempo silencioso, imerso em profunda meditação. Por coisas insignificantes, assaltavam-no ás vezes terribes coleras: lembro-me de que um dia, só por não querer adoptar uma opinião sua, me atirou com um insulto obsceno, acompanhado dum pesado tinteiro de vidro que, se me acertasse, podia muito bem dar cabo de mim. Mas as suas coleras logo abrandavam; a chorar, pedia perdão. Eu perdoava-lhe sempre...

Frequentemente tinha ideias exquisitas, duma exquisitez sinistra. Por exemplo, uma noite —depois dum dos seus costumados periodos de mutismo--exclamou de subito:

— Gostava que morresse toda a gente... todos os animais, e que só eu ficasse vivo...

— Para quê? — perguntei espantado.

— Para experimentar o mêdo de me vêr completamente só, num mundo cheio de cadáveres. Devia ser delicioso! Que calafrio de horror!...

Estas suas excentricidades, como eu já as conhecia, faziam-me sorrir; ou antes, ouvindo-as, esforçava-me por sorrir. Com efeito, o rosto de Raul acompanhava essas divagações com uma expressão de tal modo singular, os seus olhos brilhavam com tamanho fulgor, que o meu coração se confrangia num vago pressentimento da loucura. Es-

forçava-me por mudar de conversa, o que nem sempre conseguia.

Foi a êle que mostrei os meus primeiros trabalhos literarios. Geralmente elogiava-me, acrescentando todavia:

— Gabo-te a pachorra, homem! Para que diabo te servirá isso?

— Para nada — respondia-lhe de bom humor. — E' um entretenimento que não faz mal a ninguém... e para mais um entretenimento barato: o papel custa a vintem o caderno; a tinta e os aparos, tambem não são coisas de arruinar...

— Para entretenimento... — murmurava êle com um sorriso desdenhoso — Ah! Tu precisas-te entreter... Para isso escreves; isto é, trabalhas. Mas, meu caro, *entreter*, significa passar tempo. Ora o tempo passa acelerado em demazia; não necessita de impulsos. Os homens deviam

procurar *entreter* o tempo, e não entreterem-se a si... Eu é isso que faço... Penso no passado, revivo os dias que passaram... Assim, levanto uma barreira entre o presente e o futuro. O futuro é porém um optimo saltador... Salta todas as barreiras, vái-se tornando no presente e eu pouco resultado alcanço... Escreves para não te aborreceses... Ah! como seria feliz se me conseguisse aborrecer!...

Estas e outras tiradas absurdas, incomodavam-me. No entanto, habituado a tudo quanto viesse do meu amigo, suportava-as; ouvia-as e não as discutia.

Nos seus momentos de serenidade, falavamos num conversar ameno, principalmente de arte, de literatura e de teatro. As suas ideias eram então as de um ente normal, até que — de subito — lá aparecia a nota extravagante.

Assim, uma manhã, falava-lhe

eu dos mais formosos livros de amor; bordava comentarios sobre a comovente Manon, sobre o assombroso Werther, sobre a romantica Dama das Camélias. Citava o Dante, Camões, Petrarca; fantasiava um episodio lirico, no qual — á luz do luar — deslissassem por diante dos olhos de dois noivos, todos os amores celebres — desde Helena e Páris, até á Safo e a João Gaussin. O meu amigo que parecia interessado, soltou repentinamente uma gargalhada estridula clamando :
— Tudo isso são idiotices...
O amor? Pf... Mas que vem a ser o amor? Uma necessidade organica, nada mais. Para obrar, podemos-nos servir dum vaso de loiça; para *amar* precisamos dum recipiente de carne... O Dante, o Camões zarolho... Bolas!... Patetinhas alambicados, imbecis versejadores... Tu, provavelmente, meu patarata, não foges á regra geral: vais para aí, ao

lusco-fusco, dizer mil banalidades a qualquer burguezinha sensual e camafeu... Resistes, a pé firme, ao vento e á chuva, hein?... Pobre de espirito! Felizardo... Irás para o reino dos céus... Ah! Ah!...

Vendo a conversação tomar um tal rumo, calei-me. Eu, nestas circunstancias, calava-me sempre...

Na verdade, os vinte anos de Raul haviam decorrido sem uma pagina de romance. Nunca um sorriso de mulher viera iluminar a sua mocidade. Sem mãe, não tinha relações. Muita vez, para o distrair, tentei carregar com êle para qualquer «reunião familiar». Nunca o consegui. Dizia-me:

—Meu caro, todos nós temos um ideal. O meu, não te digo qual é. Se o confessasse, deixaria de ser ideal... Todavia, affianço-te que nêle não ha ne-

nhuma mulher... não ha mesmo ninguem, senão eu. Sou um bicho do mato... Ah! não sentir ninguem perto de nós... fazer só o que a nossa vontade exige... Parece impossível que se ame a vida familiar... A familia! que nausea!...

—Mas sem uma familia constituida, não pode haver felicidade completa!—insurgia-me eu.

Raul, pensativo, em vez de sustentar a sua opinião, respondia:

—De acôrdo. Por isso mesmo é que me repugna a vida familiar. Eu não quero ser feliz... Ser feliz, seria para mim a maior das infelicidades!...

Pobre amigo... pobre louco...

Depois de três ános passados na Belgica, onde, sem resultado, tentei tirar um curso de engenharia, regressei a Portugal. Durante a minha ausencia, as noticias de Raul haviam sido escassas. Ao chegar a Lisboa,

a minha primeira visita foi para êle. Recebeu-me com as mãos cheias de gesso, no seu antigo escritório, transformado agora em atelier de escultura. No auge do assombro, bradei:

—O quêl? Então tu á ultima hora dêste em artista!?...

—Como vês: — respondeu serenamente — porque te admiras tanto?

—Em primeiro lugar — tornei — porque te desconhecia essa habilidade. Nunca mesmo, que eu me recorde, aludiste a ela. Depois como, segundo as tuas fantasticas teorias, se não deve ocupar o tempo em coisa alguma para que êle renda mais...

—Foi por isso justamente que me armei em escultor: faço estátuas. As minhas estátuas não são como as outras, meu velho, têm vida... Vida, percebes?... Em vez de fazer carne com a minha carne, faço vida com as minhas mãos; isto é, com o meu

cerebro, que as conduz. Faço vida; o tempo passa sobre as minhas estátuas, não passa sobre mim...

Tinha razão. Mostrou-me as suas obras. Essas esculturas, viviam... Marmores de uma factura genial, assombrosa... Obras-primas, sem duvida; mas umas obras-primas singulares, por vezes disparatadas no belo...

Rico, não fizera da sua arte um ramo de commercio. Por isso, tanto mais lhe reconheciam o talento: Raul Vilar, o moço escultor, seria celebrê dentro em pouco.

Indaguei pormenorisadamente da sua vida. Nela continuava a não aparecer nenhuma mulher. Quando lhe perguntei, por rodeios, exclamou:

—Pateta... Mulheres?... Para quê? Não tenho as minhas estátuas, não tenho marmore?... Dizem vocês, os literatos cretinos, descrevendo o côrpo duma

mulher ideal: «As suas pernas bem torneadas e nervosas, eram duas colunas de rijo marmore; o seu cólo, alabastro puro». Sim, apesar da vossa grande imbecilidade, vocês compreendem que a suprema beleza da carne está em parecer pedra... Ora eu tenho pedra; para que hei de querer carne, patéta?... E a dizer isto, acariciava os seios duma maravilhosa dançarina grega.

.....

Pensando em Raul, dizia para mim proprio: «Será apenas um original que se deseja salientar, que faz gala nas suas originalidades; ou será um louco?»

Um louco, parecia-me a hipótese mais verdadeira. Mas no espirito do meu amigo havia tais incoerencias que eu, vacilando, terminava por concluir: «é uma creatura incompreensivel... um excelente rapaz... um grande artista...»

II

Instalado de novo em Lisboa; de engenheiro falido, feito burocrata, eu almejava—agora mais do que nunca—lançar-me na literatura. Enchendo-me de coragem e graças á carta de recomendação dum amigo obsequioso, consegui ver editado um livrozito de contos. Não foi um insucesso; foi quasi uma gloria: Venderam-se cêrca de mil exemplares, o que, entre nós, é pasmoso.

Raul continuava a ser o meu confidente. Expunha-lhe todos os meus projectos, todas as minhas esperanças; era êle a pri-

meira pessoa que ouvia ler as minhas obras. Agora, já não desdenhava como noutros tempos. No fundo, sentiria ainda um certo desprezo por esses futeis escritos; mas, como experimentava uma necessidade de «criar», não me negava também esse direito.

O meu amigo nunca ia ao teatro. Um dia, entrei-lhe pela casa dentro, e desfechei:

—Anuncio-te que uma noite destas, has de me acompanhar forçosamente ao Dona Maria.

—Lá isso não, tem paciência...
—retorquiu—Por ti, estou pronto a fazer todos os sacrificios... menos esse; aliás inútil. Passar umas poucas de horas a ouvir as baboseiras que uns figurões de cára pintada nos pretendem impingir como pedaços da vida real, excede as minhas forças. Nem mesmo sei que prazer te daria o meu suplicio...

—Um prazer enorme—respon-

di—tão grande, que vais aceder ao meu pedido, apesar de tudo o que disseste...

—Asseguro-te : E' escusado teimares. Nada obterás.

—Sim? E se eu te disser que um dos autores da peça que te desejo mostrar é... sou eu proprio?

Raul estimava-me muito. Se ha amigos verdadeiros, êle era um amigo verdadeiro. Sabia que a minha maior ambição fôra sempre ver uma peça representada. Regosijou-se portanto com a nova, abraçou-me, e exclamou:

—Tens razão... Declaro-me vencido. Lá irei aplaudir-te... Mas conta-me... conta-me como isso foi. Porque é que nunca me falaste a tal respeito?...

—Quis-te fazer uma surpresa —volvi—A historia é simples: Uma noite, apresentaram-me ao Patricio Cruz; no dia seguinte, começámos a escrever uma peça —*A Nausea*, intitula-se. Dois me-

zes depois, estava concluída; hoje, entrou em ensaios de apuro. Eis tudo.

—E's então feliz? — indagou.

—Felicissimo!

—Desgraçado!...

.....

Patricio Cruz era um fenomenal talento de escritor. Os seus contos, pequeninas obras-primas, marcam logar na nossa moderna literatura. «O Maupassant português», chamaram-lhe, na preocupação de arranjar equivalentes estrangeiros para os homens ilustres nacionais.

Essa brilhante intelligencia que, possuída duma estranha loucura, se veiu a extinguir em Rilhafoles (*); fez duma desajeitada ideia minha, um drama profundo e humano. Na nossa peça — não o digo por modestia; terei todos os defeitos menos esse

(*) Veja-se a novela seguinte, «O sexto sentido».

—o valioso é só dêle; o trabalho, é meu. Quem segue com interesse o movimento teatral, recordar-se-ha, porventura, do ruído que essa obra levantou e —com certeza—da assombrosa criação de Ferreira da Silva. A êle e a Patricio, é que a *Nausca* pertence.

Na noite da primeira representação, consegui efectivamente carregar com o meu amigo para o teatro. Nessa noite conheci outro Raul: um Raul como toda a gente: coisa extraordinaria nêle. Abraçou-me nos intervalos, falou com os seus conhecidos; apresentei-lhe Patricio, todos os nossos interpretes, e o bisonho escultor foi o mais jovial dos conversadores. Datou dessa ocasião o seu conhecimento com Edmundo de Noronha, o ilustre jornalista e critico de arte que tão belos artigos consagrou á sua obra.

Na manhã seguinte, mal saltei

da cama, dirigi-me para casa de Raul, onde combinára almoçar. Durante a refeição, só se falou da *Nausea* :

—Meu amigo — confessou o escultor—já não penso o mesmo ácerca da literatura. Considerava-a dantes como uma futilidade, apenas digna de espiritos fracos. Hoje, compreendo que laborava num erro. A escultura faz corpos : eu faço corpos. A literatura faz almas : tu fazes almas. *Se pudessemos conjugar as nossas duas artes, fariamos vida.* Felizmente, é impossível...

*

*

*

A nomeada do escultor aumentou sobretudo quando o seu grupo *O Alcool* obteve um «grande premio» no *Sa'on*, de Paris (1901). Nessa gloria—posso orgulhar-me—tive uma parte importante : Com efeito, se não

fossem as minhas repetidas instancias, Raul não teria exposto essa «maravilhosa tragedia de pedra», como lhe chamou um critico parisiense, o sr. Arsène Alexandre.

Tal consagração trouxe ao artista um enorme prestigio: Valesse pouco o seu trabalho; incensado pela França, Portugal não se atreveria a desdenha-lo.

A amizade que me ligava a Raul Vilar era sobejamente conhecida. Nos salões que frequentava, obrigado pela minha profissão, via-me continuamente assediado com perguntas ácêrca do celebre escultor. Todas as donas-de-casa me pediam que lho levasse. Com boas palavras, dissuadia-as; mas a Condessa de Vila Verde de tal fórma instou comigo, que eu não tive outro remedio senão prometer-lhe que faria o impossivel para arrastar o meu amigo aos seus salões.

Decidido a cumprir a minha promessa, tratei de arranjar um processo que convencesse Raul. Sem encontrar coisa alguma, resolvi sonda-ló antes de proceder. Ele estava tão mudado... Era possível que a vida de sociedade já não o horrorisasse... Foi por isso que lhe disse poucos dias depois :

—Sabes, meu velho, ontem estive no baile da legação da Russia. Aborreci-me mortalmente. Contudo, não dei o meu tempo por mal empregado: achei o assunto para um romance...

— Parabens — respondeu com enfado.

Não ousei arriscar mais uma palavra. O tom de Raul havia-me desarmado. Mas entre as nuvens de fumo do magnifico havano que ha perto dum quarto de hora consumia silencioso, virou-se para mim e perguntou :

— Falaste verdade? Aborreceste-te nesse baile ?...

—Aborreci. Eu aborreço-me sempre em todos...

—Então para que vais a essas estupidas reuniões?

—Por causa do meu officio. Preciso *observar*. Aborreço-me por amor da literatura...

—Ah!—tornou Raul, voltando á sua ideia fixa — gostava tanto de me aborrêcer... Era tempo que roubava ao Tempo...

—E' facilimo!—bradei inspirado.—Acompanha-me a um baile. Juro que te aborrecerás?...

—Talvez tenhas razão—murmurou passado um momento.

Era meio caminho andado. Depois de varias lutas subtis, a principal das quais foi a inevitavel casaca que Raul se obstinava em não querer envergar, consegui arrasta-lo até á casa da Condessa e—á meia noite—triumfalmente, davamos entrada nos salões que regorgitavam de convidados...

Nessa noite, San Carlos este-

ve deserto. Todos queriam conhecer o autor do *Alcool*.

.....

Uma mulher, não aparecera ainda na vida do meu amigo; tinha a certeza.



III

—Então, posso felicitar-te? aborreceste-te?... — perguntei a Raul quando, a seu lado, saía a porta do palacio da Condessa.

A um sinal negativo, espantei-me :

—O quê!? Pois será possível?... Divertiu-te a *soirée*?...

—Não.

—Nesse caso...

—E' que eu não estive no baile.

—Hein ?...

—E' como te digo.

—Explica-te...

—Pouco tem que explicar. Alguem, levou o meu espirito

para outras regiões. Só o corpo —o animal—ficou nas salas.

—E qual foi a criatura que operou tamanho milagre? Quem foi esse *homem* extraordinário...?

—Não foi um homem.

—Uma mulher!?!... Ah! então compreendo tudo.

—Não compreendes coisa alguma... Senão, dize o que compreendeste...—concluiu com estas palavras a um gesto meu.

—O que compreendi?—tornei —O que qualquer compreenderia. Demais o problema é de fácil solução... Uma criatura fez-te esquecer tudo. Essa criatura foi uma mulher... Nova e bonita, não é verdade?

—Já te disse que o «animal» ficou na sala. Não viu portanto a minha companheira. A minha alma só, é que a viu... e a minha alma achou-a linda...

—Quando perderás esses ares misteriosos, quando deixarás de falar por enigmas — exclamei

azedado.— A tua frase, apesar da sua nebulosidade pedantesca, significa que a mulher era nova e muito formosa... Aliás, não podia deixar de o ser... Falaste com ela durante umas poucas de horas... Percebo tudo, repito.

—E eu repito-te que não percebes coisa nenhuma... De que julgas que estivemos conversando?

—Ora... outro espinhoso problema — disse superiormente.— Com uma mulher bonita, para ocupar toda uma noite, a materia da palestra só pôde ser uma: o amor e o galanteio; tudo isso habilmente misturado com *modas, theatros*, e um bocadinho de maledicencia.

—Bem te dizia eu. Não comprehendeste nada. Se a conversação tivesse versado sobre tais futilidades, os meus nervos não a teriam podido suportar. Falámos doutras coisas... De coisas

muito diferentes... de coisas muito semelhantes...

—Confesso... Na realidade não te compreendo... E's impossível... absolutamente insuportável... Não te entendo... nem quero entender... De que côr são os seus olhos?

—Negros.

—Os seus cabelos?

—Ebano.

—A sua péle?

—Branca de leite... a envolver um corpo tão belo, que nem parece obra da natureza...

—Apanhei-te!—bradei triunfante — apanhei-te! Que entusiasmo! E és tu, meu sonso, que nem sabias se *ela* era bonita ou feia!? Ah! Ah!... Meu caro, apesar de tudo, és um homem... Não te podes subtrair á tua mísera condição...

—Não falou o homem; falou o artista.

—Bolas!—gritei-lhe. Serenei imediatamente, perguntando:

—E quem é a misteriosa dama?

—Não sei.

—Não sabes!?

—Não.

—Pois quê!?! Não te mereço essa confiança?... Tão adiantado está já o namoro, que tens de fazer reservas?...

A esta palavra «namoro», Raul, com um gesto violento, largou-me o braço e exclamou asperamente:

—Cala-te... Ah! mas cala-te!...

—Não, antes que me digas o seu nome. E' impossível que o ignores!

—Não o ignoro.

—Então para que afirmavas agora mesmo que não sabias quem era a misteriosa dama?...

—Sei o seu nome, mas não sei quem ela é.

—Ora essa...

—Saber *quem* uma pessoa é; é conhecer a sua alma, penetrar

nos seus pensamentos; saber como pensa, como executa. Numa noite, não se pode fazer tanto. A maioria das vezes, nem ao cabo de muitos ános se logra conhecer um companheiro de muitos ános. Por isso, á tua pergunta—«Quem é?»—respon-di:—«Não sei».—O seu nome, sei-o: Marcela; a filha da Condessa.

— Desgraçado! — clamei. — Mas essa está para casar com o Maximo Liz... aquele advogado-zinho que te apresentei outro dia... Uma gloria do fôro... da elegancia, celebre pelos seus fatos... Encontra-lo todas as tardes na rua do Ouro...

— Desgraçada dela; não de mim...

Com estas palavras, parámos defronte da porta de Raul. Despedimo-nos:

— Boa noite... dorme bem...
— disse— não sonhes com o Doutor...

—Boa noite—retribuiu Raul, e desapareceu.

Continuei o meu caminho. Cheguei a minha casa, que ficava pouco distante e, lesto, meti-me entre lençois. Desdobrei as *Novidades*. Na primeira pagina, não havia nada que ler: era toda consagrada á politica. Na segunda, uma entrevista com um actor francês que no dia seguinte se devia estrear no D. Amelia, ocupou-me durante cinco minutos. Ia já a dobrar o jornal, quando as seguintes linhas da secção de annuncios me atraíram o olhar:

DR. MAXIMO LIZ

Advogado

Escritorio — Rua Aurea, 23, 1.º

... E eu sonhei com Marcela, sonhei com Raul, sonhei com o Dr. Liz...

—Tambem teria sucedido o mesmo ao meu amigo?—pergun-

tei a mim proprio quando acordei ao meio-dia...

.....

*

*

*

No verão seguinte resolvi fazer uma viagem á França, á Inglaterra e á Italia. Parti em julho; contava demorar-me até aos fins de novembro. Em janeiro do áno immediato, conservava-me ainda em Paris...

As noticias de Raul haviam sido poucas, e mesmo essas vagas: «Estou de saude... novidades, nenhuma... um abraço do teu muito amigo... etc.» Noticias pessoais—isto é, noticias da alma—faltavam. E' que ela ocultava alguma coisa.

Em março, finalmente, regresssei a Lisboa.

Encontrei outro Raul: alegre, despreocupado, nada misterio-

so... Indaguei: a alegria datava da vespera. O motivo: é que nesse dia, ajustara-se o seu casamento com Marcela...

O fim do mundo, ter-me-hia causado menos espanto...



IV

Passageira foi porém a minha admiração. Pensando, conclui que extraordinario seria não ter acontecido tal. Raul era um homem, um artista para mais; uma natureza sensível portanto. O que lhe sucedera, era fatal. O amor não poupa ninguém. As melhores intenções de o desprezar, são inúteis: alfim, lá faz êle sentir as suas influencias. No romance da vida de um homem—como em todos os romances—aparece sempre uma mulher, aparece sempre o amor. Afigurava-se-me apenas mais natural que a aventura do meu

amigo tivesse sido qualquer coisa de romanesco, e não o prosaico, vulgar casamento:

«— O *matrimonio* . . . — dizia êle muita vez — Ah! como eu abomino essa palavra! . . . um contrato mascarado com o título de «sacramento» que acorrenta inexoravelmente duas vidas; que dá todos os direitos ao homem, nenhuns á mulher! . . . Amem-se duas criaturas, entreguem-se uma á outra, visto que entre animais novos e de sangue ardente a intimidade das almas exige a dos corpos; não se sujeitem porém a assinar uma escritura e o mundo considere-os-ha criminosos! . . . E' inaudita a estupidez humana! O homem—o animal mais perfeito—querendo-se tornar num ser doutra especie, tornou-se unicamente no mais animal de todos os animais! . . .»

No emtanto, o acaso fizera com que Raul encontrasse e

amasse alguém que não lhe poderia pertencer senão por meio desse contrato. O amor, salva todos os obstáculos; não vai recuar pois diante do casamento: «verso errado em uma estrofe de alexandrinos primorosos, sonóros como bronze» — segundo a definição parvinha dum meu antigo condiscipulo anarchista e poeta...

Eis pelo que o meu pasmo se desfez, pensando melhor. Sómente—confesso—experimentei uma vaga desilusão quando vi o meu amigo descer do seu pedestal de bizzarria para a banalidade. Nessa banalidade, ia ser feliz. Eu alegrava-me por consequencia.

O casamento foi como todos. Houve trens com convidados, houve *copo-d'água* com *chauds* e *froids* e os jornais trataram largamente do successo nos «*car-nets-mondains*», «*hig-lifes*» ou

«clubs e salas». Foi um acontecimento mundano da estação; parrelha das recitas de gala em San Carlos e das *primeiras* no Dona Amelia: os mesmos espectadores, as mesmas imbecilidades.

Eu assisti ao acto na qualidade de testemunha de Raul: ao *copo-d'água*, onde só bebi copos de champanhe, e ao baile, onde não dancei.

No dia seguinte ao seu enlace, os noivos partiram para a Suíça: Iriam passar no comboio e pelos quartos de hotel, aquilo que alambicadamente se convençãoou chamar a *lua de mel*.

Ah! como ha de ser desagradavel ter-se diante dos nossos olhos, nessas noites que se devem contar entre as mais felizes da vida, um scenario inexpressivo de paredes alheias, desconfortaveis, em vez do nosso lar, das nossas coisas...

Simplesmente, a moda exige

as viagens de nupcias; preceitúa a Italia e a Suissa como os leitos conjugais por excelencia. O meu pobre Raul devia-se sujeitar á lei comum...

Mas não se sujeitou e, nisso, transpareceu o espirito doutros tempos. A's escusas, mandara preparar uma linda casinha numa sorridente aldeia do Minho, proxima da terra da sua naturalidade—Viana do Castelo. Aí, é que os noivos foram albergar o seu amôr, em doce paz, em completa solidão. Eu tinha sido dos raros metidos na confidencia. Para todos os efeitos, os esposos andavam-se a beijar por Lucerna, Zurique, Genebra, ou Basileia...

*

*

*

O que foram esses dois meses passados no Minho, não sei. Um poema de amor, de felicidade, por certo... poema que pude

entrever quando o casal voltou para Lisboa e eu comecei a frequentar, ainda com mais assiduidade, a casa do meu antigo condiscipulo. Dantes, só um homem me atraía; agora era tambem uma mulher . . . uma mulher encantadora, uma criatura ideal.

Raul e Marcela—dizia-se—não eram dois esposos, eram dois amantes. Com efeito, para a *sociedade*, existe uma grande diferença entre «marido e mulher» e amante e amante. No primeiro caso, é o amor consentido, o amor burocrata, membro de Academia; serio e circunspecto. Resume-se todo no amplexo que o sacramento consente e ordena—na produção dos filhos: «Crescei e multiplicai-vos!» Os esposos dignos devem respeitar-se até mesmo no delicioso momento em que os seus corpos se unem num feixe palpitante de carne e nervos. Devem ser comedidos no prazer, reservados na loucura: devem re-

frear os sentidos, abafar os suspiros...

O amor dos amantes, é pelo contrario, livre; livre de todas as peias, de toda a hipocrisia. Não tem que guardar reservas: pode beijar as bôcas, os seios, os corpos todos... E' a liberdade na paixão, e como é liberdade, grangeou o odio da «gente honesta»...

Tudo isto é absurdo... tudo isto é verdadeiro. Que diferença poderá haver entre a posse de duas criaturas unidas por um contrato grafado a tinta negra e a de outras a quem nada liga senão um sentimento de amor mutuo?...

E' por isto mesmo que os esposos que se amam como esposos, se não amam. E' por isto mesmo que o marido tem amantes... que a sua mulher lhe segue muita vez o exemplo...

Raul e Marcela, amavam-se verdadeiramente; quer dizer: não

se amavam como esposos. Raul era um artista. Abandonando por algum tempo a escultura, dedicava-se á arte do amor, a mais bela de todas.

A sua noite de nupcias não havia sido o vulgar estúpido e brutal momento *psicológico* — «emfim sós!» — episódio tragi-comico lamentavelmente ridiculo, que o meu amigo um dia me descrevêra assim:

«—A *candida-donzela* a quem a mamã recomendou *que obedecesse ás exigencias do marido, por mais estranhas que elas lhe parecessem*, embora já as conheça muito bem na mór parte das vezes, espera na alcôva o noivozinho de olhos no chão, de faces ruborisadas tomando uma atitude de colegial surpreendida em falta. Com efeito, habituaram-na a considerar *tudo isso* como secretas infâmias... O esposo espantar-se-hia decerto, se a fosse encontrar serena e socegada, se

no seu rosto não transparecesse a timidez ou a emoção. Poderia até duvidar da sua inocência...

«E o marido? Esse aparece também algo atrapalhado, sem saber por onde principiar, não vá a pobrezinha assarapantar-se com a insolita coisa—ela, que está morta por isso mesmo...

«Ah! meu caro, como são imbecis todas estas hipocrisias; frutos dos eternos preconceitos, da educação totalmente errada dumha especie que se envergonha da sua mãe: a Natureza...»

Bem diferente tinha sido a noite de noivos de Marcela e Raul. Espiritos desprendidos, francos e livres, *não se envergonhando de ser animais*; possuíram-se encarando o acto como o mais natural, o mais humano, visto que é êle que fabrica a vida, que fabrica os homens... Possuíram-se como amantes, não se possuíram como esposos...

V

A estátua que Raul atualmente cinzelava, era Marcela. Aperfeiçoava-a para o amor e—sem pensar na pedra—pensava agora só na sua carne; mármore ardente, palpitante... Imaginava, ensinava-lhe requintes de voluptua. Ela, de bom grado se prestava a todas as suas fantasias.

Não era banalmente no leito burguez — ás escuras — que os seus corpos se estreitavam; era em plena luz, em estofos caros e moles, nos divans do atelier, donde, na furia do amplexo, rolavam para o chão — abraçados, confundidos...

Marcela aparecia envolta em

qualquer roupagem transparente. A carne nua mostrava-se através do delgado tecido; os seios erectos oscilavam com as suas pontas rosadas a enfolarem o pânno... Ah! como êle gostava de morder esses seios! Beijava-os, mordida-os tão sofregamente, que uma vez o sangue correrá...

Raul, acabava de despir a visão perturbadora, mergulhava o rosto no mar dos seus cabelos, sorvia beijos nos seus labios, em todo o seu corpo... Adorava os seus pés de deusa; metia-os na bôca, roía-os. Beijava-lhe as pernas nervosas e brancas, enlaçava-as nas suas.

Dizia-lhe: «E's tão linda! A tua pele, meu amor, cobre toda a tua carne; distendida, sem uma prega... parece querer estoirar...»

Um dia, ela pediu-lhe que fizesse o seu busto. Ele fez uma estátua. Modelou-a numa bacan-

te ebria de luxuria e vinho, contorcida num espasmo delirante. Concluida a obra, quebrou-a: «Não conseguira — disse — reproduzir em marmore o marmore do seu corpo...»

A sua maneira de amar passou por varias fases; fez de Marcela uma cortezã grega, uma prostituta romana, uma cócóte parisiense...

Nunca lhe deixou usar espartilho. Gostava de sair com ela pouco vestida: os braços seminús, o colo a adivinhar-se, as pernas cobertas de invisíveis meias negras, cingidas por uma saia apertada. «O meu maior prazer—exclamava— seria passear com o teu corpo nú, mostra-lo pelas ruas para que toda a gente pudesse admirar a minha obra-prima! Sim! fui eu que formei, que dei fogo... vida a este corpo!...»

O viver dos dois esposos foi debicado... Mas como eram casados...

Num extase dos sentidos, os jovens pagãos, bebados de beijos, iam passando a existencia na maxima ventura. Julgava o meu amigo curado... Invejavelhe a felicidade...

.....

Uma tarde--oh! recordo me tão bem da scena — Raul disse-me para ir jantar a sua casa. Fui. Marcela appareceu sem saber da minha presença. Ao ver-me, estacou ruborisada. E' que estava positivamente núa. Vestia uma tunica que não lhe cobria as costas, que lhe deixava o peito quasi todo descoberto. Raul, ao notar a sua perturbação, soltou uma cristalina gargalhada e — voltando-se para mim— clamou:

--Já que não posso mostrar a

ninguem a minha melhor obra,
ao menos que a conheças tu...
Eu nunca tive segredos para
til...

Com um puxão, despojou
Marcela do seu leve vestua-
rio... Numa aparição ideal, eu
vi o seu corpo inteiramente
nú... Que corpo!... Nos bra-
ços, nas pernas, nos seios, ha-
via nodoas negras: eram esco-
riações de amor, compreendi...
A visão durou um segundo...
Ela fugiu chorando...

.....

Um louco... um louco, não
havia duvida...

*

*

*

Este desconcertante episodio,
assombrou-me; mas como de
Raul eu esperava tudo, o facto
não me ocupou mais do que
poucas horas.

Não obstante, muita vez eu

punha-me a pensar no meu amigo, a querer percebê-lo, penetrar na sua alma, achar o x da intrincada equação. Por diante dos meus olhos, perpassavam então as varias circunstancias estranhas da sua vida: Via-o, em criança, espancar um desgraçado, só pelo prazer de fazer mal — êle, que possuia um coração de pomba... Via-o, em adolescente, sustentar as mais singulares teorias, ser o contrario de todos os rapazes; evidenciar ideias loucas, por vezes sinistras. Mais tarde, havia o desdenhoso de tudo, o desdenhoso da arte, que se fazia artista... E que artista assombroso! No entanto, invulgar, sobrenatural nos seus processos... Finalmente, o inimigo do amor e da mulher vivia só para o amor, só para o corpo duma mulher... casado, casado á face da igreja, como toda a gente... Esta *vulgaridade* sobretudo é que me es-

pantava: Em Raul, o vulgar era a excentricidade... E a nova fase em que êle agora me apparecia? O casto doutróra, transformára-se num quasi debochado, num vicioso que se deixava esvaír nas ondas espasmodicas dos sentidos satisfeitos; que feria, mordida como uma besta-féra a carne em que saciava a sua furia!...

Para mim, profissional da observação, o caso do meu amigo era deveras interessante. Tentava resolvê-lo, talvez até por conveniencia. Com efeito, a sua fenomenal psicologia — se a lograsse compreender — daria sem duvida um belo assunto de romance.

Ah! mal supunha eu que em breve iria presenciar uma tragedia cujo protagonista seria êle proprio e que, ao contrario dos dramas vividos, teria principio, meio e fim...

Pensava, tornava a pensar

nesse estranho caracter; queria percebê-lo, mas não o percebia por maiores esforços que fizesse, e como a sua personalidade continuava a ser para mim um enigma, concluía: E' um louco, duma loucura desconhecida e muito bizarra, porê... .

*

* *

Loucura ? — Mas afinal o que vem a ser a loucura?... Um enigma... Por isso mesmo é que ás pessoas enigmaticas, incompreensíveis, se dá o nome de *loucos*...

Que a loucura, no fundo, é como tantas outras, uma questão de maioria. A vida é uma convenção: *isto é vermelho, aquilo é branco*, unicamente porque se determinou chamar á côr *disto* vermelho e á côr *daquilo* branco. A maior parte dos homens adoptou um sistema determinado de convenções: E' a *gente de juizo*...

Pelo contrario, um numero reduzido de individuos vê os objectos com outros olhos, chama-lhes outros nomes, pensa de maneira diferente, encara a vida de modo diverso. Como estão em minoria... são doidos...

Se um dia porém a sorte favorecesse os loucos, se o seu numero fosse o superior e o genero da sua loucura identico, êles é que passariam a ser os ajuizados: *Na terra dos cegos, quem tem um olho é rei*, diz o adagio: na terra dos doidos, quem tem juizo, é doido, concluo eu.

O meu amigo não pensava como toda a gente... Eu não o comprehendia: chamava-lhe doido...

Eis tudo.



VI

Uma manhã, entrando no atelier de Raul, fui encontra-lo reclinado num divan, em uma atitude pensativa, conservando sobre os joelhos uma revista ilustrada. Entrei, e os meus passos não o fizeram sair da sua meditação. Toquei-lhe no ombro dizendo :

— Ora viva o nosso artista !
Que está êle a fazer ?

Raul olhou para mim e, muito naturalmente, respondeu :

— Nada. Penso . . . Como estás ?
— Optimo . . . Pensas então . . .
E em quê ? será segredo ?

— Não. Penso nuns versos que acabei de ler.

— Hein ! ? — exclamei admira-

do — Será possível?... Tu agora lêes... e para mais versos?... Tu... tu que chamavas a todos os poetas patétihas, e, ás suas produções, laméchas parvoeiras que só servem para encher papel... para estragar papel com as suas linhas que não ocupam todo o comprimento da pagina?... E' fenomenal! Com que então agora lêes versos!?...

— Mero acaso. Remexendo papéis velhos, achei uns numeros antigos desta illustração. Umhas folhas cairam no sobrado e desdobraram-se. Ao apanhal-as, os meus olhos fixaram-se nuns versos. Instintivamente li-os. Percebo agora porquê. Ah! meu amigo, a leitura desses versos foi para mim uma revelação. Escuta-os :

— O seu autor? — indaguei.

— Cesário Verde.

Pegou no papel e numa voz sonora, leu-me com grande sentimento a seguinte poesia:

IRONIAS DO DESGOSTO

«Onde é que te nasceu—dizia-me ela às vezes—

«O horror calado e triste às coisas sepulcrais ?

«Porque é que não possues a verve dos franceses

«E aspiras, em silêncio, o frasco dos meus saís ?

«Porque é que tens no olhar moroso e persistente,

«As sombras dum jazigo e as fundas abstrações,

«E abrigas tanto fel no peito que não sente

«O abalo feminil das minhas expansões ?

«Ha quem te julgue um velho. O teu sorriso é faiso ;

«Mas quando tentas rir parece então, meu bem,

«Que estão edificando um negro cadafalso

«E ou vai alguém morrer ou vão matar alguém !

«Eu vim—não sabes tu ?—para gosar em maio.

«No campo, a quietação banhada de prazer !

«Não vês, ó descorado, as vestes com que saio,

«E os jubilos que abril acaba de trazer?

«Não vês como a campina é toda embalsamada

«E como nos alegre em cada nova flôr ?

«Então porque é que tens na fronte consternada

«Um não sei quê tocante e enternecedôr ?»

E eu só lhe respondia:—Escuta-me. Conforme

«Tu vibras os cristais da boca musical,

«Vai-nos minando o tempo, o tempo—o cancro enorme

«Que te ha de corromper o corpo de vestal.

«E eu calmamente sei, na dôr que me amortalha,
 «Que a tua cabecinha ornada á Rabagas,
 «A pouco e pouco ha de ir tornando-se grisalha
 «E em breve ao quente sol e ao gás alvejará!

«E eu que daria um rei por cada teu suspiro,
 «Eu, que amo a mocidade e as modas futeis, vãs,
 «Eu morro de pezar, talvez, porque prefiro
 «O teu cabelo escuro ás veneraveis cãs!» (*)

—E' linda a poesia—exclamei.
 —Leste-a magnificamente. Não te conhecia tal dote...

Raul conservava-se calado e sorumbatico. Eu prosegui:

—Esses versos entristeceram-te, não?

—Entristeceram.

—E porquê?

—Porque vieram aclarar no meu cerebro uma ideia que germinava ha muito nêle. Sim! E' horrivel a vida! Somos novos,

(*) Esta poesia pode ler-se na *Ilustração*—revista ilustrada, que em tempos se publicou em Paris, sob a direcção do falecido jornalista Mariano Pina—no n.º 17, do 3.º año; correspondente a 5 de setembro de 1886. Vem tambem a pags. 26 do *Livro de Cesario Verde* (3.ª edição—Lisboa, 1911).

amamos, e cada dia vai consumindo o nosso organismo, envelhecendo-nos... Assistimos, nós mesmos, á morte lenta do nosso corpo... Enquanto beijamos uma bôca ardente, enquanto modelamos a carne dum corpo divino,

«Vai-nos minando o tempo, o tempo—o cancro enorme!...»

Ah! bastante razão tinha eu quando me queria aborrecer para o *Tempo* levar *mais tempo* a passar! Não terei coragem para resistir a tamanho suplicio... O remedio é simples...

Marcela entrava nesta ocasião.

— Sabe — disse, voltando-me para ela—o nosso Raul está maduro de todo! Então não o venho encontrar preocupadissimo — imagine com quê! — com a velhice, para nós três felizmente ainda tão longe!? Diz que não tem coragem para suportar esse terrível martirio, que a solução,

aliás, é facil... Emfim, entrevi nas suas palavras um revólver apontado á cabeça!...

Marcela, sorrindo, respondeu:

—Ah! não me admiro. Louco, é êle sempre. Tem cada ideia mais exquisita... Outro dia, calcule, participou-me que a sua maior felicidade seria se eu fosse feia... muito feia... Para quê, ignoro... Que se lhe ha de fazer?...

Raul, sorriu tambem, dizendo :

—Vocês têm razão... Eu sou maluco de todo. Vamos almoçar.

E fomos almoçar. Durante o almoço, não se tratou mais das loucuras do meu amigo.

*

*

*

Embora intimo de Raul, sem se passar uma semana que não fosse a sua casa e que não jantasse ou almoçasse á sua mêsá,

a minha intimidade com sua mulher era pequena. Limitava-se á conversação banal das pessoas que se *conhecem*. Havia mesmo um certo embaraço entre nós desde a scena extraordinaria que narrei.

Algumas semanas depois daquê dia em que o escultor me parecera voltar ás suas antigas fantasias, indo procura-lo uma noite, recebeu-me Marcela: «O seu marido—informou-me—saíra para ir assistir á reunião de qualquer comissão artistica. Não se demoraria muito; uma hora, talvez... Que esperasse por êle — ofereceu-me. — Conversariamos os dois».

Aceitei de bom grado.

Ela fez-me varias perguntas àcêrca da peça que eu trazia em ensaios no Dona Amelia. Exgotado o assunto, referindo-se a Raul, principiou:

—Não sei o que êle tem... Ha uns tempos para cá, anda tris-

te... muito triste. Tenho-o interrogado. Dá-me sempre respostas evasivas: que o deixe, que é imaginação minha, que não tem nada—ou antes—que os seus nervos se ressentem do calor excessivo... Ah! mas através das suas palavras, transparece claramente a sombra de um cuidado... Ele tem qualquer coisa, asseguro-lhe.

—Nada, estou certo—soceguei-a.—Raul é dotado dum character muito estranho: ora sombrio e reservado; ora alegre e communicativo. Actualmente, atravessa uma crise de tristeza. Com tão formosa companheira, a sornidade desaparecerá em breve...

—Depois—continuou Marcela—começa ás vezes com umas divagações tão extraordinarias! Olhe, ainda ante-ontem me perguntou, sem mais nem menos, se eu me queria suicidar com êle nessa mesma noite, morrer

feliz nos seus braços!... Brincas — murmurei — mas com essas coisas não se brinca...» «Pelo contrario, falo muito a serio», — retorquiu. E era tão dura a expressão do seu rosto, tão desabitual o brilho dos seus olhos; que o sorriso me expirou nos labios. Um calafrio percorreu-me todo o corpo. Ele acrescentou: — «Não queres... não me comprehendes... E's como toda a gente... Tens amor á vida... Lastimo-te... Não serei eu que te obrigarei a mudar de ideias. Pelo meu lado — juro-te — não estou disposto a sacrificar a ninguem — nem mesmo a ti — a liberdade do meu pensamento, das minhas ações.» Em seguida, calou-se. Estas palavras incompreensíveis, afigiram-me muito. Receio que tome alguma resolução desvairada. Porquê, ignoro, pergunto a mim propria, mas não encontro nenhum motivo. Não lhe conheço preocupações

nem inimigos: nada emfim que o possa atormentar. E' feliz. A gloria do seu nome é invejada por todos. Que lhe falta?... Não sei... Ah! mas tenho mêdo... tenho mêdo... tenho mêdo dêle...

—Desconhece ainda o seu character—volvi.—Não admira. Conhece Raul ha pouco mais dum âno. Eu que convivo com êle desde a infancia, ainda não o consegui compreender inteiramente. Todavia, percebo-o, leio melhor no seu intimo do que a Marcela. Creia-me, pode socegar, não ha motivos para sustos. Se quer, eu mesmo o confessarei, prègar-lhe-hei um sermão...

—Como lhe agradeço! Como lhe agradeço!...—exclamou a minha interlocutora num grito de alma, apertando-me freneticamente as mãos—Não me atrevia a pedir-lho...

A attitude de Marcela deu-me a entender que o perigo era mais real do que até aí eu imaginara.

Misterioso perigo esse, sem duvida, como misterioso era tudo quanto dizia respeito ao meu amigo.

—E êle tem trabalhado?—indaguei.

—Não. Fecha-se no atelier passa lá horas esquecidas, mas não faz coisa alguma...

Houve um pequeno silencio. Após um instante, eu reatei a conversa, falando de quaisquer banalidades.

A's onze horas, Raul entrou. No seu rosto notava-se uma profunda melancolia; um ar vago, louco: o cabelo em desalinho, o olhar febricitante...

—Estupante a reunião?—inquiri.

—Qual reunião?...—perguntou, como se acordasse dum sonho.

Depois, coordenando subitamente as ideias, concluiu:

—Ah! sim... a reunião... Suficientemente massuda...

E, voltando-se para Marcela:
— Uma chavena de café...
muito forte... Conhaque...

Marcela, inquieta, saiu a dar as competentes ordens. Voltou com uma criada, que trouxe o café fumegante e a garrafa da aguardente.

Sem dizer uma palavra; envolto nas nuvens de fumo dum cachimbo atafalhado, o escultor bebeu três chavenas de café sem assucar.

Marcela retirou-se: «uma dôr de cabeça», pretextou. Eu e Raul ficámos sós.

— Sabes — arrisquei — ha perto de duas horas que estou cá em casa... A tua mulher teve a sublime pachorra de me aturar durante todo esse tempo...

O artista permanecia calado. Eu continuei:

— E' verdade: procurou-me hoje o Edmundo de Noronha... Quer-se ocupar da tua obra numa revista alemã onde vai colabo-

rar... Pediu-me notas biográficas... Indagou se tu serias acessível a uma entrevista. Eu assustei-o. Disse-lhe que desistisse do seu intento... Fiz bem? .. Fiz bem ou não?... Não respondes?... O' homem emudeceste! ?...

—Ah! falas comigo?...—murmurou.

—Parece que sim... Ouve-me, Raul... Eu sei que tens andado muito triste, muito preocupado? Que tens?

—Queixas de Marcela, já vejo... Que séca... Deixa-me, faze favor?...—e amarfanhava nervosamente o guardanapo.

—E' certo;—respondi.—Marcela falou-me das tuas estranhas maneiras destes ultimos dias. Eu soceguei-a e quis-me socegar a mim proprio; mas, desde que entraste, bastou-me olhar para o teu rosto para verificar que ela tinha razão... Vinhas carrancudo, sombrio... Pediste café... Bebeste sofrega-

mente umas poucas de chavenas... Agora, envenenas-te com o teu cachimbo... sempre sem dizer uma palavra... A gente fala contigo; não ouves... Interroga-te; respondes a custo e como se o teu espirito pairasse por etereas regiões... Que tens, dize!

Nada, homem.

—Alguma coisa!...

—Coisa nenhuma.

—Não me tentes enganar. E' inutil. Repara que te conheço ha muitos ános. Aprendi a ler no teu rosto... Que diabo! Não serei eu o teu amigo — o teu unico amigo, como me tens dito tanta vez!?... Então, para que são esses segredos? Para quê?... Para quê?...

—Não tenho segredos. Se estás com vontade de massares alguém, vai ter com outra pessoa. Eu é que te não estou para aturar!...

Levantou-se num movimento

brusco; ia a saír da sala, mas agarrei-o por um braço :

—Não me escapas!

E olhando-o fixamente :

—Tu tens alguma coisa! O que é? Para que falaste outro dia a Marcela em suicídios e não sei que mais?...

—Ah! ela contou-te!? — exclamou Raul com vivacidade.— Divagações...—terminou sereno.— Não me conheces?

—Demasiadamente; e por isso mesmo é que desejo saber tudo. Alguma ideia fixa te rói a imaginação; alguma daquelas fantásticas ideias que são só tuas... O teu cerebro anda doente, meu pobre Raul... Precisamos tratar dêle, cura-lo...

Passados alguns instantes, num grande desalento, o meu amigo concordou vencido :

—Anda doente o meu cerebro?... Sim... sim, muito doente... Um sofrimento horrível...

—Vamos, desabafa!

—Sabes donde venho?

—Da reunião duma comissão qualquer...

—Com efeito, devia vir daí... Mas não... Vagueiei durante tres horas pelas ruas da cidade... a pensar... a pensar...

—A pensar em quê?

Como se não me tivesse ouvido, proseguiu:

—Tu não podes avaliar o tamanho do meu suplicio... Não podes... A tua alma não comprehende a minha... nem a tua, nem a de ninguem. Tenho horror á vida... meu amigo, tenho horror á vida... Tenho horror á morte; menos horror talvez... mais horror... ignoro... Não posso viver, não posso viver... Não quero morrer... não quero morrer... E' horrivel... horrivel... Que ando a fazer neste mundo? O mesmo que as outras pessoas, bem sei... Ah! mas é justamente isso que me aterra, que me horrorisa... Vivo como todos, á espera da

velhice, percebes? A' espera da morte, comprehendes?

Eu não compreendia nada. Ia a interrompê-lo. Ele continuou:

—Hoje sou novo... Marcela é nova... Somos belos... Os nossos corpos, esbeltos, flexíveis... Os nossos labios, ardentes; os nossos órgãos, vigorosos... Amamos e sabemos e podemos amar... A carne dum deseja a carne do outro; palpitando ao lado dela, esvai-se delirante, arfa morta de prazer... Dos nossos corpos bróta a vida... Amamo-nos, somos novos... somos felizes... Mas amanhã?... Amanhã... Terrível! Seremos velhos... A carne amolecida, já não desejará a carne; ou, se a desejar, em vão se esforçará por fremir aos deliciosos contactos. O fóco da vida, apagado, não inflamará os sentidos... A alma, que nunca envelhece, que ama sempre, já não saberá nem poderá amar!...

Diante dum corpo encarquilhado e frio, eu recordarei esse mesmo corpo quando ele era fogo... marmore... marmore que ardia... Recordarei prazeres estonteantes em horríveis despojos... Morrerei de sede, junto da fonte onde outróra tanta vez bebi a vida a haustos largos... Recordar é morrer... E eu não tenho coragem para morrer desta maneira... Não tenho! Não hei de morrer assim!... Lembrar-me que cada dia me aproxima dessa hora fatal e não podêr... não poder obstar a que os dias passem!... Ah! meu amigo, o meu cerebro está doente... muito doente... Nada o curará... Se eu pudesse pensar, encarar as coisas como todos as encaram... Mas não posso... não posso... A minha alma é diferente de todas as outras almas!...

— Enlouqueces! — bradei eu, que admirado e aterrorizado, reconhecia o antigo Raul com a

sua antiga loucura.—Expulsa esses pensamentos alucinantes... Distrai-te, trabalha... Ama a tua linda mulher... Para que te mates com essas ideias que, nota bem, te podem conduzir á loucura?...

—Enlouquecer!—murmurou—
Suma felicidade! E' um remedio... um remedio talvez preferivel áquêle que eu tinha achado... Porque, sabes, eu já tinha encontrado um remedio para este martirio... Se Marcela pensasse como eu, podiamos ser tão felizes... tão felizes... Morrer nos seus braços... a beijar-lhe a boca... a morder-lhe os seios... Morrer com ela... com os nossos corpos entrelaçados... num extase supremo dos sentidos... da alma prestes a evolar-se... Ah! como seria bom... Morreríamos romanticamente, numa noite de luar, rodeados de flôres... de orquideas... de rosas... de muitas rosas... Gos-

tava tanto de morrer assim... tanto... Para morrer só, faltame a coragem... tenho medo... Mas ela não pensa como eu... ela pensa como todos... Ela gosta da vida... da vida... da vida... da vida!...

E Raul, num grande desvairamento, gritava-me por entre soluços:

— Pede-lhe... pede-lhe que consinta... que me salve desta tortura atroz... que morra comigo... Pede-lhe! Pede-lhe!...

— Cala-te! — ordenei horrorizado. — Tu não sabes o que estás a dizer!... Cala-te! cala-te!... Endoideceste certamente!...

Empurrei-o para diante dum espelho e fiz-lhe ver o seu rosto transtornado, as suas faces rubras gotejantés de suor.

— Contempla a tua fisionomia... Vês? vês?... tens na tua frente a imagem da loucura... Vamos, socega... E' esse café fortissimo que te agita o cere-

bro... Vai-te deitar... Dorme... Falaremos amanhã...

— Tens razão — disse em voz baixa e serenando — Vou dormir. E' o melhor que tenho a fazer. Dormir, é a maior felicidade desta vida... Adeus. Vou dormir... dormir muito...

Desapareceu.

Interdito, dirigi-me para a porta da escada. Abri-a e saí. Na rua, o ar, apesar de quente e abafadicho, deu-me a impressão duma atmosfera purissima, duma brisa fresca que me afagava... que me deliciava...

Porque eu saíra dum pesadelo terrivel... a arder... a arder em febre...

.....

VII

Decididamente, o caso do meu amigo era grave. Debalde me preocupava em busca dum meio que o remediasse. A primeira coisa a fazer seria obriga-lo a consultar um medico. Mas como obter isso de Raul?

Perdia-me imaginando estratagemas conducentes a tal fim, quando numa tarde de chuva e vento fui encontrar o escultor no seu atelier, envergando a blusa do trabalho e com as mãos atascadas em gêsso. Trabalhava evidentemente, o que ha muito não acontecia. A tristeza dos ultimos tempos parecia ter passado por completo; o seu rosto apresenta-

va agora uma expressão desanuviada e serena. Disse-lhe:

—Olá. . . Com que então temos obra?

— Sim. Um bustozito sem importancia. . .

— Estimo. Estavas um preguiçoso. Desde que te casaste ainda não produziste nada!

— E' verdade. Nem um filho.

Sorriu e perguntou:

— Olha lá, tu sempre fizeste aquela coisa de que me falaste em tempos?

— Qual coisa?

— Esse episodio ou não sei quê dos amores celebres. . . Dois noivos, diante dos quais desfilariam todos os grandes apaixonados: Marco Antonio e Cleópatra. Petrarca e Laura, Camões e Natercia. . .

— Ah! — exclamei indiferentemente. — Nunca mais me lembrei disso. Porque mo perguntas?

— E' que se tu consentisses, eu aproveitava a ideia.

— O quê!? Vais-te meter a poeta?... — bradei assombrado.

— Vou.

— Tenho portanto nã minha frente um colega?... E' estupendo!...

— Perdão. Os teus versos são escritos. Os meus serão cinzelados. Percebes?...

— Ah... Desejas tratar o assunto em alguma escultura?

— Exactamente.

— Bela ideia! Eu farei depois um poema sobre a tua inspiração. Vês, assim colaboraremos os dois. Lembras-te? «O escultor faz corpos — dizias — o escritor faz almas...» Da nossa colaboração vai sair a vida!

— A vida...

Esboçou um sorriso amargo, as suas feições contraíram-se mas a amargura durou um momento. Em breve, cheio de entusiasmo, me descrevia o plano da sua obra.

.....

O meu amigo trabalhava ! Estava salvo. Para certas enfermidades, o trabalho é um grande medico.

*

*

*

Na obra estranha de Raul Vilar avultam como monumentos duma factura admiravel, o grupo *O Alcool* e o baixo-relevo *Amor*— a sua obra-prima — que pertence hoje a um milionario americano, rei de qualquer coisa. O governo portuguez, sempre predisposto a inuteis prodigalidades, não teve alma para desembolsar os setenta contos que o seu anterior proprietario exigira por essa maravilha da arte nacional.

Descrever tal obra seria, além de impossivel, inutil, visto que toda a gente a conhece, pelo menos nas reproduções que dela fizeram todos os jornaes e revistas.

O *Amor* foi exposto no *Salon* de 1904, o penultimo realizado em vida do artista, que faleceu em fevereiro de 1906.

Esse trabalho dum estrangeiro, reuniu em volta de si as principais atenções da critica parisiense. Longos artigos lhe foram consagrados. Um deles proclamava Raul Vilar como o maior escultor contemporaneo. A *Illustração* francesa, adotando esse epiteto, epigrafou com êle o seu retrato no mesmo numero em que publicava uma soberba fotogravura do baixo-relevo.

Depois do successo do *Amor*, o meu amigo começou trabalhando com uma actividade febril. De toda a parte lhe choviam as encomendas. Pensou até em se estabelecer em Paris. Não o fez por causa de Marcela, que se desgostaria longe dos seus pais, das suas relações.

— E mesmo porque não posso

passar sem as tuas parvoices !— explicára-me.

«Agradecia-lhe profundamente a sua gentileza» — assegurei-lhe.

Foi nessa epoca—fins de 1904 a meados de 1905—o periodo de maior actividade do artista.

Ele, até aí, fôra como que um amador de genio; só então se transformou num verdadeiro profissional.

Nesse trabalho incessante, prodigioso, esqueceria todas as suas extraordinarias ideias, julgava eu.

Nem tinha tempo para conversar comigo; abandonava a sua mulher. Marcela por mais duma vez se me queixou. Eu dizia-lhe:

—Paciencia... Agora, estamos na crise do trabalho. Ela passará... como as outras...

.....

*

*

*

Foi pelo Natal desse âno de 904 que Patricio Cruz se suicidou em Rilhafoles, depois de varias tentativas, apesar de toda a vigilancia. Descobrira com efeito—nunca se apurou como—que a sua *operação* não passara duma comedia.

A noticia impressionou-me de veras, tanto mais que supunha Patricio inteiramente curado da sua bizarra mania, proximo a sair do manicomio.

Raul, ao saber do acontecimento, pediu-me pormenores. Foi mesmo a unica vez durante a sua fase trabalhadora, que se demorou comigo cêrca de meia hora.

Depois de eu lhe ter contado tudo quanto sabia, perguntou-me:

— E qual é a tua opinião a respeito de Patricio ? Um doido ? ...

— Certamente — afirmei —
Quem o pode duvidar?

— Eu.

— Tu?

— Eu, sim.

— E em que baseias as tuas
duvidas?

— Em coisa nenhuma. E' um
segredo pensamento que mo afir-
ma. Enganaram-se vocês e os
medicos com isso a que chama-
ram loucura. O vosso espirito é
demasiadamente acanhado para
compreender tudo quanto não
seja o comum... o vulgar

Iria Raul ser obcecado por
outra nova mania?—reciei.—Iria
tambem julgar-se possuidor do
orgão do sexto sentido?

Passados poucos dias, soce-
guei porém. O escultor voltava
á sua febre de trabalho.

Se narro este episodio, que
aparentemente se poderia julgar
inutil, é porque êle indica que
mesmo na epoca em que o espi-
rito do meu amigo parecia livre

de todas as excentricidades e preocupado unicamente com a sua arte, surgia entretanto, nestas e noutras circunstancias insignificantes, o antigo cerebro nebuloso, incompreensivel...

Isto, percebo-o agora. Na ocasião, pouca importancia liguei ao facto. Continuava perfeitamente socegado. As faculdades mentais de Raul já não me inquietavam.



VIII

Desde este ponto, torna-se mais difícil reconstituir a tragedia dessa alma, estudar o seu desenvolvimento até ao resultado final. Pequeninas coisas, á primeira vista insignificantes, mas que hoje me voltam ao espirito; vagas recordações, uma palavra aqui, outra ali; e — sobretudo — umas paginas, fragmentos duma especie de diario desordenado que achei entre os papeis do meu infeliz amigo, vão-me auxiliar nessa reconstituição. Nas minhas conjecturas creio todavia não me afastar muito da verdade.

*

* *

Para a realização das suas obras, Raul necessitava de modelos. Assim, a sua *Afrodite* foi modelada diante do corpo nú de Luisa Vaz, uma criaturinha que teve a sua hora de celebridade em Lisboa.

Atrizeta, estreára-se num teatro de feira, cantando indecências. Daí, passara para o Avenida, onde, graças á sua beleza escultural, logrou ser notada. Os jornais falaram dela—mexera os cordelinhos o apaixonado crítico de certa gazeta politica—e o caso foi que dentro em pouco, se ia ao Avenida só por causa da Luisa Vaz.

Com uma nova revista de âno o successo aumentou.

Por essa ocasião procurava Raul um modelo, sem encontrar nenhum que o satisfizesse plena-

mente. Falando do assunto a Edmundo de Noronha, o jornalista lembrou-se da Luisa. Levou-o ao teatro e apresentou-lhe a *estrela* que, pressentindo um óptimo reclamo, aceitou a proposta entusiasmada.

O escultor não ocultou o facto a sua mulher. Como lhe parecesse que ela não recebera a noticia a sangue-frio, indagou:

—Porque te pões amuada? Não queres que eu trabalhe? Ciumes?... Ah... ah... Um modelo é um manequim sem vida... uma *coisa* apenas... uma coisa bela, é certo.

—Ela não é um modelo.

—O que é então?

—Uma actriz.

—Ora... Ora... — voltou Raul—que faz isso?

—Muito. Já uma vez te servi de modelo, e lembro-me perfeitamente de que não fui para ti *um simples manequim*...

—Que milagre! Eu amo-te...

E's a minha mulherzinha... e as outras... pf!...—concluiu com desprezo.

Convencida ou não, Marcela resignou-se. Raul começou trabalhando com Luisa.

Seriam castas, meramente artisticas, as suas intenções; porém o meu amigo era um homem... Quer dizer, não teve animo para repelir as provocações da viciosa garota. A sua carne palpitou e—só com a carne—amou a estonteante atrizita. Num embriaguez dos sentidos, possuiu-a nos mesmos divans desse atelier, onde costumava estreitar o corpo de Marcela. Horrisado com o «sacrilegio», determinara não o repetir, mas... O eterno, *mas*: a carne é fraca...

Durante execução da *Afrodite*, depois de uma hora de trabalho, seguiam-se duas de amor se amor se pode chamar á pratica luxuriosa dos vicios mais requintados. Dizia-lhe a Luisa:

—Eu quero que tu me me ames como eu te amo... Com todo o teu corpo: com as mãos... com os braços... com a bôca...

E deste modo se amavam na realidade... Com a bôca principalmente...

Tudo isto veio a terminar com a conclusão da estatua. Livre dum intimidade forçada, Raul absteve-se de a continuar; aliás com grande desgosto do modelo.

Afrodite é uma obra do autor do *Alcool*, o que equivale a dizer: uma obra-prima: contudo, entre todas as outras, talvez a menos notavel. E' uma estatua vigorosa, classica, impecavel; por isso exactamente, o genio não se manifesta nela com a mesma pujança.

Foi por este tempo que eu vi Marcela perder a sua habitual alegria: os labios descorados, os olhos pisados, indicando lagrimas, evidenciavam qualquer des-

gosto. Esperei que me escolhesse para seu confidente, como já tinha feito uma vez. Calava-se. Decidi-me a interroga-la. Respondeu-me evasivamente. Não insisti.

O motivo dessa tristeza, conheci-o mais tarde. Marcela descobrira as relações de Raul com Luisa. Entre os dois esposos houve pela primeira vez uma scena. Raul exorbitara ao principio. Depois, reflectindo, implorara o perdão com soluços, jurara eterno arrependimento... Tudo quanto pediu, obteve...

*

*

*

O escultor, continuando a trabalhar, continuava a precisar de modelos. Luisa, porém, fôra banida. Mesmo, passado pouco tempo, emigrou para França, pelo braço daquele palido viscondezinho do Avelanal, que veio a morrer tísico em Davos. A Luisinha

ficou por Paris. Os bons patriotas podem aplaudi-la atualmente na revista do *Marigny*, onde — debaixo do nome de «Mlle. Hydxawkitch, la belle Indienne» — executa, pouco vestida, uns equivocos bailados orientais...

Não obstante, Marcela vivia numa continua desconfiança. O seu «amorzinho» atraíra-a uma vez. Não seria natural que ficasse por aí... A boa-paz, a felicidade anterior, eram agora obscurecidas por passageiras nuvens.

Quando Raul se dirigia para o atelier, Marcela, que dantes o incitava ao trabalho, sentia uma grande amargura:

— Já não gostas de mim — dizia-lhe com subitos arremessos — parece que me foges... que te aborreces ao meu lado...

— Maluca! — insurgia-se êle. — Amo-te... Eu amo-te como nunca te amei...

— Não te acredito. Mentiste-

me já. Nada me assegura que fales verdade neste momento.

—Ah! Marcela... Marcela — exclamava Raul com ardor — has de me acreditar!... Um dia, dar-te-hei uma prova concludente... Ainda não sei como, mas juro que te has de convencer!... Será a maior... a maior prova de amor!...

Ela, ciumenta como meridional de lei, espiava o seu marido. Não o encontrando em falta, o seu coração desanuviou-se. Com a confiança, voltou a felicidade, a alegria doutróra...

.....

Raul trabalhava sempre. «Está curado, não ha duvida»—pensava eu comigo. Esqueci as suas estranhezas.

O seu character transformara-se, tornava-se, segundo tudo parecia indicar, lucido e sensato.

Como me enganava... Como me enganava...

IX

Passaram-se alguns meses. De subito, o meu amigo abandonou de novo a sua arte. Percebi que fôra para se entregar exclusivamente ao marmore divino do corpo de Marcela.

Fugira de Lisboa, a refugiar-se numa linda vivenda que possuia perto de Colares. Um dia escreveu-me: «Que fosse jantar com êle», pedia. Fui. Cheio de assombro, encontrei o Raul sombatico e misterioso doutros tempos. Pelo contrario, sua mulher exuberava de ventura.

Jantámos. Resolveu-se que eu

não regressasse á capital senão no domingo proximo. Depois da refeição, Raul quis sair comigo. Marcela ficou em casa.

Era noite; uma noite tépida, estrelada; no emtanto, escura, á falta de luar.

O meu amigo levou-me para a estrada da Praia das Maçãs. O silencio era absoluto. Só num momento veio perturbar a solidão o ultimo electrico da carreira «Cintra-ao-Oceano».

O escultor, que até aí me falara por monosilabos, apertando-me o braço com força, exclamou bruscamente :

—Ah! não calculas como sou desgraçado... não podes calcular...

—Desgraçado, porquê?—indaguei.

—Por muitos motivos.

—Enumera-os.

Não respondeu logo. Foi só passados alguns minutos que começou, como se continuasse—fa-

lando—o curso dos seus pensamentos mudos:

—E' horrivel... Marcela não me acreditava... Eu menti-lhe uma vez... podia-lhe mentir muitas... Agora diz que me acredita... Mas duvido... Porque ha de ela acreditar? Eu não lhe dei provas... *Ainda lhe não dei a prova...*

—Com os diabos!—atalhei— Que significa todo esse aranzel? De que é que tu duvidas? Em que é que a tua mulher não acredita?...

—No meu amor.

—Hein! ? — bradei espantado.

Ele então contou-me pormenoradamente as suas relações com Luisa Vaz e os ciumes de Marcela.

—Tonteiras!—soceguei-o—Ela ama-te; já esqueceu tudo isso. Não vês como a felicidade brilha radiante no seu olhar, em todo o seu rosto? Como ri, descuidosa, nas suas cristalinas gargalhadas?...

—E' justamente essa alegria que mais me martirisa. Não sei se será uma simulação. Ela ama-me, embora desconfie de mim. Talvez se finja alegre para dissipar a minha tristeza.

—Parvinho!—brami—Marcela nem sequer nota o teu ar de tirano romantico. Enebriada com a ventura de te sentir novamente todo seu, não pensa senão nos teus beijos...

—E' possível... Mas não sei... não sei... E outra suspeita mais amarga... muito mais amarga me perturba o espirito, me dilacera... Ela disse-me muita vez: «No dia em que tu me enganares, tambem eu te enganarei: E' a pena de Talião, meu rico...» Ela sabe que a enganei... que tive uma amante... Vingar-se-hia? Ah! vingou-se decerto... todas as mulheres são vingativas... A sua alegria é da vingança. Fugi, vim-me isolar para aqui, por isso mesmo....

—Com que então, armas ainda por cima em ciumento?—clamei—Fazes o mal e a caramunha... Ora... Ora...

—Ciumento? Sim... tenho tido ciumes... muitos ciumes... De ti, sobretudo. E's o meu melhor amigo... e *isso* acontece sempre com os melhores amigos...

Tapei-lhe a boca indignado:

—Repara no que dizes, hein!?

—Perdôa-me... perdôa-me—implorou.—Sou tão infeliz... tão infeliz... Ela é tão bonita... tão bonita... Todos a desejam... todos a despem com os olhos... Todos ambicionam os seus beijos... o seu corpo... o seu corpo...

—Mas cala-te maluco!—ordenei—Marcela é uma mulher honestissima. Não a calunies... Ela ama-te muito. Essa é a melhor garantia...

—E eu?... eu não a amo?... Ah! ninguém sabe como a amo... Contudo...

Compreendendo o seu pensamento, interrompi-o:

—Um caso fortuito... uma embriaguez momentanea, perfeitamente explicavel e natural...

—Ela é tão bonita... tão bonita—balbuciava sem me ouvir.

—O' homem, fizéste-te Otelo á ultima hora?—continuei—Tu, demais a mais, se bem me recordo, consideravas dantes o ciume como a maior estupidez humana...

—Nesse tempo não amava; hoje amo.

A razão era poderosa. Mudei de rumo:

—Meu pobre amigo, a loucura tornou-se a apossar de ti. Tudo quanto me tens dito hoje, são loucuras. Marcela ama-te, perdoou-te. Ama-a pois tambem e sejam felizes... tenham muitos meninos...

—Se eu pudesse —murmurou num tom vago—se eu lhe pudesse provar o meu amor...

Mas não encontro nada... não encontro nada... Prometi-lhe a *maior prova de amor*... não cumpri a minha promessa. E' terrivel... querer demonstrar a Verdade e não poder... não poder...

—Olha, meu caro, a melhor prova que podes dar é deixares-te de maluquices. Possues todos os elementos para seres venturoso. Aproveita-os. O que tens estado para aí a dizer não passa de doideiras, repito-te.

Acendeu um charuto e, com uma voz profundamente melancolica, velada, disse mais:

—Eu não soffro só por isso, não... Ontem arranquei um cabelo branco. E' a velhice... o «fim» que se annuncia... Viver para morrer... Ah! como é horroso... como é horroroso... O Tempo caminha com uma velocidade tão grande que, num segundo, avança um segundo; num minuto, outro minuto; nu-

ma hora, outra hora. E' abominável!... Vai-nos destruindo a cada instante... ininterruptamente... inexoravelmente...

—«O tempo... o tempo... o cancro enorme» — recitei com ironia, lembrando-me do verso do poeta.

—Sou um desgraçado... Um grande desgraçado, acredita...

—Não te lastimo. Invejo-te.

Calámo-nos. «O meu amigo—pensei durante o silencio—atravessava outra crise. Alegrara-me antes de tempo com a sua cura. O medico era indispensável.»

Todavia, dali a pouco, Raul conversava despreocupado. Interrogava-me sobre os meus projectos, informava-se do meu novo romance. Amigavel e sensatamente, cavaqueámos perto de uma hora.

Voltámos para casa; tomou-se o «chá e torradas» burguez.

Fui-me deitar; adormeci. Sem

um sonho, acordei com os gorgeios dum pintasilgo numa esplendida manhã de sol.

O meu amigo, mal me viu, participou apertando-me febrilmente a mão: —

—Achei!

—O quê?—perguntei admirado.

—O meio de lhe provar o meu amor... de fazer parar o tempo... de ser muito feliz... muito feliz... para sempre...

—E qual é esse *meio*?—acrescentei.

—Não te posso dizer.

—Não digas... Deixa-me rir... deixa-me rir...

—Ri-te—volveu—Ah! tu não me compreendes... não compreendes nada... Verás... Talvez te não rias... Eu rir-me hei... serei feliz... feliz... Que importa o mais?...

Ouvindo estas palavras incompreensíveis, perturbadoras, estremeci. «Que novas loucuras

ideará?»—perguntei a mim proprio, inquieto.

Mas, exuberante de mocidade, jubilosa e risonha, Marcela veio anunciar o almoço :

—A cosinheira, hoje, fui eu—declarou.

—Comida de deuses vamos ter—galantie.

A refeição foi alegre, Raul—provavelmente satisfeito com a sua *descoberta*—perdera a melancolia: falou e gargalhou conosco.

«Tontice efémera»—imaginei: e, três dias mais tarde, quando me despedi dêle na estação de Cintra, esquecera já todos os seus devaneios.

X

Em novembro, regressaram a Lisboa. A tristeza do meu amigo dissipára-se. A febre do trabalho tinha abrandado. Tudo caminhava para o perfeito equilíbrio.

Marcela, alegre e descuidada, já sem a minima recordação da passageira amante, radiava amorosa e feliz. Emfim, tudo parecia estar bem...

.....

Tudo estava mal.

Quando uma ideia fixa se apodera de um cerebro doente, só

a custo perderá a sua fixidez. Era nisso que eu não pensava; era nisso que eu devia ter pensado.

Se Raul se mostrava esquecido das suas manias, despreocupado e jovial, era precisamente porque, mais do que nunca, se deixara apossar por elas. Provam-no as suas notas diárias que nesta época abundam: bizarras, nebulosas, indecifráveis na maioria. Uma página extracto para aqui, textualmente:

Lisboa—dez. 30-905—2 h. madrugada.

Durmo, julga ela... Não durmo. Escrevo. Não posso dormir. Ela dorme. É feliz? Sei lá...

A Vida... Ao inventar-a, a Natureza—Deus, o Criador, se preferem—lutou com a maior das dificuldades. Não a resolveu. Oh! não... não...

.....
*Como se forma o individuo?
 Com o prazer...Fabricar vida é*

uma necessidade...deliciosa, viciosa portanto. A Natureza compreendeu que ninguem faria vida se não fosse por interesse..., para gosar... E faz-se a vida só por isso... por isso só...

.....

Era difícil, complicada a empresa; tão complicada que Deus não a pode simplificar... Não pode... nem soube. O filho, quando nasce, martirisa, tortura a mãe... mata-a muitas vezes... e não ri ao chegar ao mundo... Não ri... chora... grita...

.....

Eu vivo. Nunca fiz vida. Fui mais sensato, gosei apenas...

.....

Procriar, é uma malvadez: é fazer desgraçados. É um crime matar, preceituam as leis. Crime muito maior é fornecer assassinos.

.....

O filho devia amaldiçoar os pais. Foram eles que o condenaram á existencia... ao suplicio eterno...

.....

Só ha uma coisa pior do que a vida; é a morte.

.....
Se a humanidade fosse inteligente, se porfiasse, acabaria com os homens. Ventura suprema! Suprema superioridade! Demonstraria que tinha mais força que o Criador: destruiria a sua obra infame.

Mas ninguém quer domar os sentidos; com os sentidos, ninguém sabe ser hipócrita...

.....
A morte era a recompensa da vida. Os homens que estragam tudo, estragaram também essa recompensa: inventaram a alma, o inferno e o céu.

.....
Só se compreende o compreensível. O Universo é incompreensível para os homens. Por isso estes o admiram, pasmam alvarmente diante dessa chôcha «maravilha»...

.....
A vida faz doer. E a morte?

.....
O amor, hei de prova-lo. É subli-

*me, não admite duvidas. Elevar-me-
hei acima de todos. Um genio? Um
doido... um criminoso!!! Ah!...
Ah!...*

.....
*Daqui a pouco tempo. A maior
prova de amor... a maior prova de
amor...*

.....
*Se eu não fosse um homem...
ai! se eu não fosse um homem...*

Estas linhas trasladei-as, só para exemplificação. O sentido é obscuro; a disposição incoerente, desordenada; tudo cheio de razuras e de borrões. As referencias á «maior prova de amor» abundam nas outras paginas, em frases cada vez mais embrulhadas.

*
* *
*

Desde este momento, os acontecimentos precipitam-se.

Uma manhã, depois do almoço, Raul, que durante a refeição

se conservara jovial e galhofeiro, duma exuberancia nêle pouco vulgar, voltou-se para sua mulher e disse-lhe de chofre:

—Amanhã é o dia. Amanhã vais finalmente ficar convencida... acreditares-me...

—Acreditar-te? Acreditar em quê?...

—No meu amor.

—Duvido dêle por acaso maluquinho? — Beijou-lhe a mão numa caricia muito sua.

—Prometi-te provas. Ainda não cumpri a minha promessa. Fa-lo-hei ámanhã.

—Assustas-me... Lá voltas ás tuas exquisites.

—Não ha motivos para sustos, juro-te. Vamos ser muito... muito felizes... Nem tu imaginas...

Os olhos relampejaram-lhe. Os seus labios sorveram um beijo brutal na bôca de Marcela.

Esta scena, relato-a segundo as paginas do diario. Com efei-

to, nesse dia o escultor encheu com os seus pensamentos, com a exposição dos seus planos, quasi dois cadernos de almoço.

*
* *

Na noite do suicidio, Raul que passara toda a tarde fechado no atelier, mostrou-se muito alegre. Eu jantei com êle.

Sem aludir á conversa da véspera, disse entretanto para Marcela :

—Hoje havemos de nos deitar muito tarde... muito tarde... Sim, queridinha?

—A's horas que tu quiseses... —sorriu intencionalmente.

Eu sorri tambem. Advinhara uma noite de amor; por isso, despedi-me cêdo, discretamente.

A' uma hora, deitados os criados, Raul encaminhou-se com Marcela para o atelier. Antes de entrar, perguntou:

—Sabes o que vamos fazer?

Se ela o sabia... Ali dentro tinham-se passado os mais deliciosos instantes da sua vida... Ali dentro, cada movel, cada objecto, recordava-lhe um beijo, uma caricia, um amplexo... Se não sabia o que iam fazer... se não sabia...

Raul abriu a porta. Marcela soltou uma exclamação. A sala estava profusamente iluminada; flôres por toda a parte, os pesados reposteiros de veludo dourado, corredos.

Obrigou-a a entrar. Fechou a porta sobre si; impeliu-a para cima dum sofá e, ajoelhando aos seus pés, exclamou:

—E' chegado o momento. Vais acreditar... Vou-te convencer da grandeza sobreumana do meu amor!... Escuta-me: Não se ama uma velha... uma criatura enferma... uma criatura disforme... O amor que devia ser um sentimento todo da alma, é um sentimento

só dos sentidos. Ama-se porque é bom amar... esvaírmo-nos na derramação de um liquido peganhento... asqueroso... O amor é uma distração... como o teatro... como as festas de igreja... Ama-se uma mulher porque ela é linda... por causa dos seus cabelos, dos seus olhos, da suabôca... de todo o seu corpo... Pode-se amar uma mulher feia pelos seus vícios estonteantes, perversos... Ah! masninguem ama um corpo sem fogo, um corpo de carne mole e repugnante; ninguém beija um rosto sem nariz... uns olhos cegos, uns labios contraídos na crispação de uma ferida mal cicatrizada... Pois bem! Fosses tu cega, fosse o teu corpo todo uma chaga, e eu amar-te-hia com o mesmo amor... com maior amor!... Sim! Marcela, eu amo-te acima de tudo!... Ah! eu gosto dos teus beijos... da tua carne... gosto de enlaçar as minhas pernas nas tuas... Mas isso que vale! ? O que amo, é a tua alma e

essa, seja feio o corpo, será sempre bela... ama-la-hei sempre... sempre... sempre!... Não me acreditas... não crês o meu amor tão forte... Vou-te provar que não minto... *Vou-te dar a maior prova de amor...* Beija-me... dá-me a tua bôca... preciso de coragem... de muita coragem.. Ouve-me, compreende-me, e não tenhas mêdo: Vou despedaçar a obra-prima do teu rosto... torna-lo numa cicatriz hedionda, onde não se conheçam as feições... sem olhos... sem labios... Vou queimar os teus seios... sujar para sempre a brancura imaculada da tua carne... E assim, um monstro repelente, continuarei a amar-te, amar-te-hei muito mais, porque todo o tempo será para ver a tua alma... a tua querida almazinha... Não tenhas mêdo... não grites... não grites... Vais ser muito feliz... Vamos ser muito felizes... De hoje em diante, nenhuma nuvem

obscurecerá o céu azul da nossa vida... Já não recearei o Tempo... o Tempo não envelhece um corpo chagado... a morte não o desfeia... Que os ânos passem... que venha a morte... Nada nos importará... nada... Vês... vês como vamos ser venturosos ?...

E, numa alucinação, num delirio de loucura, correu a uma prateleira... pegou num frasco...

Marcela, aterrorisada, ainda sem perceber, tentava fugir, encontrar uma saída, chorava e gritava...

Raul, pondo-se em frente da porta, bradou:

—Não fujas... não chores... Isto é vitriolo... Vou-to lançar ao rosto... espalha-lo pelo teu corpo... *Vou-te matar o corpo para dar mais vida á alma...* Vou-te dar a eternidade... fazer parar o tempo... Espera... não grites... não tenhas mêdo... nem faz doer... nem faz doer ..

E mesmo que fizesse... E' para seres feliz... muito feliz...

A desventurada fugia diante dele, num grande desvairamento. Raul, por fim, agarrou-a. Preparava-se para lhe atirar o liquido, exclamando enraivecido:

—Miseravel! E's como as outras... Gostas de ser bonita... gostas de excitar os homens... Devassa... Devassa!... Vou escangalhar toda a tua beleza... vais ficar horrorosa... Todos fugirão de ti... ninguem te quererá... mas eu quero-te... quero-te... Meu amor... Meu amor!...

Marcela, num arranco supremo, cravou os dentes na mão que empunhava o frasco. A dôr foi tão forte que Raul o largou. Caiu no sobrado, porém não se quebrou nem se desrolhou.

Marcela pôde então ganhar a saída, fugir.

O escultor, como que prega-

do ao solo, não passou a porta. Com os olhos desmesuradamente abertos e os cabelos em pé, olhava como um sonambulo para o corredor por onde Marcela tinha desaparecido... ouvia os seus gritos alucinantes...

Com todo este ruído, os criados desceram de tropel. Sentindo os passos, Raul saiu da sua abstração; ululou num uivo despedaçador... apanhou o frasco... emborcou-o... bebeu dum trago todo o seu conteúdo.

Quando os criados entraram no atelier, viram-no contorcido no estertor de uma agonia horrível, convulcionado nas dôres cruciantes do seu peito, dos seus intestinos queimados, arrepanhados pelo liquido corrosivo...

.....

Marcela esteve á morte com uma febre cerebral, recebeu-se pela sua razão. Hoje é feliz. Refez a sua vida; tornou a casar,

é mãe de dois lindos gêmeos. Vive em Roma. O seu marido é o primeiro secretario da nossa legação.

Ela foi sempre uma criança. As crianças esquecem tudo... depressa...

.....

*

*

*

Cheguei ao fim. Não consegui explicar o inexplicavel, tenho a certeza. Por isso mesmo me abstenho de tirar conclusões. Quem ler o escrito que as tire, se quiser. Peço unicamente que antes de exclamarem:— «Raul Vilar foi um doido... que conclusões tirar da loucura?...»—meditem um pouco em tudo quanto leram.

Por mim, digo apenas:

Raul horrorisava-se com o Tempo. Era uma das suas obsessões mais características. Ah!

na realidade, como é desolador pensar-se: *Hoje é o dia 26 de junho de 1910—nunca viverei outro dia igual a este, nunca mais farei o mesmo que fiz hoje... Um segundo não se repete em cem mil ânos!...*

Raul queria provar o seu amor. Para isso decidiu praticar um crime. Todos o condenam, decerto. No entanto, o que ninguém pode negar é que a sua *prova*, embora dum egoísmo atroz, não fosse a mais concludente, a *maior prova de amor*, como lhe chamava. «Só se ama por interesse. Não se ama um corpo disforme». Ele possuía uma criatura ideal; pois bem, destruiria toda a sua beleza. O seu amor não diminuiria... pelo contrario: Morto o corpo, amaria a alma só com a sua alma.

Isto tudo são loucuras, sei perfeitamente. Apenas no cerebro dum doido podem nascer

tais pensamentos. Nós, os «homens de juízo», não pensamos nessas coisas, não pensamos em muitas coisas porque aceitámos a vida tal como ela é, tal como se convencionou que ela fosse; porque nos habituámos a ela. . Raul não se habituou. Foi um desgraçado.

— «E' bem digno de compaixão esse pobre suicida»—concordam todos. Mesmo se tivesse sido um criminoso, eu diria :

—Peço não guardem da sua memória uma nausea, não cladem, desviando os olhos das suas estátuas — «Assasino!» — Lembrem-se: foi um louco. Tenham piedade... muita piedade desse desventurado. — «Era um doido» —proclamaram unanimemente. *Os doidos são irresponsáveis*, diz o Codigo...

.....
A loucura... A loucura...

Lisboa, maio—junho 1910.

O sexto sentido

A ROGERIO GARCIA PEREZ

No fim desse jantar de anos a conversa recaíra sobre as sciencias occultas. Depois de ter sustentado uma teoria nova àcêrca do hipnotismo, de ter dissertado largamente sobre o «sexto sentido», o Doutor Gouveia terminára por assegurar que não tardaria muito o tempo em que todos *saberiam* o que todos *pensavam*. «Com efeito—dissera com fumaças de sábio — cada pensamento, cada acção, cada palavra, provoca uma vibração que se propaga nas camadas aéreas tal como as ondas luminosas, electricas ou calorificas. Ninguem ignora que arremessando-se á

água com uma pedra, se formam umas ondulações devidas ao choque desse corpo sólido com o meio líquido. Pois bem: quando se *arremessa* ao ar com uma palavra, com um pensamento, acontece o mesmo. O ar é o meio propagador por excelencia. E' nisso exactamente que repousa o principio da telegrafia-sem-fios. Ao homem falta apenas o órgão de recepção e percepção das ondas aéreas. Esse órgão é o do «sexto sentido». Dêle já deve existir um crepúsculo em todos os cérebros, mais desenvolvido nalguns, o que explica os fenómenos provados da transmissão do pensamento. O homem que já *vê, ouve, gosta, cheira e apalpa* — muito brevemente *sentirá*.

As palavras do Doutor não obtiveram mais do que um successo mediocre e, de ocultismo, a conversa deslisou para teatro, discutindo-se acaloradamente a ultima peça representada no Dona Ame-

lia e levantando-se várias opiniões sobre o desempenho que Angela Pinto déra ao principal papel. Apenas um conviva—depois da tirada do Doutor—ficara pensativo, concentrado e triste; êle, que habitualmente era expansivo e alegre. Passando-se ao salão, onde foi servido o café, esse conviva—Patricio Cruz, o primoroso contista—acercou-se do Doutor Gouveia e, durante toda a noite, os dois conversaram isolados.

Ora foi precisamente desde aí que eu notei uma grande mudança no pobre Patricio. O seu animo galhofeiro tornou-se sorumbatico: dantes odiava a solidão; agora, fugia de todos os amigos—de mim próprio, aquêle cujo convivio mais lhe agradava.

Uma manhã, topei com êle no Chiado. Quis-me evitar, mas eu chameio-o e, á viva força, fiz com que viesse almoçar comigo. Durante a refeição pús-me a

sonda-lo :— «Estaria apaixonado o sceptico que negava o amor?» «Que não», jurou-me.— «Doente; neurasténico talvez?» — «E' possível», murmurou, e nada mais lhe pude arrancar nesse dia.

Passaram-se tres meses sem que lograsse pôr os olhos em cima do meu amigo. Uma tarde, justamente quando lhe escrevia uma carta, entrou-me pela casa dentro—o cabelo em desalinho, o olhar vago e brilhante. Com um sorriso irónico, desfechou :

—Vim... para te poupar o trabalho dessa carta. Logo que a começaste a escrever, saí de minha casa precipitadamente, para não ta deixar concluir...

Espantado, olhei para êle :

—Mas como sabias que te estava escrevendo?

—Como?... como?... Ah! meu amigo, como...—e, ao dizer isto, era tão estranha a expressão da sua fisionomia que pensei estar

ouvindo um louco. Depois continuou :

—Mais vale desabafar, confiar a ti—o meu unico amigo sincero, agora o sei—aquilo que resolvera guardar para mim só... Desejavas saber ha tempo qual era o meu mal. Vais ser satisfeito.

«Sempre é amor»—supús por tal exórdio, e perguntei-lho.

—Amor...—retorquiu — como seria feliz se o meu mal fosse esse... Amar e não ser amado, é o maior sofrimento — dizem. Ah! como eu seria feliz com esse sofrimento!... Tu vais dizer que enlouqueço, que divago : mas — juro-to — por emquanto, pelo menos, estou no meu perfeito juizo. Dentro em pouco, não sei... Escuta: lembra-te daquêle jantar em que o Doutor Gouveia falou do que êle chamava o «sexto sentido»?

—Sim, tenho uma vaga ideia —respon-di.

—Poi bem, eu... eu possuo esse sentido!...

Levantei-me dum salto : era um louco que estava na minha frente. Patricio fez-me porém sentar, bradando :

—De novo te afaço : por enquanto não estou doido! *Possuo o sexto sentido*. Um órgão novo se desenvolveu no meu cerebro: Sou o «homem perfeito», o precursor das gerações futuras!...

—Mas, nesse caso—exclamei com um sorriso forçado—os meus parabens. Deves ser felicissimo com esse melhoramento...

— Ah! Ah!...—riu numa gargalhada estridula—como te enganas... como tu te enganas!... A minha angustia é horrivel! Ouve e pasma : Havia ános já que sentia num recanto ignorado do meu cerebro como um pequeno musculo palpitando continuamente. Julguei um tumor, um tubérculo a formar-se, e lem-

brei-me até de consultar um médico. Mas, no meio das minhas ocupações, esqueci-me de tal e esqueci-me mesmo da estranha palpitação. Era também muito frequente em mim pensar numa coisa de subito, e essa coisa acontecer—pensar, por exemplo, na rua, que encontraria um determinado individuo, e encontrá-lo; pensar que o director de certo jornal me pediria um artigo, e achar em minha casa uma carta com esse pedido. Confesso-te, nunca ligara importancia ao facto, achava-o natural e, despreocupado, alegre e feliz, continuava vivendo... Ah! que saudades, que saudades tenho desse belo tempo já tão distante ..

Fez uma pequena pausa, durante a qual pareceu olhar para o passado, e continuou:

—Vivia pois sem preocupações, quando as palavras do Doutor me vieram ferir a aten-

ção... Ao mesmo tempo o misterioso órgão vibrou com maior impetuosidade dentro do meu cérebro. A luz fez-se de repente no meu espirito. O «sentido» que o Doutor anunciára, o órgão novo de que já havia vestígios em alguns indivíduos, em mim, caminhava para a perfeição completa!... Fiquei perplexo e, devo dizer-te, radiante! Seria o rei do mundo enquanto fosse eu o único a possuir tal sentido. *Saberia* tudo, e os outros nada *saberiam!* Penetraria no íntimo de todos! Identificar-me-hia com a alma de todos! Seria rico, glorioso, feliz—o rei do universo, repito!... Ah! como me enganava, meu amigo, como me enganava... No dia seguinte, saí logo de manhã. Querendo experimentar o «tesouro» que descobrira dentro de mim próprio, *identifiquei-me* com a primeira pessoa que vi, um homem idoso já. Desgraçado! Morrera-lhe o único fi-

lho, a criatura para quem vivera sómente! Sofria duma maneira atroz, e eu... eu sofria portanto atrozmente também!... Fiz um esforço sobreumano, consegui fazer sair a minha alma da sua, e continuei caminhando. Ficara satisfeito com essa experiência. Resolvi condenar o meu órgão á inacção; inactivo, atrofiar-se-hia... Ah! mas pode-se tornar inactivo um sentido?... Se cheira mal, tapam-se as ventas, e entretanto o mau cheiro chega a elas; se não se quer ouvir, tapam-se os ouvidos, e contudo ouve-se... ouve-se sempre! Horrível, meu caro! Não queria *sentir*, mas *sentia* a amargura infinita daquela viuva, sem dinheiro e sem amparo, com os filhos tuberculosos... *sentia* a desolação daquele amante traído, a dôr inexprimível daquela esposa abandonada! Todo o mundo sofria, eu sofria por todo o mundo!... Vês... vês como isto

é horrível!?... Eu nunca amei, amo por todos os amorosos; nunca tive fome, tenho fome por todos os famintos! Sofro, emfim, eu só, os tormentos de toda a humanidade!... Avalias agora o martirio da minha existencia? E' monstruoso, aterrador... Depois, quantas desilusões: eu, que me julgava estimado por muitos, que depositava inteira confiança em certos amigos, soube que todos eram amigos falsos, miseraveis hypocritas—excepto tu, excepto só tu!...

Deteve-se de novo por um momento e concluiu ofegante:

—Sabes porque soffro, porque me definho, porque me isolo... Sabes, e estás a pensar agora mesmo, pensaste durante toda a minha narrativa que enlouqueci. Mas eu repito-te, asseguro-te: não estou doido, não estou doido!... Hei de endoidecer, mas por enquanto não estou doido —ouves bem?—não estou doido!

não estou doido! não estou doido!...

Num desvairamento, avançava para mim com os punhos cerrados. Os seus olhos chispavam. Confesso, tive mêdo. A exaltação foi porém momentanea. Socegou depressa e disse-me sorrindo com tristeza:

— Não acreditas... contudo, é a verdade... Não me acreditas... Não falemos mais nisso...

Principiámos então conversando amigavelmente — de literatura em especial, aquilo que mais interessava. Durante meia hora foi o espirito lucido, o alegre cavaqueador doutros tempos. Mas de subito, ergueu-se, deu um grito terrível:

— Minha mãe! a minha mãe vai morrer!...

E, sem chapéu, precipitou-se para a rua, desvairado, correndo, correndo sempre...

.....

*

*

*

Patricio Cruz habita hoje o quarto n.º 5 de Rilhafoles. E' um doido perigoso. Os enfermeiros já por varias vezes o têm ido encontrar tentando suicidar-se. Tudo lhe serve: com um lenço, tentou estrangular-se; com uma faca que poude subtraír, cortar as carótidas; com um lençol, enforçar-se. Esteve tambem a ponto de assassinar um médico porque o seu «sentido» prevenira-o de que esse médico tencionava, quando ele morresse, dissecar o seu cadáver...

Este caso de loucura, curiosissimo, tem causado grande sensação entre todos os alienistas; consta mesmo que uma sumidade estrangeira o virá examinar e tentar cura-lo pela sugestão, isto é: anestesia-lo e durante o desmaio, *extrair-lhe o órgão do sexto sentido*. Um pedaço

de qualquer tecido animal desempenhará o papel dêsse órgão. Talvez dê resultado. Se o não der, apesar de toda a vigilancia, conseguirá um dia suicidar-se. E' fatal...

Pobre, pobre amigo!

Lisboa—Dezembro de 1909.



1871

1872

1873

1874

Diários

A LUIZ RAMOS

Em pleno romantismo

11 abril 1908.

Um meu condiscipulo convidou-me para ir passar ámanhã o dia a sua casa. Vive numa quinta nos arredores de Lisboa. Quem já lá tem estado, diz-me que é uma propriedade encantadora. A familia é numerosa: pai, mãe, oito filhos — metade rapazes, metade raparigas — uma tia, uma prima e não sei que mais. Comerciante retirado dos negocios com avultada fortuna, o chefe da familia vive feliz, sem fazer mais nada do que comer e dormir... Irei... Não irei?... Não sei ainda... De-

pende de estar ou não para massadas. Veremos...

12 abril (meia noite).

Fui. Afinal fiz bem. Um dia razoavelmente passado. Diverti-me, com franqueza. A família do meu amigo fez-me rir um pouco: O pai, orgulhoso como um fidalgo espanhol; as filhas, pretenciosas... como filhas dum mercieiro aposentado... A mamã e a tia ridículas. Só escapam os rapazes... E' verdade: ainda ha a priminha... Mas nessa nem vale a pênna falar. Modesta, é por isso mesmo despresada por todos. Tosse continuamente... Não deve incomodar durante muito tempo. Pezaroso, fizeram-me até essa confidencia...

A propriedade é magnifica... A comida, esplendida... Foi um dia bem passado, não ha úvida.

14 abril

Vi hoje uma rapariga muito parecida com a prima do meu amigo.

19 abril (meia noite).

Passei hoje outra vez o dia na quinta do meu condiscipulo. Durante quasi duas horas estive falando, sózinho, com a «prima»... Elisa, é o seu nome... Que felizes horas! Fui encontrar no meio de toda aquella futilidade um ente que odeia tudo quanto é futil... Falámos de mil coisas... De musica... e de amôr... Que crueldade! Falar de amôr com uma criatura que já não tem tempo para amar... Falar de amôr é falar de «esperança», é falar do «futuro»; e que futuro e que esperança póde ter uma desgraçada, doente como ela? Emfim...

Se não fôsse o seu estado,

talvez a viesse a amar. Mas não se ama uma morta... Pobre... pobre rapariga!

.....
E é formosa... formosa duma formosura eterea, que já não é deste mundo. As faces pálidas, os labios descorados; mas uns olhos tão negros, tão brilhantes... uns cabelos tão lindos...

.....
Poder-se-ha amar uma morta?...

19 maio.

Amo! Amo pela primeira vez! Como sou feliz! ah! como sou feliz! Amôr sem esperança é o meu... Mas que importa? Um prazer doloroso é o melhor prazer...

.....
A historia do meu amôr é bem simples: começou pela compaixão e terminou na paixão... na mais ardente paixão!... E, no emtanto, não posso dizer que

o meu amôr seja eterno... A morte não poupa ninguém...

.....

Como sou desgraçado! Ah! como sou desgraçado!...

2 junho.

Ontem deitou sangue pela bôca... Foi a primeira vez...

16 julho.

O calor destes ultimos dias tem-lhe feito muito bem. Quasi que não tosse, as faces estão coradas e não tem febre, os labios rosados... tão rosados, tão viçosos... com que prazer os beijaria... Beije-os!... Que sabor encontrei nesse beijo ardente... um sabor acre, estranho... o sabor da paixão!...

13 agosto.

Poderá haver algum martirio mais horrivel do que o meu?... Amar o impossivel... amar a morte!...

21. setembro;

Começa hoje o outono... O
fim aproxima-se...

26 setembro.

Meu Deus... Meu Deus...
Meu Deus...

30 setembro (manhã).

Ontem, passei com ela, á
noite, pelas ruas da quinta que
o luar iluminava docemente.
Fomos tão felizes... Arquite-
támos tantos projectos para o
futuro... Para o futuro?!...

(Tarde).

Recebi agora a noticia... Em
resultado do ar humido da noi-
te, não pode sair hoje do lei-
to... Um resfriamento...

15 outubro.

As folhas das arvores come-
çam a amarelecer... a cair...

23 outubro.

Recolheu de novo ao leito.

Já pressentiu o «fim»... Entregou-se-me!... Foi minha... toda minha!... Que importa o resto?... que importa a vida?

.....

Ah! Se Deus fizesse um milagre... Se ela não morresse...

30 outubro.

O «fim»! Deus não fez o milagre. Morreu hoje... Era a minha vida... morri também...

Morreu com as mãos apertadas entre as minhas... quasi com os labios unidos aos meus...

.....

Lgrimas, lagrimas só, em vez de beijos...

1.º de novembro.

Dia de Todos os Santos... Enterrou-se mais uma santa...

Fui acompanhar o seu cada-
ver... eu, o padre, e um dos
primos *representando a família*...
Cobri a sua sepultura de rosas
desfolhadas. Ela gostava tanto
de rosas.....

.....

A sua morte causou uma cer-
ta alegria... Nunca se lastima
a ausencia de uma intrusa...

15 novembro.

Como posso estar ainda vivo,
se morri ha já tantos dias!?...

20 novembro.

Será bom sofrer? Se amar é
sofrer e se é bom amar, é bom
sofrer...

30 novembro.

Faz hoje um mês... Quero
vê-la... quero vê-la!... Quero
beijar-lhe a bôca... quero es-
treitar o seu corpo contra o
meu... quero confundir a sua

alma com a minha... Quero-a!
Quero-a! Vou partir...

.....
.....

*Os jornais do dia seguinte anun-
ciavam com efeito o seu suicídio.*

Lisboa—Agosto de 1909.



Felicidade Perdida?

E' para a desconhecida
cheia de mimo e frescôr,
perene fonte de vida.
singela rosa d'amôr;

.....

Tomás Ribeiro — *Dom Jaime*.

*As linhas que adiante se
seguem, são extraídas do dia-
rio dum meu amigo, character
singular e romanesco, que
nas horas vagas consigna
em um grosso caderno de
papel almaço as suas im-
pressões diarias.*

LV

3 janeiro 1909 (meia noite).

Acabo de chegar do Ginásio. Antes de me deitar quero contar-te, papel amigo, um caso banal que me sucedeu durante o espectáculo. Escuta :

«Estava na plateia. Era no segundo intervalo. Percorria a sala distraidamente com a vista, quando de repente os meus olhos se fixaram numa frisa. Ocupavam-na uma senhora idosa, duas crianças e uma rapariga de dezoito ános. Escusado será dizer que foi esta ultima quem atraíu o meu olhar. O seu rosto, que eu via de perfil, era encantador. Vestia de preto. Provavelmente luto aliviado.

«O intervalo terminara. O pânno subira. Sem dar a menor

atenção ao que se passava no palco, continuei fitando a desconhecida que, cheia de interesse, seguia a representação... De subito, o seu olhar encontrou-se com o meu... Não tenho nada de tímido, mas foi-me impossível sustentar o brilho dos seus olhos. Abaixei os meus.

«Este jôgo de olhares durou todo o acto... durou todo o intervalo seguinte... durou até ao fim do espectáculo... Outro que não fosse eu, tê-la-hia esperado á porta do teatro, teria indagado a sua morada e depois... depois seriam as cartas de frases inflamadas, a troca de retratos: o namoro alfacinha — e julgo que de toda a parte — em suma. Eu não: dirigi-me para minha casa, rapidamente...»

O que me levou a proceder assim? Um prazer destruidor, por certo... Deixá-lo... Fiz

mal em gastar tinta com semelhante banalidade.

LVI

4 jan. (2 h. madrugada).

Não consegui adormecer. Levanto-me... para confessar a verdade: Amo essa desconhecida de quem ainda ha pouco desdenhava!... Sim! amo-a amo-a!... A'manhã irei procurar-a. Encontra-la-hei! O amor é o melhor dos guias...

LVII

5 jan. (8 h. noite).

Quando em Lisboa se quer encontrar alguém, vai-se á rua do Ouro, á tarde. Assim fiz eu hoje Percorri-a cinco vezes... em vão! Olhei para todas as raparigas de preto. Nenhuma era a minha amada... Quem sabe? Parece-me que já nem a conheço... Ah! agora me lembro:

passei ombro a ombro com uma que, ao ver-me, desviou a cara para o lado! Seria ela? Talvez... Não sei... Era... era ela.. Meu Deus! meu Deus! Como sofro...

I.VIII

7 jan. (11 h. manhã).

Tenho-a procurado por toda a parte. Não a encontrei, nem poderei encontra-la... porque não a conheço!... Sim, a verdade é esta: *já não me recordo do seu rosto!*

.....
.....
.....

CVII

28 fev. (5 h. tarde).

Reli agora mesmo os capítulos LV a I.VIII. Por êles soube que no começo do ano amava... uma desconhecida, e que estava

louco de dêr por não a poder encontrar... E' curioso! Se não fosse tê-lo assentado nessas paginas nem sequer me recordaria do «tragico sucesso!»...

Ah! Ah! Ah!

.....
.....

Dizem que toda a gente, durante a sua vida, encontra uma vez, *mas uma vez só*, a felicidade: Os que a reconhecem, são os venturosos; os outros — a grande maioria — os desgraçados...

Seria essa desconhecida a minha «felicidade?»... Talvez, porque nunca mais a encontrarei. Ninguém pode *encontrar* uma pessoa que não conhece.

Lisboa—Fevereiro de 1909.

A profecia

Sobre o suicidio de Antonio Maldonado, o estranho e sombrio poeta do «Crepusculo», correram as mais fantasiosas versões. Amigo intimo do desventurado e herdeiro dos seus papeis, era eu até agora a unica pessoa a conhecer a verdade, bem singular por sinal. Entendendo, porém, que é tempo de derruir lendas que poderiam ofuscar a gloria do seu nome —para explicar o suicidio, falou-se até numa burla— resolvi publicar os excerptos do seu diario que indicam o motivo que o levou a deixar a vida.

20 dezembro 1907.

Eu tive sempre muito medo

do desconhecido. Recordo-me perfeitamente de que, em criança, ao abrir um embrulho ou uma caixa cujo conteúdo ignorava, experimentava uma estranha sensação. Essa sensação, reconheço-o hoje, era o medo... A morte é o desconhecido. Não me importa morrer. Ah! mas como tenho medo da morte!...

5 janeiro 1908.

A's vezes, no meio da alegria, entristeço de subito. Os meus amigos admiram-se. E' que me lembro de que sou um homem. O homem é um animal. Todos os animais morrem...

18 março.

Gosto tanto de dormir! Dormir é ser feliz. Quando se dorme, esquece-se tudo... Como é bom esquecer... como é bom esquecer a vida!... A morte é o sôno eterno, dizem. Se fôsse

assim, como seria bom morrer.

.....

Quem dorme, sonha. O sonho é o misterioso mensageiro que nos vem recordar a vida. Quem está morto, não sonha; a morte não é sono. O que ela é, ninguém sabe. A seu respeito ignoramos tudo... tudo... Se ao menos soubessemos o dia em que nos ha de vir buscar...

10 junho.

Suicidou-se ontem o meu alfaiate. Esse não teve medo. Ele proprio foi ao *seu* encontro.

2 agosto.

Daqui a uma hora, talvez... talvez daqui a muitos anos...

30 setembro.

Dizia ontem em casa de Luís Proença: «-- Como gostaria de

conhecer a data da minha morte!» «— E' facil, respondeu-me sorrindo, a Julia — a Julia é a sua amante, uma linda rapariga que ele salvou da prostituição — vai deitar as cartas e responder-te-ha». Eu sorri tambem e aceitei. Chamou-a. Ela, que acredita em todas as tolices, não queria. Por fim, obedeceu.

Palida e comovida, proferiu a minha sentença: *falecerei em 12 de abril do proximo anno!* Eu e Luís rimo-nos. Ela zangou-se e chorou...

20 novembro.

O proximo verão, passal-o-hei todo na Suissa. Preciso de ar... Que digo? O proximo verão!?... Eu morrerei na primavera... Ah! Ah! Ah!

15 janeiro 1909.

Afinal já não penso na morte. Não penso nem a receio...

12 março.

De hoje a um mês... E quem me diz que a profecia se não cumprirá? Morre-se só uma vez, só em um dia da vida. Todos teem as mesmas probabilidades... Porque ha de ser noutro e não nêsse?

1 abril.

Não quero pensar, mas penso.

7 abril.

Estou finalmente convencido. *Acredito!* Um secreto pensamento mo afirma: Morro de hoje a cinco dias! Cinco dias... cinco dias...

11 abril.

E' hoje o ultimo dia em que posso dizer: *A'manhã*. «*A'manhã*», linda palavra de esperança, linda palavra de vida...

Se ao menos desconhecesse o

dia em que *ela* me ha de vir buscar...

12 abril (manhã)

Morro hoje! Morro, e não sei como nem a que hora. Eis-me á espera da morte, sentado numa cadeira, fechado no meu quarto, tal como na estação do caminho de ferro muita vez esperei um amigo.

Não ousou fazer um movimento. Tenho sede... não me atrevo a beber! Tenho fome... não me arrisco a comer! *Ela* pode estar na agua, na comida... *Ela* está em toda a parte. Onde estará agora? Donde me espreitará?

Mas eu não quero! Não quero! Não quero!... Como é bela a vida... que linda manhã de primavera! Brilha tanto o sol...
.....

O sol! O sol!... A vida! A vida!...

5 horas da tarde.

Ainda não chegou. Que tortura! Invejo a sorte de todos. Do condenado a *ela* até! Esse sabe como: a guilhotina... a fôrca... Eu nada sei!

8 horas da noite.

Enlouqueço. Compreendo! Isto é a loucura. Que suplicio atroz! *Ela* não vem... Quer-me martirizar. Inventou para mim esta crueldade requintada, inconcebível... Aos outros inflige, quando muito, dôres, dôres apenas. O que são as dôres mais horribéis comparadas com este martírio? O que são? O que são?

10 horas.

Já pouco se pode demorar...
Daqui a duas horas acaba o dia.

11 horas.

Emfim! A salvação! Uma bala! Esperei-a vinte e três ho-

ras : ainda não veio; vou ao seu encontro. Talvez não chegasse hoje... Mas eu prefiro morrer a espera-la por mais tempo. Prefiro tudo, tudo, a este pavôr, a este calafrio de mêdo!...

.....

Camarate—Setembro de 1909.



Página dum suicida

Se o nome de Lourenço Furtado ainda não foi esquecido de todo por aquêles que o conheceram—esses lerão, sem duvida com interesse, as linhas que se seguem e que foram encontradas, escritas numa folha de papel almaço, em cima da secretária do suicida.

Lx.ª 2 nov. 908—11,45 (noite).

«—Morte! que misterios encerras?... Ninguem o sabe... todos o podem saber... Basta ir ao teu encontro, corajosa, resolutamen-

te, que nenhum misterio existirá já!... Nada poderemos contar, porque não voltaremos a este mundo. Que importa isso porém se te ficamos *conhecendo?*...

«Um dia, quando já não puder resistir ao desejo de desvendar o misterioso véu que te encobre, partirei sem hesitar...»

Tais eram as palavras que muita vez dizia de mim para mim. Pois bem, é chegada a hora! Não posso resistir á «curiosidade»! Vou partir portanto!...

.....

Serei como que um arrojado descobridor de mundos: Colombo descobriu a America; Vasco da Gama, a Índia... eu, *descobrirei a Morte!*... Uma diferença haverá apenas: eu guardarei a minha «descoberta» só para mim; êles fizeram presente das suas á humanidade... Foram generosos. Serei egoista...

.....

A'manhã, quando os meus ami-

gos — os meus «conhecidos» — souberem da minha morte, perguntarão: — «Mas porque diabo se suicidaria o Lourenço?», sem acharem resposta plausível, visto que me sabem rico e sem amôres. *Sem acharem resposta* é o modo de dizer: neste mundo tudo a tem e a deste caso é até bem simples: *uma neurastenia...* Sim, porque quando uma pessoa resolve abandonar a vida sem causa determinada, a culpa desse acto é sempre atirada para as costas largas dessa doença nervosa. Passarei portanto por neurasténico... Que me faz isso?...

.....

Afinal, sou simplesmente uma victima da epoca, nada mais... O meu espirito é um espirito aventureoso e investigador por excelencia. Se eu tivesse nascido no seculo XV descobriria novos mares, novos continentes... No começo do seculo XIX teria inventado talvez o caminho

de ferro... Ha poucos anos mesmo, ainda teria com que me ocupar: os automoveis, a telegrafia-sem-fios... Mas agora... agora que me resta?... A aviação?... Pf... essa já nada me interessa depois dos ultimos resultados dos Wrights e de Farman... Para o polo sul partiu ha pouco o Dr. Charcot... Não ha duvida: *a unica coisa interessante que existe actualmente na vida, é a morte!*... Pois bem, serei eu o primeiro explorador dessa região misteriosa, completamente desconhecida...

.....
E que viagem tão comoda!
Nem sequer é preciso arranjar as malas!...

Um tiro e, como na minha infancia a bala-vagon lançada pela peça de Julio Verne em direcção á lua—lá irei de longada até ao «infinito»!... Uma viagem ao infinito, de graça, não é coisa que se possa desprezar...

A hora da partida fixei-a — maravilhoso comboio que não tem horario! — para a meia-noite, isto é, para daqui a três minutos: quando no calendario se substituir um 2 por 3, substituir-se-ha tambem, neste quarto, um vivo por um morto: abalarei desta para... ainda não sei que outra...

.....

Mas se todos morrem, todos ficam conhecendo a morte?... E' verdade: a «intenção» porém é que é tudo. Os outros vão até *ela* sem saberem, sem se importarem para onde vão: enquanto que eu, não... *eu não morro!*... Parto apenas para uma exploração arrojada, cheia de perigos e donde não poderei voltar, é certo... Mas isso que tem? *Voltaram* porventura La Pérouse ou Andrée?...

.....

Sim, sim! Sou eu o primeiro homem *que não morre!*... No em-

tanto, não encontrei a fórmula
do elixir da longa vida...

.....

Um pensamento me atravessou
agora o espirito: Seréi um
louco?... Talvez... é possível...
Sou um louco... um louco...
Que me importa?... Quero *saber!*
Quero *saber!*...

.....

Os ponteiros avançam ..

Um minuto... trinta segundos...
quinze segundos... um tiro...

Lisboa—Novembro de 1908.



O Incesto

A GILBERTO ROLLA

I

Do romance de amor da sua mocidade, ficara-lhe aquela filha. A' falta da mãe que, perversa e linda, desaparecera no turbilhão esfacelante duma vida arrebatadamente louca, tragicamente agitada—fôra êle, êle só, que a criara desde os dois ânos. Morto para o amor, vivera para o fruto desse amor que o dilacerara, que o tinha esmagado no seu aniquilamento brusco: aquêle entezinho delicioso de cabelos de ouro, de carne branca e côr-de-rosa, fizera-o viver; dera-lhe, renovara-lhe em cada dia as forças para a luta de cada dia.

Muitas vezes agora na plena maturidade dos quarenta anos, Luís de Monforte recordava com uma saudade mal definida as grandes alegrias e as grandes amarguras dos tempos da sua juventude que lhe surgiam vagamente esboçados como num sonho. Não pelo efeito dos anos volvidos, com certeza, mas porque na verdade tudo o que lhe iluminara ou lhe sombreara essa época da vida, parecera muito mais o desenrolar fantástico dum sonho do que o decorrer monótono dos episódios duma existência real.

A *Doida* tinha sido recebida sem dificuldades pela empresa que então explorava o antigo Dona Maria—os Rosas & Brazão.

A peça entrara logo em ensaios. O moço autor-dramático vivera essas três semanas num tal excitamento nervoso que o alheara de tudo o que não fosse

a sua obra. Não vivera, febricitara. Sentia a cabeça esvaída como se andasse constantemente bêbado, duma bebedeira etérea do Champanhe. Não comia, não dormia. Se lhe falavam, as suas respostas eram vagas e incoerentes. Numa grande tensão de espírito, percorria-lhe sem cessar a espinha o calafrio suave e entorpecedor das ansiedades deliciosas.

Ah! mas á luz esbatida do palco mal iluminado, ou perdido na penumbra densa da plateia vazia, observando os seus intérpretes, todo êle se transformava, e gritava e barafustava e corria — representava êle só todos os papeis da sua peça.

Se já entrevira decerto, num rosto lindo, os olhos fascinantes e os labios apetitosamente rubros da loura fulva que lhe desempenhava a *Doida*, não ambicionara ainda beijá-los—nem esses olhos perturbadores, nem essa

bôca divina. Se manejava por vezes esse côrpo escultural, nas scenas mais violentas, quando se substituiu a qualquer actor; se tacteara já essa carne esplendida — esse côrpo, essa carne, não o tinham ainda electrizado. E' que êle não via, não sentia; superumanisara-se : o artista nêle, tinha abolido o homem.

A *Doida* era a Julia Gama. Lembram-se sem duvida dessa rapariga estonteante que fez barulho neste meio anquilosado da nossa parvalheira alfacinha. Soberba mulher e soberbo talento. Tinha aparecido, não se sabia bem daonde, como estrela da Trindade, mostrando as pernas numa revista de Sousa Bastos. Depois, abandonando o género, transitara para o palco do Normal, então no seu periodo de esplendor, e revelara-se grande actriz de drama. Tudo isto em três épocas.

Duma beleza misteriosa—ca-

beleira de fogo, olhos de infinito — esboçava-se-lhe nos lábios sempre húmidos o sorriso enigmático da Jocunda. Do seu corpo flexível de estátua grega admiravelmente musculada, desprendia-se um arôma estranho que lhe poetisava a carne de pedra, audaciosa e mal escondida. Atraía e afugentava ao mesmo tempo essa mistura singular de inferno e céu; pressentia-se sem se saber porquê nessa mulher frágil, todo um poema brutal de amor ardente, de voluptuosidade e de sangue. «Um grande chique de parisiense» — costumava resumir baboso o jornalismo idiota.

Não se lhe citavam os amantes. Devia-os ter mas — coisa extraordinária — ninguém lhos conhecia. Citavam-se-lhe apenas as suas extravagâncias, os seus rasgos de generosidade pródiga. Corria a lenda que uma vez comprara por um conto todas as

saídas-de-baile que o Quaresma tinha no estabelecimento. Outra vez, mandara empenhar os seus brilhantes para socorrer um velho esfaimado que encontrara estendido ao sol perto da sua casa. Ora para gastar tanto dinheiro— as joias mesmo não se tinham demorado na casa de penhores— forçoso era que êle viesse da alguma parte. Mas não se sabia daonde, por mais diligencias que as camaradas tivessem feito.

Aliás a Julia falava pouco. Ria muito numa alegria nervosa e aguda, mas falava pouco. Então da sua vida intima, nem uma palavra! Das suas colegas, nenhuma conseguira ainda entrar em casa dela. Um mistério, a Julia Gama — «a esfinge loira deste fim mórbido de século», como a definira certo poetastro decadente.

.....

Porém na grande noite, Luís

de Monforte *viu* a sua admirável intérprete. E o sonho principiou...

Toda a sala replecta ululara em aplausos; as scenas principais até estupidamente cortadas por bravos e salvas de palmas. Um triunfo para o autor de vinte e dois ânos e para a grande actriz da cabeleira fulva.

Como ela se contorcera no final do segundo acto, como todo o seu cõrpo vibrara sacudido na tragédia espantosa do seu amor aniquilado, de todas as suas ilusões desfeitas no mesmo dia, e —por último—na grande scena de loucura que fechava o drama!...

Ah! mas endoidecera, endoidecera realmente a Julia! Os seus olhos tinham chispado revolvendo-se-lhe nas órbitas, a bõca tinha-se-lhe contorcido no espasmo duma angústia sobrehumana—como um oceano tempestuoso, o seu busto tivera on-

das de carne, e parecera, nitidamente parecera, que a alma torturada, uivante de dôr, quisera num arranco supremo forçar essa carne e perder-se no espaço. Depois, hirta, pálida de morte, a grande amorosa tombava fulminada.

A plateia em pêso erguêra-se então num frémito de horror. Louca ela própria, batera palmas, batera palmas; gritara, gritara—fizera subir o pâno vinte vezes. Um entusiasmo indescriptivel, colossal!

Mas pouco a pouco a sala tinha-se ido esvasiando. O pâno descera de vez. Sem saberem como, as mãos de Luís e de Julia encontraram-se, apertaram-se... Ah! a impressão involvidável que o autor-dramático conservaria desse instante divino... Parecera-lhe que uma luz nova brilhara diante dos seus olhos, lhe envolvera o cõrpo, lhe penetrara a alma—acaricia-

dora e tépida, luz e atmosfera ao mesmo tempo. Esse encontro de duas mãos que apertam, compreendeu, tinha sido o triunfo total e definitivo dessa noite de glória—de toda a sua vida, porque essa noite valera toda a sua vida.

De braço dado, saíram do teatro.

*

* *

Durante quatro  nos viveram num infinito de amor e de felicidade. Tinha-lhes nascido uma filha entretanto. Essa filha, julgava o dramaturgo, seria o  lo inquebrantavel que ligaria para sempre a sua vida à vida da sua amante. Aproximara-os o triunfo; fundia-os agora numa mesma alma a amizade enternecida por aquela criaturinha que era dêles, bem dêles; que era a personifica o viva do seu amor—portanto da sua glória.

E o sonho continuou. Os triunfos continuaram.

Na época seguinte subia á scena essa admiravel *Ruiva*, onde, da mistura heterogénea—disparatada á primeira vista—da influencia ibseniana com a vibratilidade quente meridional, nasceu uma das indiscutíveis obras-primas do teatro contemporaneo.

A existencia de Julia não tinha já nada de misteriosa. Vivia com o escritor num palacete para a Estrela—Monforte era rico—e as suas colegas tinham entrado finalmente em sua casa. Luís com efeito, era um espirito alegre, comunicativo e despreocupado, inimigo da solidão. A todo o seu modo de ser, Julia se adptara sem resistência. Mas não tinham deixado invadir-lhes a vida intima. Defendiam-na bem de cómun acôrdo, e os melhores momentos ainda eram aquêles em que, numa dôce inti-

midade—solitários e de mãos dadas—se reviam na pequenina Leonor, já de dois anos, rindo, brincando, saltitando.

Reunião equilibrada, quasi burguesa de dois artistas. Se fôra pródiga a Julia, estava agora completamente curada. Até boa dôna de casa! E, no fundo, tinha sido mesmo uma associação de interesses a daquêle casal. Cada um trouxera o seu talento, o seu génio. Esse talento, cada um puséra-o ao serviço do outro. O autor-dramático trabalhava para a actriz; a actriz para o autor-dramático. Este, anarquista de ideias, decidira no emtanto casar com a sua companheira por comodidade, por causa da filha.

Mas um dia o sonho terminou; começou o pesadelo.

Representava-se por essa ocasião no Dona Maria uma peça de Marcelino Mesquita; peça em que Julia tinha uma grande sce-

na, porém só uma scena, no comêço do segundo acto. A's dez horas estava livre.

O amante costumava acompanhá-la sempre. Contudo nessa noite ficara em casa, muito en- gripado, muito aborrecido, lendo o ultimo romance do seu amigo Eça. A's onze e meia, Julia ainda não voltara. Inquieto, dis- punha-se já Luís a ir procura-la quando lhe bateu á porta um moço de recados. Trazia uma carta:

Filho,

*Perdôa-me. Mas tem que ser.
Fica-te a Leonor. Adeus.*

E mais nada. O resto só o poude saber no dia seguinte. Ju- lia escrevera para o teatro pedin- do que a dispensassem nessa noite alegando um súbito incó- modo de saúde. A peça fôra contra-anunciada. E desapare-

cera. Tinha fugido para o estrangeiro com o secretario da legação da Austria.

O escândalo que isso causou em Lisboa!... No teatro, um sarabulho medonho. O drama do Marcelino enchia a casa todas as noites; tiveram que suspender a sua representação durante quatro dias. O papel da Julia era pequeno mas de grande responsabilidade. Depois, toda a companhia entrava na peça. O demónio...

.....

Como Luís sofreu...

Não podia, não queria acreditar... e tudo lhe demonstrava que vivia, que não sonhava! Pois quê, a Julia?... Mas não o tinha amado a Julia?... Ah! êle recordava cheio de raiva os abraços doidos da apaixonada, os seus beijos sôfregos os seus espasmos ferozes que faziam doer, que torturavam e deliciavam...

No leito vasto de pau-santo, profundo como um túmulo, muitas vezes tivera mêdo, mêdo da grande serpente amorosa que o mordia, que o feria nas caricias brutais da sua bôca escaldante; nas convulsões despedaçadoras de todo o seu corpo nu!...

E era ela... ela... ela mesma, a bêbeda de luxúria que alta noite lhe uivava de amor; era ela, a amante, a amiga e a mãe—ah! e a mãe!—que assim procedia, que fugia, cadela aluada atrás doutro cão... atrás duma matilha inteira!...

Safada! Safada!...

*

* *

Quando na nossa vida ha uma destas catástrofes bruscas que são o derrocar total e incompreensível daquilo em que mais seguramente confiávamos — se resistimos ao primeiro emba-

te... resistimos e vivemos. E' sempre assim.

Porém se o desastre é de ha muito esperado e receado, ao contrario do que pareceria natural, torna-se mais difficil a resistencia. O n'osso espirito tem-se ido enfraquecendo pouco a pouco na antevisão da desgraça. Muita vez perguntou: «Meu Deus... meu Deus... E quando isso succeder?...». Perdido já, mais perdido fica no momento da consumação; criança fraca, chora, grita e num grande desalento — no vácuo horrivel duma vida desfeita — sucumbe depois de ter resistido durante largos dias.

Não acontece o mesmo com os golpes bruscos. Será maior o perigo immediato, mas só dura um minuto. E' certo que num minuto ha tempo de sobra para desfechar o revólver...

Ora Luís de Monforte não desfechou o revólver nesse minuto. Resistiu.

Chegara-o a carregar contudo. Mas raciocinou; teve medo. Quando se raciocina, tem-se sempre medo.

Depois, a filha... Ele viu a filha nesse instante. Absorvido pela mãe ainda não atentara realmente na filha. Ou por outra: nunca a imaginara separada da mãe, considerara-a sempre como uma parte integrante daquela...

A filha... Mas a filha podia ser, ia ser o refugio da sua vida!... Uma consolação e uma obrigação ao mesmo tempo. Viveria para ela...

...E para outra coisa também... para outra coisa!—descobriu humilhado. Sim! havia uma outra coisa que o ia fazer viver: Ao pegar no revólver—terrível egoísmo! terrível vaidade humana!—entrevira, claramente entrevira, uma sala inteira, hipnotisada, batendo palmas... gritando... gritando...

A glória!...

II

Os primeiros tempos foram duros. Muita vez Luís de Monforte chorou, chorou despedaçadoramente lágrimas de sangue. Fechado no seu gabinete de trabalho, muita noite se amarfanhou perdido nos divans onde outróra mordera o cõrpo nu da grande amante fulva, se rolou pelo tapete num desespero louco. Mas reagia, raciocinava, e num esforço supremo da vontade conseguia sentar-se á banca de trabalho, escrever. Se a pênna corria veloz negrejando as folhas banais de almaço pautado, o dramaturgo esquecia a vida, esquecia-se da sua dôr.

Oh! a alegria inefável de vermos os nossos pensamentos tomar forma, de irmos vendo alinharem-se pouco a pouco as palavras que os traduzem e depois, de lermos em voz alta a página escrita, batendo bem as sílabas, para emendarmos o que soar mal, polindo aqui uma frase, além outra frase, até conseguirmos o perfeito ritmo! E um capítulo que se termina, um acto de que se escreveu a última réplica sobre a qual o páno há de cair bruscamete, um período rutilante, bem equilibrado, sonóro, onde pusemos todo o nosso amor, toda a nossa alma... E tudo isso saiu do nosso cérebro; tudo isso é nosso, é bem nosso! Fomos nós que o criámos. *Se não fôssemos nós, não existiria!*

Um artista pode sofrer muito, ser muito infeliz até á morte. Acredito mesmo que entre os artistas se enfileirem alguns dos grandes desgraçados da terra.

No entanto, na desventura dum artista—por amarga que ela tenha sido — brilhou sempre um raio de sol. A sua desgraça não foi com certeza a duma existência vazia e desoladora—que é a maior e mais real miséria deste mundo.

O prazer de criar avantajase a todos. Em frente da arte, o artista esquece. A sua dôr, se não se cura, suavisa-se pelo menos. A arte é um refúgio. Eis a sua única utilidade — digamo-lo baixinho: Se não fossem os belos livros da minha estante e as páginas de má prosa que escrevo de quando em quando, ha muito que eu teria dado talvez um tiro nos miólos.

Nas suas grandes dôres, que são uma guloseima negada ou um puxão de orelhas, a criança refugia-se junto dos seus brinquedos, e abraça-os e beija-os. O artista, na sua angústia, consola-se com a sua arte. E' que

a arte, é também no fundo um «brinquedo». Os homens são crianças eternas.

Escrever histórias, meus amigos, não é seguramente o melhor emprego que se pode dar aos âns da nossa vida. Eu digo isto e escrevo histórias. Desbarato tempo? Sem dúvida. Mas gosto muito de escrever histórias. Acima de tudo, devemos fazer aquilo de que gostamos.

—E' o que toda a gente faz! gritam-me.

Perdão. A maior parte da gente faz um grande numero de coisas que não gosta de fazer e que podia muito bem deixar de fazer. Mas fá-las porque toda a gente as faz: Ninguem se deita ás oito horas da noite. Eu, quando me apetece deitar-me a essa hora, deito-me. Os outros não o fazem, mesmo que tenham muito sono, simplesmente *porque ninguem se deita ás oito horas*. Eis uma das poucas coisas de que

me posso orgulhar na minha vida: *Nunca fiz nada que não gostasse de fazer e que pudesse deixar de fazer.* Por isso, não fumo e raras vezes me tenho embebedado.

Luís de Monforte escrevia. Enquanto trabalhava esquecia, isto é: descansava. Vinha a manhã rompendo e êle, incessantemente, numa grande febre de inspiração, alheado a tudo o que não fosse a sua obra, quasi sonâmbulo, continuava escrevendo, continuava lendo em voz alta as páginas escritas. Porém de súbito, como se acordasse dum sono hipnótico, estremecia, e voltava a si, voltava a sofrer. Tinha gestos de desespero. Mas, quebrantado por uma noite exgotante de trabalho, em passo de êbrio, logo caminhava para o seu quarto a estiraçar-se no leito vasto de pau-santo, hoje tranquilo.

Esta mesma existência artificial, a que sem dúvida não poderia resistir por muito tempo, em breve terminou. A' noite, no seu gabinete de trabalho, antes de começar a escrever, já não estrebuchava agora o dramaturgo. Se ainda chorava, as lágrimas corriam-lhe mansamente dos olhos, a esparzirem-se a maior parte das vezes na cabeleira anelada da sua filha. Ela era com efeito o que de mais seu, Julia deixara perto dêle. A filha recordava-lhe a mãe. Mas diante desse pequenino cõrpo de diabrete loiro, desse lindo rosto de morangos e neve, todo a sorrir, a dôr mais forte havia de se acalmar. Se perdera a mãe, não perdera a filha. A sua desventura ao menos não tinha sido infrutífera.

Luís ainda sofria muito, é certo. Porém o seu sofrimento era outro : sentia por si uma grande compaixão, misturada de muita

ternura; tinha uma pênna, uma pênna infinita de si mesmo. Chorava por si, como se chorasse pela infelicidade doutra pessoa, duma pessoa muito querida. Instintivamente, recordava a sua infancia, enternecia-se com ela; recordava a sua vida inteira, as suas alegrias, os seus dissabores, os amigos desaparecidos — e por tudo isso é que êle chorava. O coração partia-se-lhe num confrangimento sem fim, mas no fundo esta dôr consolava-o. Era um balsamo suave que, pouco a pouco, pouco a pouco, o curaria docemente. E esse chôro nem mesmo o enfraquecia. Pelo contrario: avigorava-o. Ha angustias que avigoram. A sua dôr suavizada, era-lhe até proveitosa. Ia encontrar nela recursos de emoção, de vibratilidade requintada que se traduziam em soberbas páginas. Foi por esse tempo que compôs a *Gloria*, um dos mais belos

estudos que existem sobre a «grande fera».

Como lhe foi dôce e bemfazejo o triunfo desse drama: uma sala em peso aclamando-o todas as noites, a multidão murmurando o seu nome, discutindo-o, incensando-o! O triunfo... Oh! a quimera de ouro, astro radiante, divindade temível para a qual o artista trabalha e luta, por quem se exgota, por quem dilacera toda a alma!... A alma ha de lhe dar os versos geniais, a partitura sublime, a téla incomparavel, a estátua maravilhosa! Por toda a parte, a toda a hora, moços e velhos torturam num misticismo as suas pobres almas, e estraem delas rimas ligeiras, notas sonoras, manchas de côr...

Amantes ébrios da gloria, conquistadores do vago! a deusa luminosa imersa no azul, a grande encantadora, a quantos sorrirá? A tão poucos... a tão pou-

cos... Na carreira doida, a maior parte cai por terra... Pobres amantes desiludidos, cansados, cheios de poeira... Têm as mãos sangrentas e os corações rasgados, os olhos cegos de fitar o sol. Pobres amantes!... Muitos acabam no hospital dos doídos, almas perdidas a correr no espaço. Outros, mais fortes, souberam renunciar á deusa, vivem sem ela, com as almas mortas...

Pobres amantes enganados, tristes falidos dos grandes poemas incompletos, das grandes telas esboçadas!...

.....

Porém Luis de Monforte era dos raros vencedores. Sofria ainda, mas o seu triunfo ia ser o melhor lenitivo para a sua angustia. Um prazer doloroso grava-se mais fundo no nosso espirito do que um simples prazer total. Assim, mais fundas recordações—e quem sabe até

se melhores recordações—devia conservar o autor-dramático do triunfo da *Gloria* sombreado por um denso véu de amargura, do que dos tempos da *Doída* areolados pelo amor.

O certo é que recordava hoje como uma saudade infinita a noite da primeira representação da *Gloria* e que se aprazia mesmo mais em recorda-la do que em evocar outra época qualquer da sua vida. Como êle tinha sentido nessa noite o coração despedaçado! Uma onda de amargura se lhe encapelara nas entranhas, o cerebro esvaído dera-lhe a sensação de que uma força misteriosa o arrebatava pelos ares. Ao ir ao palco defrontar-se com a sala inteira que o aplaudia entusiasmada, os seus olhos tinham visto todo o teatro mover-se, dar uma volta fantástica no espaço, descrever um circulo completo de que ele êra o centro. Pareceu-lhe que toda essa

multidão se ia precipitar sobre êle, esmaga-lo debaixo do seu peso. Se o páno não tivesse descido pondo termo ao deslumbramento, a vertigem te-lo-hia com certeza feito cair...

No fim do espectáculo, marchara sózinho para casa, a pé. A noite estava agreste, chovia miudinho de quando em quando. E esse caminhante solitário — oh! singularidades da nossa alma! — era talvez mais feliz do que o moço da noite de amor de ha poucos ânos. «Como eu sou desgraçado», pensava o artista. Mas de subito, ziguezagueando á luz trémula dos bicos de gás, perfilavam-se as grandes letras negras dos cartazes anunciadores da sua obra — do triunfo dessa noite! Para si então êle dizia: «Não a tenho... não a tenho... Mas tenho isto... tenho isto...» E apalpava os cartazes humidos, a descolarem-se com o vento, sentia uma vontade imensa de os

beijar... Depois êle amara; vivera no fim de contas um lindo romance, possuira um cõrpo divino, branco e dourado, resplandecente, que palpitara muita vez, louco de prazer entre os seus braços. Ora a verdade é esta: Recordar uma coisa deliciosa, é sempre delicioso—mesmo que já não a possuamos—por isto só: *porque a possuímos um dia*. Ele tivera tudo : tivera o amor. E hoje? Hoje ainda lhe restava alguma coisa... uma coisa bem preciosa... bem acariciadora...

*

* *

Dessa noite de triunfo datara a cura real do artista. Daí por diante só faltava que desaparecessem por completo os vestígios da ferida já cicatrizada. Disso se encarregaria o tempo. Encarregara-se com efeito e hoje — vinte anos volvidos — Monforte

era na verdade um homem feliz.

Toda a sua vida, depois do desaparecimento de Julia, se desenrolara calmamente, sem um drama. Não tinha querido mais amantes. Apenas de passagem, abraçara mulheres. Todo o tempo o dedicara á sua filha e á sua arte confundidas na mesma adoração. Tinham-lhe dito amigos:

—Homem, tu devias-te casar por causa da petiza.

Não o julgara assim o dramaturgo: quisera ser êle só o pai e a mãe da sua filha. Com que disvelos a não educara, não vigiara a formação do seu côrpo e do seu espirito — a sua saúde e a sua intelligencia!

«Uma rapariga, criada por um homem, é sempre mau. O pai sai e tem mulheres por fóra. A pequena fica entregue a estranhos, vive na cosinha com a criadagem. No fim apura-se uma alma esquiva, precocemente des-

moralizada, sem sentimentos delicados. Pobres crianças que não conheceram a mãe: a sua infancia foi toda uma desolação, desprovida de carinhos, de afagos, de bons exemplos».

Assim acontece em geral, mas nada disso se dera com Leonor. O seu pai olhara por ela como poucas mãis olhariam; esboçara desde a sua infancia um plano educativo que pouco a pouco fôra realizando proveitosamente. De resto, todos os *pais de familia* se indignariam ao rubro se alguém lhes falasse de tal plano: Segundo o criterio da *maioria* a educação-modelo duma «menina bem educada» resume-se numa ignorancia completa das coisas da vida, no sufocamento de todos os impetos, de todas as expansões naturais. Encobrem-lhe a natureza como uma infamia. Mas é sabido: quanto mais nos ocultam uma coisa, maior vontade nós temos de a

conhecer. E astuciosamente, matreiramente, a criança vai fazendo o possível por desvendar o que lhe escondem até descobrir toda a verdade. Ora essa verdade, se lha ocultaram, deve ser criminosa. O seu cerebro inexperiente, ainda incapaz de diferenciar o errado do verdadeiro, aceita o erro... mesmo porque nos lisongia sempre estarmos na posse do segredo dum crime... E cala-se e dissimula. Finge que nada sabe, que nada percebe; continua a ser para todos os efeitos a donzelinha inocente, comoda e casta, honra das familias e enlevo dos poetas liricos. Eis como nasce a hipocrisia, essa hipocrisia que constitue na realidade o fundo da alma feminina. Mas, por amor de Deus, com semelhante educação, como é que havia de ser doutra forma?

Oh! a tragédia silenciosa dos vinte ános duma *rapariga bem educada!*... Um calvario pun-

gente e mesquinho de silencias forçados, de simulação continua, de mentiras inuteis!

Pobres raparigas da minha idade!... Caladinhas são um encanto, mas falam e tudo está perdido! Através das suas palavras, nitidamente surge a cada passo a miseria desoladora duma educação toda errada, contraria á vida, contraria á natureza. E são rizo abafados, são subitos silencias, rubores subitos: Elas sabem muito bem quando se devem calar, sabem o que lhes é proibido e teem um cuidado extremo em não infringir essas proibições —justamente porque conhecem de sobejo aquilo que o convencionalismo lhes manda ignorar. Diante das mãis e das tias, é claro, ou da *gente de cerimonia*. A sós com as companheiras, muda a conversa de rumo e só do proibido se fala. Atascam-se então no lodo que lhes é veda-

do palminhar descalças, e as tristes não vêem que esse lodo foi o que uma sociedade torpe fez da água limpida, da água cristalina e puríssima onde, sem crime, podiam mergulhar todas nuas.

Cegas elas próprias, educarão mais tarde identicamente as filhas. E os homens clamam no seu orgulho revoltante de machos:

—A mulher é um ser inferior... em geral de pouca intelligencia; futil, má e falsa.

Mas decerto. É isso. É isso porque a fizeram assim. Fizeram-na assim os homens, e ela mesma colaborou na sua destruição. As mãis são as piores inimigas do seu sexo.

.....

Pobres raparigas da minha idade, criaturas de graça, cheias de vida, sadias, robustas, de labios frescos e rosados, de seios erguidos, de corpos flexiveis; em

nome dos *bons-princípios*, esvaiaram-vos os cerebros, trocaram-vos as almas!...

Bem diversa tinha sido a educação que Monforte dera á sua filha—inteiramente diversa, totalmente oposta. Um exemplo entre mil: Só lhe deixara ler os belos livros, e deixara-lhe ler todos os belos livros. Com efeito entre uma pagina de amor sensual, crispada e soberba, obra dum artista de genio, e um capitulo parvinho de amor cômico de rosa, de chochos idilios—a leitura perniciosa é esta. Os volumes especialmente escritos para poderem ser *postos em todas as mãos*, nunca deviam ser postos em mãos algumas. Ah! Como é abominavel essa literatura de pacotilha, recatada e enfadonha, acima de tudo hipocrita, que a «gente honesta» compra para suas filhas!

Com a educação que o pai lhe

fôra dando, Leonor era aos dezoito anos uma linda rapariga de fisionomia bem franca, de corpo bem musculado, exuberante de alegria e de saúde. Não tinha falsos pudores nem subitos abaixamentos de olhos. As suas palavras eram sinceras e espontaneas. Não imprimia ás suas frases um tom artificial, nem consentia que outros lhe falassem nesse tom.

Eis uma coisa que eu tenho observado muita vez: Sempre que os meus amigos se dirigem a uma rapariga da nossa idade, têm certas expressões, certos gestos que lhes não são habituais, falam-lhes num tom especial e característico.

—Pois claro! gritam-me.—É a delicadeza: a delicadeza que se deve ter para com as senhoras. Os seus amigos não são como você. São uns rapazes que sabem estar numa sala; uns rapazes delicados e muito gentis.

É bem verdade. Eu não sei estar numa sala, não sei falar com senhoras. Não sei; nem quero... porque tinha de ser como os meus amigos...

Tudo isto é triste... é tão triste... tão triste... Para que é que os homens haviam de fazer da vida um mal-entendido eterno?

Mas era muito alegre aquêlar do autor-dramatico, todo cheiroso a rosas e a felicidade. Ninho de ave garrula e saltitante ha poucos ános; hoje bocêta azul de fada preciosa.

Depois da fuga da sua amante Luís tivera sempre poucas relações: apenas um grupo de amigos e de camaradas—poetas, escritores e artistas. Fialho de Almeida quando vinha a Lisboa, nunca deixava de ir jantar uma vez pelo menos a sua casa. Com efeito uma estreita amizade reunia os dois literatos. Essa ami-

zade datava desde a *Ruiva*, quando o dramaturgo pedira autorização ao contista para conservar á sua peça esse titulo, identico ao de uma das admiraveis novelas do prosador da *Madona do Campo Santo*.

Todos esses homens illustres tinham visto crescer enternecidamente a pequenina Leonor que, dona-de-casa de onze ános, lhes costumava servir o chá com uma seriedade adoravel. E quando ela ia nos dezaseis, houve quem dissesse que inspirara um grande amor sem esperança a certo poeta eminente, já velhote, poeta de rimas sonoras, de versos coruscantes, poeta e santo, que todos nós conhecemos e admiramos...

Esta maneira de educar a filha e esta convivencia com os amigos do pai, foi debicada, é claro, sobretudo por parentela afastada de Monforte — umas

tias-avós, gorduchas sessentonas e um conselheiro aposentado, comendador de Cristo.

Essa boa gente afinal é que tinha razão. Não se educam raparigas assim. A prova foi o escandalo que mais tarde Leonor havia de dar em pleno Campo Grande. Imagine-se: pela primeira vez em Lisboa, viu-se uma senhora guiando um automovel. Essa senhora era a filha de Monforte. E o pai ao lado, todo bonacheirão! Aquilo só visto!...

Que desfaçatez, Santo Deus!...



III

Sim, Luís de Monforte não se podia queixar da vida. Se ha homens felizes, êle era com certeza um homem feliz.

Os ânos iam decorrendo todos calmos, todos suavemente iguais e confortadores. Se ainda ás vezes se lembrava de Julia, não era para a amaldiçoar. Mesmo, como havia de amaldiçoar quem lhe dera a sua filha? Unicamente a lastimava. Afinal a desgraçada fôra ela só. Três anos depois de lhe fugir, corpo atirado de mão em mão, viera a morrer dum fim tragico e misterioso no scenario magnifico duma vila de Nice que lhe pagava certo mi-

lionario americano. Drama de amor ou assalto de bandidos, assassínio ou suicidio? Não se soube nunca. O certo é que apparecera uma manhã apunhalada sobre o seu leito. Pelo quarto havia sinais evidentes de luta. Mas todas as portas estavam fechadas por dentro e nenhuma joia faltava...

Singular destino o da Julia! Passara em carreira fugaz pela vida, como um meteóro pelos céus a resplandecer num turbilhão dourado. Pobre alma fugitiva... linda estrela cadente...

O passado estava pois esquecido, e quanto ao futuro que podia rezear o autor-dramático?

Leonor era hoje uma formosíssima rapariga de dezanove ânos — dona-de-casa gentil que lhe aromatisava o lar e lhe dulcificava a existencia.

Quando ás vezes, á tarde, saia com ela e via pela rua do Ouro

os homens voltarem-se a admirá-la, todo êle jubilava. Estas homenagens de desconhecidos, inconvenientes quasi, transportavam esse pai que, dando o braço á filha, mais parecia o seu espozó. Aos quarenta ânos, Luís era com efeito um homem robusto de alma e de cõrpo. Raros cabelos brancos e ligeirissimas rugas. Estava agora no apogeu do seu talento: Tinha tudo —saúde, dinheiro e glória. Podia dormir a sôno solto, sem pensar nunca no dia de amanhã.

Entre os mais, esse âno de 1908, auguriava-se felicissimo.

O nome de Monforte tinha passado ha tempo as fronteiras em artigos de revistas literarias.

O Burgtheater de Viêna representara mesmo um acto dêle—*Triste Amor*—filagrana dourada, onde todo o lirismo meridional se condensa etereamente perfu-

mado. Mas nesse âno era Paris que o ia conhecer—Paris, a capital das artes, cujos louros todos os artistas ambicionam: Antoine, director recente do Odéon, decidira montar a *Quimera* — o assombroso poema dramático — numa adptação em verso de Richopin, feita sobre a tradução literal do próprio Monforte.

A peça subiria á scena em abril. Nos fins de março, o dramaturgo partiu para França com Leonor. Acompanhavam-nos o Dr. Paulo de Noronha e a sua filha. Paulo era um amigo de infancia de Luís, um companheiro lial de todos os dias, que estivera sempre junto dêle nas horas alegres e tristes. Os unicos camaradas de Leonor, tinham sido os seus dois filhos — Gabriela e Carlos.

Instalado no Grande Hotel, logo Monforte começou todos os dias assistindo aos ensaios da sua peça. Muitas vezes, no meio

do trabalho, surgiam no teatro as duas raparigas precedidas do Doutor carregado de embrulhos, compras feitas pelos *magasins*. Aprazia-se tanto Leonor na atmosfera pesada e característica das salas de espectáculo imersas na penumbra! E arriscava mesmo de quando em quando ao seu pai, uma observação àcerca de qualquer pormenor artístico.

«Mas era tempo perdido seguir os ensaios com tamanha assiduidade»—afirmava Monforte. Antoine excedia-se a si proprio, queria á obra como se êle mesmo fosse o seu autor, e interpretação e mise-en-scène haviam de ser inexcediveis, embora os artistas fossem todos gente moça. Vera SérGINE então, dava á protagonista um desempenho admiravel.

Estes presságios cumpriram-se; um triunfo total foi a *Quimera* que enfim conseguiu encher

todas as noites a sala do longinquo Odéon.

Dois meses passados, e quando se preparavam já para regressar a Lisboa, resolveu o dramaturgo uma grande viagem pela Europa. As pequenas bateram as palmas de alegria. Só o Doutor se insurgiu:

—Demónio... Eu tenho que fazer... muito que fazer em Lisboa...

—Deixa-te de lérias! — gritara Monforte — Os teus clientes podem bem passar mais dois meses sem ti. Para dar cabo dêles, chegam os teus colegas.

E, resmungante, o Doutor accedera.

Uma linda viagem.

De Paris, abalaram uma bela manhã para Londres, que todos já conheciam mas que de bom grado visitavam de novo. Londres, cidade monstruosa, traba-

lhadeira e activa, entusiasmava Leonor. Dizia ela :

—Esta terra dá-me, não sei porquê, a impressão duma casa enorme, muito bem arranjada, com tudo no seu lugar e onde nada falte. As grandes arcas cheias de roupas, os armários de baixelas, as dispensas de eguarias, as adegas de bebidas. Presidindo a tudo, incansavelmente, uma matrona de avental azul, com um molho de chaves pendendo-lhe da cintura, e as mangas arregaçadas deixando ver uns braços vermelhos e roliços.

—Numa palavra : solidez e conforto—resumia Gabriela.

—Muito prosaicas estas pequenas!—indignava-se o Doutor, porque êle, aos quarenta e cinco ânos, bastante grisalho e enrugado, conservava ainda um coração de poeta lirico de dezoito primaveras, terno e meiguinho. Na capital inglesa só queria ver

a cidade das brumas, melancólica e nostálgica, inspiradora de baladas românticas. Punha-se a recitar a *Lua de Londres*:

E' noite; o astro saudoso
Rompe a custo um plumbeo céu,
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, humido véu...

Mas mandavam-no calar. Chamavam-lhe fóssil antidiluviano, insuportavel maçador e o bom Noronha indignava-se mas não conseguia nunca chegar aos últimos versos da balada vetusta e maricas, enlevo da minha bisavó:

Eia, pois, ó astro amigo,
Voltemos aos puros céus,
Léva-me, ó lua, contigo
Preso num raio dos teus.
Voltemos ambos, voltemos,
Que nem eu nem tu podemos
Aqui ser quais Deus nos fez;
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre e tu despida
Das núvens do céu inglês.

De Londres resolveram, com

uma demora de três dias em Ostende, seguir para Viêna, passando em branco a Alemanha, que tinham percorrido no ano antecedente, e que todos abominavam excepto o Doutor. Este adorava-a por causa do Werther e de Göthe, por causa do Rêno e dos seus castelos desmantelados, por causa do imperador Barba-Roxa, dos Nieblungen, e da cerveja de Munich.

Viêna, para Leonor e Gabriela que a ignoravam, foi uma revelação. Era como que um Paris mais pequeno, mais elegante e mais sólido — salão sumptuosissimo onde entravam deslumbradas.

.....

Viena, oh! a capital das maravilhas, cidade loira dos arquiducos e dos palácios rutilantes! Eu vi-te como um cõrpo de mulher engrinaldado de rosas, todo nu, a esparzir-se em um leito fantas-

tico de camélias brancas e violetas de Parma...

.....

Logo ao chegarem, como lhes dissessem no hotel Bristol que os únicos quartos que lhe podiam ceder só estariam vagos dali a uma hora; cobertos de carvão do Oriente-Express, foram dar uma volta pelos *rings*. E ao ver o vai-vem dos transeuntes e os esbeltos militares de luzidissimas fardas, o Dr. Noronha, habitualmente tão poetico, tivera a seguinte observação realista:

—Acho isto muito parecido com Lisboa...

—Porquê!?—indagaram.

—Lembra-me a rua do Ouro. Sempre os mesmos paspalhos para trás e para diante...

Quasi um mês se demoraram na formosa cidade. Visitaram escrupulosamente os seus palacios e museus. Pelo Prater passaram horas esquecidas. Encan-

tava-os a frescura da vegetação e, de quando em quando, a súbita descoberta dum lindo restaurante com a sua orquestra de tziganos murmurando czardas.

— Scenário delicioso e sugestivo onde apetece localisar um romance de grande vida—notara Monforte.

Mas a Paulo de Noronha, fumador incorregivel, o que maior espanto causava em Viêna, era ver na casa de jantar do Hotel senhoras evidentemente honestas, esposas de militares, fumarem com toda a naturalidade cigarrilhas diante dos seus maridos. Não achava aquilo próprio o bom Doutor. Daí, grandes discussões com o seu amigo.

— Homem, que demónio, — bradava este—eu não fumo porque não gosto. Mas o que não compreendo é que possa haver alguma coisa de criminoso em chuchar num rolo de tabaco aceso. Será prejudicial á saúde,

agora ofensivo aos bons costumes não vejo em que possa ser. Sempre queria que tu me explicasses...

E' claro que o Doutor não lho podia explicar, porque o inexplicavel não se explica. Mas gritava-lhe:

—Pudera, um imoralão como tu que ha de dizer? Eu se visse fumar a minha filha, desancava-a, olá se a desancava!...

—Pois ainda has de ser castigado—ameaçava-o o dramaturgo—todas as tuas netas hão de fumar como uns turcos!

De Viêna seguiram para Budapeste, a cidade dos balcões floridos, onde, com grande tristeza do romanesco Doutor, exceptuando as janelas do Hotel Hungária, não conseguiram descobrir nenhum balcão florido...

No emtanto o Danubio azul embevecera-os e a linda ponte Isabel — a *Erzébet hid* — a gran-

de ponte suspensa, pelas grades da qual se divisava um esplendido panorama de suavidade, foi realmente o que melhor os impressionou na capital da Hungria.

A cidade era muito bela sem duvida, com a sua arquitetura caprichosa anunciando já de quando em quando, por algumas cupolas esbeltas, o próximo oriente. Mas Leonor fizera notar — e todos tinham concordado — que esses amplos *boulevards* desertos e de lojas modestísimas, a entristeciam na sua desolação. Assim, Budapeste dava-lhe a ideia duma rica cidade construída em qualquer região termal formosíssima por uma grande empresa de argentários, mas a que tivesse faltado a concorrência esperada.

— Uma exposição universal imensa com poucos visitantes— definia Gabriela.

— Cenário magnífico, adere-

ços ordinários e figuração mesquinha — rectificava o dramaturgo.

Entretanto, o tempo tinha corrido veloz. Era preciso agora pensar no regresso. Mas eis que o Doutor, que dir-se-hia nunca poder concordar com os outros, de novo se insurgiu. Decididamente tomara o gosto pelas viagens e queria por força ir a Constantinopla:

— Que diabo... Era aproveitar... Já não estavam muito longe...

No entanto, conforme parecia também ser a sua sina, o pobre Noronha teve que se submeter. As raparigas já estavam fartas de tantos comboios, queriam regressar a Lisboa... e sobretudo revolver as malas cheias de coisas lindas que tinham ficado em Paris.

A volta foi pela Italia, ainda com alguns dias de demora em

Veneza e Milão. Através do Simplon, passaram á Suíça e depois á França. De Paris, o *Sud-Express* trouxe-os finalmente a Lisboa nos miados de agosto.

—Uma orgia infame!—gritava Paulo, com remorços de ter abandonado a sua clientela durante quatro longos menses.

*

* *

Ao pensar no futuro, muita vez Luís de Monforte se preocupava com o marido de Leonor. Sua filha estava em idade de se casar. Pediam beijos aquelles lábios de rosas, e as pontas daqueles seios bem duros e arfantes—todo o seu corpo pedia amor.

No seu pensamento, ha muito que lhe tinha escolhido um noivo—Carlos de Noronha. O seu mais secreto desejo era que, sem influenciar os dois jovens,

êles se viessem a amar. Seria este o coroamento da sua felicidade.

O filho do Doutor reunia com efeito todas as qualidades que um pai extremoso pode exigir a um noivo. Excelente rapaz e belo futuro. Saira o âno passado guarda-marinha; todo o seu curso fôra brilhantissimo. Depois, êle era como que o filho espiritual de Monforte. O seu espirito, conservando-se independente, assimilara no emtanto as ideias do autor-dramatico. Fôra este que, surpreendendo os seus primeiros escritos, lhes publicara á força e lhe fizera representar um acto em verso no Nacional. Até por isso Carlos lhe agradava — via nêle um collega :

— O Lotizinho português — chamava-lhe gracejando.

E efectivamente da sua primeira viagem, o guarda-marinha trouxera um romance exó-

tico, pronto hoje a entrar no prélo.

*

* *

Ora nesse verão, Paulo de Noronha e a sua filha, instalaram-se como de costume na propriedade que Monforte possuía nos arredores de Lisboa. Carlos, que tinha um mês de licença antes de partir para uma viagem de estudo ás nossas colónias, acompanhava-os.

Era um paraíso aquela vivenda! Arvoredo frondoso carregado de belas frutas, parreiras verdejantes, lagos enormes de água claríssima, ruazinhas encantadoras ladeadas de assentos de tijolo e de alegrêtes de flores. Flôres! Mas toda a quinta era um jardim maravilhoso! Ainda ha pouco—com grande escandalo do caseiro—transformara Monforte uma grande porção de terreno anteriormente

destinado á cultura das batatas,
em um roseiral estonteante!

Corria o mês de setembro. As
vindimas estavam próximas.

As vindimas... Oh! o tempo
dos cachos e dos amores...
Mês de setembro, dourado mês
dos bagos loiros, como é bom
viver-te pelos campos! A natu-
reza inteira, na pacificação das
horas matinais, parece que sor-
ri... Andam perfumes e can-
ções na brisa... As manhãs são
de sol, os dias radiosos, as tar-
des frescas anunciando o outono
—o outono, o cavaleiro cinzento
da melancolia, o suavizador das
coisas tristes, príncipe de olhos
frios todo vestido de folhas mor-
tas... Mês de setembro dos
bagos róxos, como é bom viver-
te pelos campos!...

Uma noite, depois de jantar,
Monforte que ficara na grande
sala esteirada jogando o xadrez
com o Doutor, aborrecido, re-

solveu sair para a quinta. Rubro de cólera, o seu amigo não o quis acompanhar, estendeu-se na «chaise-longue» lendo o *Notícias* pela terceira vez...

Estava uma noite linda, uma verdadeira noite de sonho. Fazia um luar esplendido.

O dramaturgo, depois de ter percorrido o seu roseiral a ver se o jardineiro regara bem as flôres, tomou pela rua que levava ao poço do moinho. Mas deteve-se de súbito: ao longe, em frente do grande lago, descobrira—aparição gentil!—Carlos e Leonor de mãos dadas, contemplando-se meigamente. Muito discreta, Gabriela tinha-se afastado a mondar um pobre canteiro de lírios murchos... E sob um raio de luar que os aureolava, o dramaturgo viu num embevecimento os lábios dos dois jovens aproximarem-se... unirem-se... morderem-se...

.....

O enlace de Carlos e de Leonor, realizar-se-hia na primavera seguinte, logo após o regresso do oficial.



IV

Mas antes da primavera, Leonor começou a tossir. Aquilo era com certeza coisa sem importância, uma vulgar constipação que em breve se curaria. No entanto a tosse não passava, e era uma tosse cavernosa e sêca, desfaceladora. Paulo de Noronha receitou um xarope e encolheu os ombros: «Valia a pena atormentar-se uma pessoa por tão pouco?». Não obstante, quem tivesse observado bem o medico enquanto auscultava Leonor, teria notado no seu rosto uma expressão inquieta. Apesar das suas palavras começou examinando todos os dias a doente,

receitando novos remedios. O pai admirava-se e interrogava:

—Mas para que demonio são essas garrafadas?

—Para quê? Ora para que ha de ser... Para acabar com aquella tosse insuportavel que, se não tem importancia, incomoda muito.

E um dia Paulo declarou que não seria mau Leonor ir passar umas semanas na quinta: «O ar lá era esplendido. Havia pinheirais nas cercanias. Que a pequena comesse os belos ovos frescos das suas galinhas, que se enchesse de comidas forte e tónicas, que passeasse.»

Ao ver preceituar tal regime a sua filha, o dramaturgo sobresaltou-se. Tanto mais que a tosse abrandara um pouco ultimamente. O Doutor socegou os seus receios:

—E' que as raparigas desta idade têm sempre predisposições para a anemia. Todo a cau-

tela é pouca. Um mês passado no campo, e verás como a pequena te fica aí capaz de deitar sete casas abaixo!

Porém Luís já não andava descansado como ao principio. Com efeito, olhando atentamente para a sua filha, observara nela uma grande mudança: Leonor emagrecera, não muito, mas o bastante para se notar á primeira vista: as faces e os labios tinham-lhe empalidecido; as feições do rosto, afinado. «Sim, mas o mês no campo —esforçava-se por se tranquilisar a si proprio — dar-lhe-hia sem duvida as antigas côres».

No começo de janeiro, pai e filha instalaram-se na quinta.

Gabriela não acompanhara a sua amiga. E' que todos os amourosos são egoistas: ela precisava estar em Lisboa para ver o seu noivo. Fôra um romance que se descobrira ao mesmo tempo que o de Leonor e Car-

los: certo priminho afastado, quintanista da Medica — um optimo rapaz... E simultaneamente com o do guarda-marinha, se realisaria o casamento da sua irmã.

A vida de Leonor na quinta era bem doce e benefica, era a mais calma e sadia. Levantava-se muito cedo e logo girava por toda a propriedade colhendo uma flôr aqui, um fruto ali. Depois, ia dar milho ás suas galinhas — uma esplendida colecção em que figuravam soberbos exemplares das melhores espécies.

O resto da manhã, passava-o lendo no grande terraço que deitava sobre um jardim formosissimo, perfumado e luxuriantes, ao qual nem janeiro pudera matar todas as flôres.

Mas o seu pai em breve se começou a angustiar novamente: Não tinha visto ainda colorirem-

se aquelas faces, avermelharem-se aquêles labios. E o pior era que não havia nada que lhe fizesse voltar o antigo apetite.

O Dr. Noronha vinha de automovel todas as manhãs e já não ocultava agora a sua preocupação. Uma vez disse ao dramaturgo que ia trazer um colega para examinar a pequena. O seu amigo empalideceu :

—Mas então...—balbuciou.

—Mas então coisa nenhuma, homem—tornou Paulo —Não sabes que o seguro morreu de velho? Quatro olhos vêem melhor do que dois. Eis tudo. Podes dormir descansado, afirmo-te eu.

No emtanto a voz do bom Noronha soara falso. E Monforte tinha compreendido; já não se podia enganar a si mesmo. Uma infinita amargura se lhe apoderara de todo o ser. Doente a sua filha... a sua querida Leonor... Uma rapariga fortissima que

nunca tivera uma doença... nem o sarampo de todas as crianças!... Não podia acreditar, não podia... mas tinha que acreditar...

Acima de tudo uma coisa o atormentava: Não fôra só quanto ao físico que ela mudara. A sua alegria anterior e a sua vivacidade doutróra tinham desaparecido quasi por completo. Já não corria, não gargalhava. Agora sorria apenas nuns sorrisos muito tristes, confrangedores. Em vão deligenciava enganar o pai que lhe perguntava:

—Mas que tens tu, meu Deus, que tens? Porque andas tão triste? Apetece-te alguma coisa? Dize... Bem sabes que eu faço tudo o que tu quiseses...

—Não quero nada, papá—respondia ela.— Não tenho coisa alguma, juro-te. Isso são ideias tuas. Eu estou perfeitamente.

Mas, apesar de todos os seus

esforços, era-lhe impossível prolongar por muito tempo essa exuberancia artificial.

O autor-dramatico vivia presentemente numa tortura continua. Tinha uma peça nova em ensaios no Republica. Todas as tardes vinha a Lisboa, e os seus interpretes notavam bem a preocupação da sua alma angustiada: viam-no distraído, alheado a tudo, êle que costumava seguir os ensaios das suas obras com a maior atenção, sem deixar escapar um pormenor.

A peça entrara em ensaios de apuro e Augusto Rosa, que os dirigia, indignava-se:

—Homem, com franqueza não sei o que vens fazer para cá! Para estares enterrado num fauteil sem dizer uma palavra, mais valia ficares em casa!...

Monforte, com um sorriso de amargura, tornava-lhe:

—Tens razão. Perdôa-me. Mas

é superior ás minhas forças. Aliás a obra não podia estar entregue em melhores mãos. Não faças caso de mim; deixa-me estar para aqui, rogo-te. Ainda são estas as melhores horas que eu passo.

É o grande actor, que bem avaliava a angustia daquele pai, respondia-lhe:

—Meu pobre Luís, eu é que te peço desculpa—e continuava a ensaiar.

Sim, aquelas horas eram efectivamente as mais doces que Monforte passava porque nelas quasi se esquecia da sua dôr. Perdido na plateia, ás escuras, com os olhos semi-cerrados, ouvindo de quando em quando pedaços das belas frases do seu drama—todo êle se sentia envolvido numa atmosfera de sonho entorpecedora e suave. Como se fumasse ópio, a sua alma adormecia. Por diante dos olhos

deslisavam-lhe então os ânos da sua vida, todos os júbilos, todas as tristezas. E o futuro— que hoje evocava sempre com terror — surgia-lhe nesses momentos em aparições risonhas: era um lar todo iluminado, eram beijos de noivos, caricias de esposos, a garrulice traquinas e adoravel dum enxame de netos a treparem-lhe aos joelhos, a puxarem-lhe os cabelos, a quebrarem-lhe as lunetas...

Mas, terminado o ensaio, quando se encontrava na rua desperto do sonho, lembrava-se da vida, e eram as inquietações do presente que lhe surgiam ameaçadoras. Tinha um pavor imenso de voltar para a quinta. Receava que ao chegar lhe dessem qualquer noticia terrivel. Ele não sabia o quê, ou por outra, não queria imaginar o quê: qualquer coisa que o despedaçasse, emfim. Por isso, cobardeamente, utilisava-se de todos os

pretextos para se demorar. Entrava nas livrarias, parava em frente de todas as montras; pelas esquinas punha-se a ler os cartazes. Mas de subito, via as horas. Então apoderava-se dêle uma ansia infinita de ver a filha, de a beijar, de a estreitar nos seus braços. Nervosamente, subia para o automovel, imprimia ao veiculo uma velocidade doida.

Ao chegar, era sempre Leonor que vinha ao portão e que, beijando-o, lhe dizia :

—Vieste tão tarde... Estava já com cuidado em ti.

Ele suplicava :

—Descansa, minha filha. Amanhã virei mais cedo, juro-te.

Porém, no dia seguinte, o mesmo ou pior acontecia.

As semanas desenrolavam-se todas iguais. Num tormento incessante, era bem certo, ia vivendo o autor-dramatico. Pensava no futuro, angustiava-se,

não dormia, perdera o apetite; mas em todo o caso, nos seus pensamentos—por mais negros que êles fossem—nunca se perfilava o espectro da morte. Ele via Leonor largos ânos num leito, a vida toda numa cadeira de rodas sem se poder mexer; êle via-a chagada, mutilada, sofrendo dôres terriveis, ah! mas nunca morta, estendida em um caixão, sequinha e pálida, coberta de flôres... Com efeito ha desventuras *que não podem succeder*. Não podem succeder, temos nós a certeza, porque seriam horriveis, porque nos aniquilariam sem remedio. E sinceramente não acreditamos que aconteçam, tão grande é o pavor que delas temos. Não se dará isto com todos os caracteres, mas dá-se com alguns—falo por experiencia propria—e acredito mesmo que com muitos. «Morrer a sua filha? Morrer aquella criatura cheia de vida, ainda ha pouco

cheia de saúde? Cair prostrado esse corpo robusto e lindo?... Impossível! Impossível! Tudo menos isso!...» Ora é precisamente por recearmos tanto a catastrophe que nem sequer admitimos a hipótese da sua consumação. Sofremos muito, mas por outras coisas... por coisas menos prováveis e ás vezes, em suma, bem pouco melhores. É o eterno egoismo humano que, ainda nas almas mais generosas e nos affectos mais elevados, sempre e sempre se verifica. Porque egoismo e covardia—a menos bela manifestação do egoismo—constituem o fundo da alma humana.

—Alma infame, se assim é!—
insurgem-se.

Perdão. Ha que pensar um pouco antes de lavrarmos uma sentença. Vejamos, meus amigos: o que deve ser julgado criminoso? Sobretudo aquilo *que não é natural*. Esta definição é

má, sei perfeitamente. Definir é limitar, e esta definição limita muito pouco, visto que um grande numero de coisas nada naturais, de forma alguma são criminosas—pelo menos a «sociedade» não as considera assim. Mas entendamo-nos: Digo: *O criminoso é acima de tudo o que não é natural, o que não se justifica.* Eis pelo que os tribunais absolvem muitos assassinos: Um marido descobriu a sua mulher com um amante; matou-os. O seu crime foi natural. O juri absolve-o. Pois bem, devemos do mesmo modo absolver a alma humana cobarde e egoista, porque é muito natural termos medo das balas—*porque as balas fazem doer*—e collocarmos antes de todos, nós proprios, por isto unicamente: *porque somos nós proprios.*

Ao ler as descrições apavorantes dos naufragios, eu admiro cheio de emoção, tremente e

com um calafrio a percorrer-me todo o corpo, os rasgos de coragem e de generosidade. Quando da recente catastrophe do *Titanic*, chorei vendo nos jornais o retrato da esposa dum milionario americano—uma linda rapariga na força da vida, de labios que seriam rubros, de braços que enlaçariam divinamente, de colo esplendido a aparecer pelo decote audacioso, e que nas horas terriveis do agonisar da embarcação salvou mulheres e crianças—deixando-se ficar a bordo para morrer, ela a salvadora de tantas vidas. Eu chorei pensando: Esta mulher formosissima foi uma criança bulíçosa e travêssa a quem a vida sorriu sempre. Teve tudo. Brillhou nos salões rutilantes; quando ela passava, os homens detinham-se contemplando-a. Foi cortejada, foi amada. Teve como todas o seu primeiro amor, o romance dos seus vinte anos, as suas de-

silusões, as suas alegrias, as suas tristezas. No seu palacio de Nova-York, rainha encantada, ela viveu envolta em rendas; teve colares de perolas, diademas de safiras. Girava airosamente pelos corredores e salões—dona-de-casa vegilante. Amou os dias de sol, as noites de luar, as tardes de outouno—viveu. Os seus dentes agudos de marfim trincaram frutos vermelhos, frutos dourados; as suas mãos de fada, palidas e longas, colheram rosas, violetas, camélias, anemonas fantasticas, orquidias... Na sua vida houve talvez um gran-amôr. E eu vi, na realidade vi, uns labios de homem amado pousar sobre os seus num recanto solitario duma saia de baile imensa, resplandecente; eu vi todo o seu corpo nu, admiravelmente nu, oferecer-se louco aos beijos do amante. E eu chorei: Essa criatura divina, essa mulher que vivera, que amara,

que rira e que chorara, hoje, ali em pleno oceano, esquecida de tudo, corria pelo convés trágico e salvava, arrebatava á morte entre os seus braços—mãe extremosissima—os filhos das outras mães! Os minutos iam passando, a embarcação mergulhava cada vez mais na profundidade... Aquele corpo grácil, num misticismo, numa exaltação, corria pelo convés esquecido de si proprio na sua tarefa sublime... Os barcos estavam cheios; ela ajudara-os a encher, e nem pensou em exigir um lugar dentro dêles! Fatigada, sentou-se, cruzou os braços, e gentilmente esperou a morte, desapareceu no oceano, como gentilmente vivera... Pobre corpo de amor, pobre alma generosa! Fora aquele navio o ultimo salão em que dançara, o ultimo leito em que amara. Eu chorei, eu tive uma pena infinita desse lindo rosto de mulher; eu amei-a, ah! sim, amei-a

um segundo com todas as forças da minha alma! Eu chorei...

Mas tudo isto, tudo isto é literatura... tudo isto é excepcional... Voltemo-nos: Nessa mesma catastrophe nós vamos encontrar a vida, a vida verdadeira, que é horrível—e são os dois italianos que foram mortos a tiro porque primeiro que todos os outros homens, que todas as mulheres, que todas as crianças—queriam embarcar, queriam viver. Viver! mas ha lá desejo mais nobre, mais sagrado!?... Os homens, incorregiveis poetas é que transformando, transtornando, invertendo tudo, fizeram do desprezo pela vida uma das mais nobres virtudes—da mesma forma que converteram o amor numa secreta vergonha que se oculta ás crianças com o maior dos escrupulos. Eis a superioridade dos homens: a inversão dos sentimentos naturais, que é realmente uma superioridade porque

traduz uma revolução: os animais, seres inferiores, não se revoltam, aceitam a natureza. Revolução estulta, porém. Quem possui o melhor não se deve revoltar para ter o pior. E a natureza ainda é uma das raras coisas que não vale a pena aperfeiçoar, porque aperfeiçoa-la quanto aos sentimentos é sempre prejudicial.

— Quer dizer — gritam-me — Com todo o seu palavriado chôcho deseja você significar que admira esses italianos cobardíssimos, que considera criminosos quem os abateu á bala.

Perdão. Eu sou um homem. Não os admiro; á primeira vista mesmo, enoja-me, revolta-me o seu exemplo. Mas penso, desculpo-os e sinto — bem alto o declaro — uma infinita piedade por êles. Simplesmente a minha dôr é serena; não estremeço nem choro como diante do rosto lindo dessa mulher sublime.

Literatura, meus amigos, literatura...

.....

O medico que Paulo de Noronha trouxe de Lisboa para examinar a filha do autor-dramatico, foi um especialista celebre de doenças pulmonares. Quando Monforte ouviu o seu nome, todo o seu côrpo estremeceu: pela primeira vez mediu conscientemente a gravidade da situação. Ele até aí apenas receara; receber muito, é certo, mas sem saber positivamente o quê. Porém agora, á brusca revelação dum nome, a luz tinha-se feito diante do seu espirito: Era o começo, era a marcha angustiosa da doença que não perdôa—a tosse, as faces que esmaecem, a alegria perdida... e as consultas do primeiro medico, de outros medicos, de mais medicos: calvario cujo fim seria uma coisa tão horrivel, tão dilacerante, que

não podia, que verdadeiramente não podia acontecer. As tais coisas que não sucedem nunca...

Depois da consulta, Luís exigiu suplicante que lhe dissessem toda a verdade. E o especialista falou:

—Por ora, meu caro senhor, não ha que recear... ainda que o pulmão esquerdo esteja um bocado afectado... oh! quasi nada, afianço-lhe. Mas é preciso ter cautela com estes achaques. Sua filha é uma senhora muito robusta... Seguindo um tratamento cuidadoso, estou certo que em breve recuperará a sua antiga saúde. Quanto a esse tratamento, eu e o meu illustre collega estamos plenamente de acôrdo. Uns meses passados na Suissa hão de ser eficazes. Pelo menos, tudo parece indicar que assim sucederá. Digo-lhe isto porque é bom estarmos preparados para todas as eventualidades... Sobretudo, meu caro se-

nhor, não desanime. Nunca se deve desanimar.

Esta linguagem ambigua e contraditoria, característica do medico, que numa frase garante uma esperança, para logo prevenir a hipótese contrária — atormentou o artista ainda mais do que se lhe tivessem dito:

—A sua filha está perdida.

Ha almas com efeito, e Monforte era uma delas, para quem a incerteza é a pior das torturas. Quando temos uma certeza, por muito amarga que seja, é só por ela que sofremos. Porém, se não a possuímos, se unicamente possuímos uma duvida, mais horrroso se torna o nosso martirio: Sofremos por essa duvida transformada em terrivel certeza, e pela esperança que a mesma duvida encerra. Numa palavra: No primeiro caso sofremos por uma desilusão unica; no segundo por ilusões e desilusões sucessivas: um tormento constante em que

nos despedaçamos e nos sentimos enlouquecer.

Por isso, vendo que do especialista nada podia arrancar de sincero, quando ele se despediu, o dramaturgo rogou ao seu amigo que lhe dissesse a verdade despida de todas as reticencias.

E o bom Doutor, que o conhecia, respondeu-lhe:

—Meu pobre Luís, efectivamente contigo é melhor empregar a franqueza. Aqui tens o que ha: O estado de Leonor é inquietante. Admiramo-nos acima de tudo como a doença pode invadir assim bruscamente um corpo robusto e saudavel como o seu. No entanto o estado da tua filha está longe, mas bem longe, de ser desesperado. A sua robustez anterior, eis a melhor garantia. Trata de partir com ela, o mais depressa possivel, para a Suissa. Aconselho-te Davos. E creio, firmemente creio, que em

breve acordaremos do mau sonho.

Foram benéficas estas palavras sinceras. O homem de acção que existia em Luís, homem decidido e de vontade de ferro, despertou. Era um caso de vida ou de morte. A' força de cuidados e de amor, salvaria a sua filha. Eis a obra que presentemente ia encetar com toda a coragem. Leva-la-hia a cabo, tinha a certeza!

.....

Mas antes de ir para a Suissa, pela primeira vez Leonor deitou sangue pela bôca.



V

Foram esperançosos os primeiros tempos em Davos. Leonor queria viver, queria amar— e como firmamente queria, não duvidava que o clima benéfico das montanhas lhe restituisse dentro em pouco a saúde perdida.

Instalada com o pai num dos melhores hoteis-sanatorios, animosa se dispôs a seguir com a maxima obediencia todos os preceitos que os medicos lhe indicassem, para alcançar uma cura radical e breve. Diariamente passava longas horas sentada na grande galeria exposta ao sul. Por diante dos seus olhos,

debaixo dum céu muito azul e sem nuvens, desenrolava-se um panorama soberbo de altas montanhas. O ar que vinha delas, batia-lhe no rosto, e Leonor sorvia-o deliciada porque esse ar purissimo era a vida, era a saúde, era o amor.

Logo nos primeiros dias se relacionara com alguns doentes; mas os seus companheiros preferidos—mesmo os unicos com quem se aprazia—foram uma atrizita parisiense, M.^{elle} Yvette Dolcey, e um estudante dinamarquês, Cristiano Ussing. Daquela, tinha-se aproximado por vêr que todos a consideravam uma criatura á parte. Com efeito, sabia-se no estabelecimento o que era a francesinha—e estas duas qualidades de francesa e de atriz são das mais suspeitas para a *gente honesta*. Por isso, enquanto os homens faziam circulo galanteador em volta dela, as «senhoras dignas»,

abstínham-se feducicamente de lhe dar os proprios bons-dias...

Uma optima rapariga a Yvette. Natureza franca, expontanea e livre, não tinha vaidades tôlas. Com uma simplicidade adoravel falava da sua vida, dizia as suas esperanças. Enternecidamente murmurava o nome de Robert Lagrange — o moço dramaturgo em evidencia, autor do *Inferno*— que lhe pagava a cura na Suissa. Fôra este que, arrancando-a do atelier de modista onde ela se estiolava, a tinha feito estrear numa das suas obras. A rapariguita revelara grande vocação; na sua frente abria-se um lindo futuro. Mas sobreviera a doença— resultado duma infancia de privações, duma juventude de trabalho esfacelante e, por ultimo, da vida febril dos teatros. A Lagrange devia ela tudo—não se cansava de o dizer—Até á morte lhe seria reconhecida.

Cristiano Ussing estudava di-

reito em Copenhague. Era um rapaz alto, extremamente alto e loiro, de grandes olhos azuis melancolicos e nostalgicos. Antes de lhe falar, tinha-se admirado Leonor da insistencia com que êle a fitava. Porê m soubera a explicação do facto ás primeiras palavras trocadas: uma irmã do dinamarquês parecia-se extraordinariamente com ela—tanto como se fossem irmãs gêmeas, afirmava Cristiano.

Na varanda do sanatorio, recebendo nos pulmões o ar alpino e bemfazejo, todos os dias os tres doentes se demoravam horas seguidas palestrando. Na sua conversa, a cada instante surgiam as palavras de esperança—os grandes projectos, os grandes ideais: um soberbo papel numa nova comedia de Lagrange que Yvette criaria na Renascença para a proxima época; o casamento de Ussing dali a menos de dois ânos, logo que

tivesse concluído o seu curso; quanto a Leonor, todas as alegrias que o futuro lhe reservava perto de Carlos—todas as esperanças dos vinte anos, todas as ilusões.

No garrular dos jovens frequentemente se misturava Luís. Interrogava Cristiano sobre as literaturas escandinavas, informava-se junto de M.^{elle} Dolcey àcerca das suas relações no meio teatral parisiense, e a actrizinha — amiga íntima de Vera Sérgine — repetia-lhe os grandes elogios que a seu respeito ouvira muita vez á interprete admiravel da *Quimera*.

Decorreram duas semanas. Monforte jubilava. Via Leonor contente, com a sua alegria doutróra, e via tambem os seus labios mais vermelhos, as suas faces mais rosadas.

Mas duraram pouco estas esperanças. Ao cabo dum mês a

sua filha tornou a esmaecer, a entristecer.

E' que o ar das montanhas, no fundo, em nada beneficiara aquele organismo já todo minado pela doença inexorável e brusca.

Fôra apenas o desejo enorme de viver que efemeramente lhe restituira as côres e a vivacidade de espirito, dando-lhe a ilusão dum proximo restabelecimento. Porém com os dias passados, essa ilusão desaparecera; a realidade surgiu aterradora: as suas melhoras tinham sido nulas; ela sentia no peito a mesma opressão, em todo o seu cõrpo a mesma fadiga. Desesperançada e exausta, de novo se deixou vencer pela doença.

Os medicos protestavam junto do pai: «Não havia motivo para sobressaltos—garantiam—. Aquilo era perfeitamente natural. Alternativas de melhoras e recaídas antes de chegar ao periodo de franca convalescença.

Mesmo, desanimar ao fim dum mês quando havia doentes que passavam ali estações inteiras e que, embora restabelecidos, todos os ânos voltavam para tonificar os pulmões!...».

Identica opinião formulava Ussing apoiando-se no seu proprio exemplo: êle chegara a Davos ha pouco menos dum semestre, e não se retiraria tão cedo apesar dos sacrificios que isso representava para a sua familia.

Se o vissem nos primeiros tempos... Parecia um morto em pé! Mas fôra-se restabelecendo pouco a pouco porque nunca desanimara. E hoje estava livre de perigo. Podia muito bem partir. Entretanto, demorar-se-hia ainda algum tempo para se assegurar melhor da sua cura. Paciencia, muita paciencia — eis o que era necessario...

Contudo outro mês não chegou a patientar Leonor. Todos os dias supplicava ao pai que a li-

vrasse daquele inferno — porque a vida no sanatorio se lhe tornara num verdadeiro inferno. Ela não podia, sinceramente não podia, continuar a permanecer ali. Tudo a horrorisava, tudo a nauseava. Sentada na grande varanda, defronte das montanhas cujo panorama outróra tanto a embevecera, tinha calafrios de medo: parecia-lhe que todos esses montes avançavam para ela como um rebanho monstruoso de polvos colossais, prestes a esmagarem-lhe o côrpo entre os seus tentáculos alucinantes, medonhamente negros. Repugnava-lhe o contacto com os outros doentes; os pratos, os talheres, as roupas que serviam a esses doentes. O pai propôs-lhe que saíssem do estabelecimento e alugassem uma *vila*. Mas a sua filha recusou. O que Leonor desejava era partir para Lisboa, voltar para a sua quinta. Lá não havia geleiras nem montanhas;

havia sol e rosas. E ela tinha uma saudade infinita do sol e das rosas brancas do seu jardim.

O pai rogava-lhe que não fosse tão impaciente, que reflectisse, que esperasse ainda algum tempo. Porém o estado de Leonor era cada vez mais lamentavel. Estavam de novo coradas as suas faces, mas não era a côr da saúde—eram as rosetas da febre. Todo o seu peito se contorcia numa tosse cavernosa e despedaçadora; o lenço que levava á bôca subitamente se tingia de sangue.

Por conselho dos proprios medicos do sanatorio, a quem não convinha uma tal enferma pois sabiam muito bem o que a esperava dentro em pouco, Monforte decidiu-se a fazer a vontade á sua filha. Os dois regressaram a Lisboa. Novo periodo de esperança: Ao ver-se entre as suas flôres, entre todas as suas coi-

sas, Leonor pareceu experimentar acentuadas melhoras.

Mas ainda um mês não tinha decorrido, e a pobre noiva gentil expirava docemente numa tarde linda de primavera, numa tarde de rosas e de sol...

.....

*

*

*

O que se passou na alma de Monforte durante os últimos dias da doença de Leonor, ninguém o pode exprimir. Foi, é claro, uma angustia sem fim, mas uma angustia tão grande, tão irremediável e aniquiladora que, pelo seu próprio excesso, quasi o não tinha feito sofrer: Ultrapassados os limites da dôr humana, nós vacilamos atordoados como se tivéssemos recebido na cabeça um chuveiro de murros brutais. A razão esvaice-nos, e a vida cobre-se aos nossos olhos das

côres vagas dum pesadelo—horível, sem duvida, mas que vamos sonhando com a noção de que é apenas um pesadelo.

Fôra isto que se dera com o autor-dramático. Êle não chorava, não falava, não pensava. Se o interrogavam, respondia por murmurios, por frases incoerentes que não exprimiam coisa alguma. Todos respeitavam a dôr imensa daquêle pai, e o proprio Dr. Noronha se abstinha de lhe dizer palavras de consolação. Tudo quanto lhe dissessem, na realidade, unicamente serviria para amargurar ainda mais o seu tormento.

Semi-louco, com a razão obscurecida pelo menos, êle assistiu impassível á agonia suave da filha e, vestido de preto—na sala ás escuras—recebeu os amigos que solícitos lhe vinham dar os *pêsames*. A eterna comedia humana... Só quando o pesado caixão de mogno subiu para a ber-

linda negra, só quando a longa fila de carruagens se pôs em marcha, é que Monforte acordou do pesadelo e viu, conscientemente viu, toda a sua desgraça. Pela primeira vez chorou; chorou não por Leonor, mas pela ruína total e sem remédio da sua vida inteira. Porque era assim: a partir daquêle momento toda a sua vida desabara convertida num montão de escombros. Debaixo dos destroços, êle jazia sepultado — morrera também. Por isso não pensou no suicídio: Existem angustias tão desoladoras, tão infinitamente crueis, que nós temos a sensação nitida — mas é verdade, temos a sensação nitida — de que passámos já para além da morte. Em muitos dias da vida, por coisas de bem menor importancia, por mil complicações enervantes e mesquinhas, lembrámo-nos de desertar com uma bala — chegámos até a pegar no revólver. Porém,

em face duma catastofre horrível, de tal modo horrível que nunca admitimos a hipótese de a vermos consumada, não pensamos nem por um segundo nessa libertação. Não pensamos porque a nossa dôr foi tamanha que mesmo na morte não acharíamos refugio para ela—a nossa dôr foi tamanha que realmente morremos já. *E como morremos já, não importa que continuemos vivos.* Demais, ao peso dessa angustia, toda a nossa vontade ficou abolida. Ora, digam o que disserem, ainda é imprescindível uma grande força de vontade para desfecharmos uma pistola sobre nós próprios, para nos precipitarmos duma ponte, para emborcarmos um frasco de veneno.

—Ah, quer dizer: Você não considera o suicidio uma covardia?

Mas de forma alguma! Acho até que um suicida é uma cria-

tura de enorme coragem. Escusam de me interromper... Sei muito bem que um suicida é um desertor: a existencia tornara-se-lhe impossivel; êle fugiu-lhe. Perfeitamente. No entanto, para fugir, teve que praticar um acto muito mais violento—logo, muito mais corajoso — do que praticaria se continuasse a viver. Se continuasse vivo, conformava-se no fim de contas com a lei comum—«A vida é um sofrimento eterno»—*sujeitava-se*. Mas êle não se sujeitou, morreu ás suas proprias mãos—isto é: *revoltou-se*. Ora, meus amigos, «revolta» foi sempre sinonimo de audacia, de coragem, de energia.

Os suicidas! Ah! com que entusiasmo os admiro, como os respeito! *Eles realisaram aquilo que quizeram*. Eis a sua grande superioridade. Valem bem mais do que eu, que tenho tanto desejo e nunca serei capaz de despejar um revólver sobre o meu

craneo. Quem vive bocejante, lazeirento como eu vivo, e continua a viver, não é só um covarde—é um miseravel.

Rogo que não vejam nisto o pessimismo ôco e banal da mocidade literaria. Embora dum escritor, estas palavras por acaso são sinceras: Tenho vinte e dois ânos, e não creio em coisa alguma; olho em volta de mim e não vejo nada que me atraia, nada que me encante, nada para que viva. Sinto, verdadeiramente sinto, que me barraram todo o corpo com uma camada de gesso muito espessa que me prende os movimentos, me anquilosa os musculos.

Para a doença fisica em que a vida se me tornou, só existe um remedio: o aniquilamento. No emtanto, nunca terei a força de vontade necessaria para absorver esse temivel elixir. Os meus amigos podem estar perfeitamente descansados. Apesar de

tudo, continuarei vivendo; apesar de nada me distrair, não deixarei de frequentar os teatros; apesar de não crer em coisa alguma, irei compondo mais livros, sempre mais livros, na conquista vã duma quimera de ouro... Gritando sem cessar a minha desgraça, amaldiçoando a existencia, irei gosando do que nela houver de bom—como a outra gente afinal. E escrevi tudo isto...

Literatura, meus amigos, literatura...

.....

*

*

*

Passaram-se alguns dias.

O Dr. Noronha e os seus filhos—Carlos regressara exactamente uma semana antes da morte de Leonor—continuavam instalados na propriedade de Monforte, donde, apesar das instancias de Paulo, o dramaturgo se

não quisera retirar ainda. O medico e a sua familia, é claro, não o abandonavam receando que êle praticasse algum desvario — que atentasse contra a sua existencia, ou mesmo que de subito enlouquecesse, tamanho fôra o golpe.

E na verdade, louco já o escritor parecia. Levantava-se muito cedo, e logo saía para a quinta a girar durante horas num passo de automato, com o olhar perdido no vago, pelas ruas aromaticas do grande roseiral. Fugia de todos; levavam-lhe as refeições ao quarto. A sua vida era como que um sonho acordado donde só ás vezes despertava para gritar o martirio inconcebível que lhe ia na alma a Paulo ou aos seus filhos.

Noronha, lembrando-se de que a presença de Gabriela lhe poderia ser dolorosa por mais frisantemente lhe evocar a imagem da desaparecida, pensou em afasta-

la. Mas Luís suplicou-lhe que não fizesse tal: Ver deslizar por defronte de si a grata figurinha duma rapariga de vinte anos, era um lenitivo para o seu tormento. Quando avistava ao longe a sombra errante desse corpo gentil, a sua angustia suavizava-se. Parecia-lhe que era Leonor, viva e risonha, cheia de esperanças, a caminhar por entre rosas. Pela sua auzencia é que êle se despedaçava. Logo, tudo quanto lha recordasse ser-lhe-hia benéfico. Eis porque todas as manhãs vagabundeava pelo jardim onde a morta lirial tanto se aprazera. Fechando os olhos, sorvendo aquêle ar delicioso e perfumado, o dramaturgo tinha a ilusão, ouvia realmente as exclamações alegres da sua filha colhendo perto as flôres estonteantes.

Aliás o contacto com todas as coisas que lha recordassem, tornara-se nêle uma verdadeira obsessão—precussora talvez du-

ma proxima loucura. Diariamente, apesar das supplicas do Doutor, fechava-se no seu quarto na contemplação demorada e lacinante de qualquer objecto que tivesse pertencido a Leonor — um lenço, uma fita, a sua cesta de costura, uma aguarela esboçada. São assim com efeito os grandes sofrimentos: cheios de puerilidades que, se não fossem atrozes, quasi nos fariam sorrir.

No entanto, decorridas algumas semanas, o autor-dramatico resolveu regressar á sua casa de Lisboa, implorando agora ao amigo que o deixasse só. Não vendo na verdade grande inconveniente em lhe satisfazer este desejo, Paulo limitou-se desde então a passar junto dêle poucos minutos cada noite, gritando-lhe sempre que era preciso ter coragem e trabalhar, esquecer...

Ouvindo tal, o artista sorria amargamente. Ah! como hoje

se lhe afigurava mesquinha toda a sua obra, lhe parecia vã toda a sua gloria!... Que lhe importavam uma e outra, se nem mesmo nelas podia achar um refugio para a sua dôr? A immortalidade que ainda em vida tinha conquistado, os seus triunfos, o seu genio—tudo isso eram castelos de cartas, nuvens de fumo, ilusões douradas. A realidade era outra, bem outra. Só ela — a realidade temível — lhe surgia por defronte dos olhos como um baluarte adamantino, resistente aos gigantes e aos milenarios.

Monforte não queria pois trabalhar, e muito menos esquecer, visto que a recordação ainda era o seu unico alivio. Peregrino doloroso, vagabundeava incerto pelos vastos aposentos agora solitarios, frios, desconfortaveis. Demorava-se manhãs inteiras no quarto de Leonor; abria as grandes gavetas cheias da sua roupa. Contemplando essas

sêdas, esses linhos, essas rendas, esses laços — toda essa espuma capitolosa e frivola—o corpo vibrava-lhe sacudido num calafrio arripante, onda electrica de angustia que lhe partia o coração. As lagrimas aflovavam torrenciais—lagrimas que vinham bem do fundo da alma, que eram o pungir sagrado e horrivel da maior dôr humana.

Mas isso mesmo é que que êle queria: sofrer muito, muito, com o perfil perdido da morta galante materializado na sua frente. De maneira que no seu pranto, embora angustiosissimo, havia tambem qualquer coisa de suavizador. Imovel, chorava largo tempo e por fim, levava aos labios um feixe dessas roupas intimas, perturbadoras, donde se desprendia, estonteante, um perfume loiro a mocidade e a carne. Beijava-as, sofregamente as beijava, numa ansia, num deli-

rio tal, que mais parecia de luxúria que de dôr...

Todas as tardes — conforme era o costume da filha — sempre na mesma obsessão, o dramaturgo saía de automovel a dar pelos arredores da cidade os passeios preferidos da morta.

Assim tinham decorrido dois meses quando uma noite declarou a Paulo que resolvera partir para uma grande viagem ao estrangeiro. Alegrou-se muito o Doutor: «Cobrava animo o seu amigo — pensou —. Estava salvo da loucura. Decidira-se finalmente a espairecer». Engano total. Era uma viagem de martirio, um calvario de paixão que Monforte encetava: Elê queria evocar a imagem de Leonor em novos panoramas, queria percorrer todos os scenarios onde alguma vez a fada gentil exuberara radiosa, cheia de vida, sonhando amores...

VI

Numa noite de chuva, sem estrelas, pesada e abafadiça, desceu Monforte do *Sud-Express* na estação do Quai d'Orsay. Inconscientemente, deixou que um carregador lhe collocasse as malas num trem; saltou para a caruagem e mandou-a seguir para o Grande Hotel.

Pelo caminho, ouvindo o barulho monótono da chuva a fustigar as vidraças do fiacre, iam-lhe deslizando por defronte dos olhos todas as épocas da sua vida em que entrara na cidade imensa. A primeira vez — lembrava-se muito bem — ainda não tinha nove ános; fôra pela Expo-

sição de 78. Ah! como batera as palmas, como saltara e rira quando o pai lhe anunciara essa viagem... Êle, que tantas vezes pelos largos tristonhos de Lisboa, á força de imaginação, se julgara atravessando as praças rutilantes das grandes capitais europeias — ia agora conhecê-las, devorar leguas, dormir noites nos comboios!... E a sua fantasia, em sonhos acordados, voava de Paris a Londres, a Viêna, a Roma, a Petersburgo...

Oh! a idade venturosa da infancia! Onde ha outra mais feliz e mais tranquila, mais sorridente—isto é, mais egoista?... Em volta de nós podem succeder as piores catastrofes. Se elas nos não arrancam nem os brinquedos nem os bôlos, não nos atingem de forma alguma... não as compreendemos sequer... Quando muito, correm-nos lagrimas vendo chorar as nossas

mães. No entanto, é só ainda vagamente que percebemos a dôr humana. Por isso as nossas lágrimas secam depressa diante dos brinquedos. E se o quadro em que nos agitamos é risonho, a infancia transforma-se-nos então num jardim maravilhoso. Para as crianças felizes, só para elas, existe realmente um céu—o céu dos seus primeiros ânos.

Eis porque, saudosissimo, o dramaturgo evocava hoje os seus nove ânos. Naquêl tempo o cerebro mal se lhe começava a abrir á luz da intelligencia. Mas que importava isso, se era tão completa a sua felicidade, se os dias deslisavam tão alegres, se para êle não havia nem cuidados nem ambições?...

Nessa viagem tudo o maravilhara. E fôra, em Paris, a multidão atravancando as ruas cheias de trens e de omnibus, as montras fantasticas dos bazares encantados, as confeitarias

a abarrotar de guloseimas exquisitas... os mil pavilhões repletos de coisas lindas, os soberbos palacios da feira colossal e riquissima que era a Exposição...

Após o desastre de 70, a França — a grande corajosa — batia asas novas, asas triunfais já robustas e emplumadas. Haviam-lhe sarado as feridas; ia de novo cortar o azul. Nos rostos franceses pairavam sorrisos jubilosos, brilhavam clarões de orgulho. Pelos olhos dos seus filhos, toda a patria annunciava ao mundo estupefacto a gloria inaudita dum ressurgir admiravel.

...E fôra a primeira vez que andara nas montanhas russas... que tivera a caixa de tintas enorme dos seus sonhos...

.....
Quando voltara a Paris, ia nos dezasseis ânos; a sua carne despertava para o amor. O que o maravillara então, tinham si-

do as mulheres esplendidas que via nos teatros, cobertas de joias, amplamente decotadas; que jantavam nos grandes restaurantes; que percorriam o Bosque em soberbas equipagens. Ah! com que prazer infinito não misturaria o seu corpo todo nu aos corpos despidos dessas criaturas de sonho... E, mesmo, que horas inefáveis não passaria com uma dessas raparigas tão galantes que, á noite, circulavam em chusma pelos boulevards... O sabor estranho que haviam de ter os beijos daqueles labios pintados, as caricias daquêles seios agudos tremendo mal escondidos, perturbadores...

Puro ainda, sabia fantasiar no emtanto todas as volupias, todos os extases...

Depois o tempo correrá; tudo isso experimentara. Que desilusão amarga! Como a realidade mais bela tinha sido mesqui-

nha, tinha sido inferior aos abraços imaginários dos seus dezasseis anos... Soubera-o quando pela primeira vez se encontrara só em Paris. Beijara então livremente os lábios pintados e os seios nus que apetecera com tamanho ardor. Mas esses beijos reais, deliciosos, valeram menos, muito menos, do que os grandes amplexos sonhados. E' a tragedia da alma humana — triste alma que nunca pode ter tudo quanto ambiciona: As suas conquistas, por maiores e mais completas, desiludem-na sempre — são sempre menos famosas do que imaginara antes de as possuir...

Mas a carruagem parou de subito. Monforte desceu, entrou no hotel.

Depois de escolher o quarto, imediatamente se deitou e, ás escuras, antes de adormecer, o curso das suas recordações prosseguiu como se não tivesse sido interrompido. E era agora, en-

tre as outras, a viagem dourada que fizera em companhia da Julia, logo após o sucesso da *Doi-da*, que se esboçava na sua re-tentiva mais saudosa e mais ni-tida... Que mês divino em Pa-ris! De mãos dadas, num enlevo incessante, os dois amorosos ti-nham corrido a capital inteira — entrado em todos os teatros, ceado champanhe e beijos pelos restaurantes noturnos... Tudo lhe sorria nessa época radiosa: a mocidade, o amor, a gloria. . . O futuro, desenrolava-se dian-te dos seus olhos como uma es-trada lisa, arborizada e clara, resplandecente... O bom tem-po... o bom tempo...

E recordando ainda outra qua-dra risonha, bem mais próxima — o triunfo da *Quimera*, a sua consagração na Cidade-Luz — o artista adormeceu por fim, ven-cido pela fadiga, torturado pela angustia...

.....

Algumas semanas se demorou em Paris o dramaturgo. Com efeito, das terras estrangeiras, era essa a que lhe proporcionava recordações mais numerosas e frisantes da desaparecida.

Todas as tardes êle saía em perigrinação evocadora, e caminhando solitario nas ruas que outróra percorrera tanta vez junto da filha, mil coisas lhe materialisavam de subito a imagem galante da morta lirial... Era um estabelecimento onde Leonor entrara e comprara qualquer frivolidade preciosa—uma joia, um frasco de essencia, um leque de rendas... E hoje aquêlê pobre pai, na sua miseria ilimitada, sentia uma vontade infinita de entrar no mesmo estabelecimento, de comprar o mesmo leque, a mesma joia, a mesma essencia... Mas via a infantilidade desse desejo; de olhos rasos de lagrimas, conti-

nuava o seu caminho, o seu calvario doloroso...

Mais duma vez, na mesma ansia, êle entrou nos grandes armazens, «paraisos das damas», onde a sua filha se encantara largas horas, quasi dias inteiros. Errando pelas vastas galerias do Louvre, do Bon-Marché, do Printemps, da Samaritana, no seu meio-sonambulismo, ouvia de quando em quando as vozes dos caixeiros a oferecerem-lhe os artigos das suas secções. Mas, ai, êle hoje não parava nunca... e dantes, detinha-se a cada passo... Como se lhe partia o coração em frente dos montões de fitas multicolores que ela revolvera num enlevo com as suas mãos de santa... E as sedas que ela fazia ranger entre os seus dedos afilados, os setins maravilhosos, os veludos rutilantes, as rendas de Bruxelas... os cinturões, os véus, as echarpes douradas!...

Um dia, não se pôde conter :
Vendo na montra dum perfumista da rua Royale, um par de travessas de tartaruga semelhante ao que Leonor usara nos ultimos tempos, entrou na loja e comprou-o.

Ao chegar ao hotel, abriu o estojo, colocou-o diante de si, contemplou-o serenamente alguns minutos. Mas de subito, as lagrimas irromperam e, num delirio, numa exaltação, levou as travessas aos labios, cobriu-as de beijos... Parecia-lhe aspirar nelas o perfume estranho, subtil, da cabeleira ondeante da morta precoce... Ai, as suas tranças de fogo, as suas tranças leoninas, as suas longas tranças desprendidas... que aureola de scintilações fantasticas, que manto de luz astral reverberando oiro!...

As vezes que êle a tinha visto compôr esses cabelos torrenceais, passar os dedos preguiço-

so entre essas madeixas igneas...
Pobres madeixas... Lá longe,
num jazigo solitario, entre a
podridão e os vermes, iriam
embaceando, perdendo pouco a
pouco a côr e o brilho, desfazendo-se em pó... Tristes madeixas... tristes madeixas...

E por defronte dos seus olhos,
ainda a refulgir, elas serpentearam,
ondearam, verdadeiramente ondearam,
num esplendor de apoteose...

Beijou de novo as travessas,
beijou-as com desespero, beijou-as
como quem beija uma recordação de amor,
até que por fim—voltando-lhe a razão—fechou o estojo num confrangimento horrível,
arremeçou-o para o fundo duma gaveta...

Todas as noites, depois de ter jantado vagamente, Monforte seguia pelos grandes *boulevards* que a multidão pejava, fazendo quasi sempre todo o longo per-

curso entre a Madalena e a Praça da Republica. O barulho continuo dos guisos e do trote dos cavalos dos fiacres, o som rouquenho das buzinas dos auto-taxímetros—a musica característica do *boulevard* onde só deslisam rodas silenciosas—embalava-o como uma melopeia suave e monotona. Na sua frente materialisavam-se mil aparições gentis da filha, sentia pesar o braço dela no seu braço e ouvia, na realidade ouvia, as suas perguntas, as suas observações. No rosto, esboçava-se-lhe uma ventura serena, terna e enlevada. Mas, de subito, o contacto brusco com um transeunte, qualquer ruido que destoasse, faziam-no despertar—e era então toda a sua miseria que lhe surgia implacavel diante dos olhos. Ah! a sua filha não caminhava junto dêle, não... e nunca mais caminharia... nunca mais sentiria sobre o seu, aquêle braço frio e

duro; nunca mais admiraria aquêlê corpo esbelto, aquêla bôca a sorrir divinamente, aquêles olhos de sonho... Nunca mais... nunca mais!... Um oceano de amargura parecia tumultuar-lhe no peito; às luzes bailavam de frente dêle em cancans alucinantes, mas o autor-dramatico continuava o seu caminho, até que de novo perdia a noção das coisas e a miragem benefica voltava...

Drama na realidade bem pungente o que desde a morte de Leonor se ia desenrolando na alma do artista! A partir de então todos os actos da sua vida eram praticados numa meia-inconsciencia, num quasi-sonambulismo. Não tinha vontade propria; arrastava-o uma força desconhecida. As ideias emaranhavam-se-lhe no cerebro como se vivesse constantemente numa embriaguez semi-lucida. Se des-

pertava dessa embriaguez o seu martirio tornava-se horrível — e assim era êle mesmo que se esforçava por não sair nunca do seu torpor.

Frequentemente tinha visões estranhas: Uma noite, antes de adormecer, pensando em Leonor, foi a imagem da Julia, a imagem esquecida da grande amante loira, que se lhe agualeou nas trevas, toda nua sobre um leito de rosas. *E enquanto durava a visão perturbadora nem só por um momento êle esquecera a filha.*

Entretanto, este estado de semi-inconsciencia, é que o salvara até hoje. Se as suas faculdades mentais, se não se tivessem perturbado, se êle sofresse com toda a sua razão—naturalmente não teria podido resistir ao golpe. Sobre isto meditara largas horas Paulo de Noronha que, depois de muito reflectir, de atender bem aos factos, ganhara em todo o caso a espe-

rança firme de que o tempo e o movimento curariam o seu amigo da dôr e da loucura.

Foram passando semanas. A vida de Monforte continuava a ser a mesma — sucessivas viagens dolorosas através da capital onde, radiante de vida e de mocidade, a pobre noiva se agitara tanta vez.

Uma noite, como as Folies-Bergère anunciassem a *reprise* dum bailado que, noutra epoca, êle tinha visto com Leonor, comprou um bilhete e foi assistir ao espectáculo.

No salão, durante um intervalo, emquanto tomava um cálice de conhaque, uma das muitas profissionais do amor que por ali circulavam, abordou-o. Quando o dramaturgo viu avançar para êle essa desconhecida de beiços pintados, de seios á mostra, os seus olhos scintillaram num fulgor estranho. E'

que só pelo facto duma forma feminina—aliás em nada semelhante á desaparecida—caminhar para êle, lhe parecera por momentos que tudo era sonho, que estava bem viva a filha, que era ela que se aproximava. Mas em lugar da sua voz cristalina e doce, foi uma pobre voz cansada e rouca que lhe perguntou cinicamente :

—*M'sieu, vous offrez quelque chose?*

E, maquinalmente, Luís esboçou um gesto afirmativo, arredou uma cadeira... Com efeito, aquêle corpo de mulher ao seu lado, *apenas por ser um corpo de mulher*, dava-lhe a ilusão nitida de que era Leonor que se sentava junto dêle, como outróra...

.....

Exgotadas todas as recordações que a capital do mundo lhe podia proporcionar, sempre na sua vagabundagem dolorosa, na

sua bizarra obsessão, atraído pela mesma força desconhecida e formidável—partiu para outras cidades onde alguma vez o passo gentil da morta lirial pisara as grandes ruas.

E sem saber como, um dia achou-se em Davos...

*

* *

Suissa das montanhas, ó dama-branca dos glaciares resplandecentes, sonham contigo os noivos de todo o mundo! Eles querem percorrer-te de mãos dadas numa viagem ideal, contemplar os teus lagos de azul—ó deusa frígida, unirem as bôcas sob o teu céu iriado! Refugio dos amorosos, és também a derradeira esperança dos enfermos. Morte e amor, andam sempre juntos. Mas, ai, para os amantes surges como uma fada bem-fazeja, não os enganas nunca. E

atraiçôas tanta vez os jovens das faces palidas... Eu sei... eu sei... O amor é uma ilusão, a morte uma realidade...

.....

... E Luís entrara no mesmo sanatório onde a filha, de balde, viera procurar a vida...

Os sanatórios... Como se trava bem conhecimento com toda a miséria da existência nesses estranhos caravanserralhos que, á primeira vista, parecem hotéis vulgares, idênticos a tantos outros... Agita-se ali ansiosa uma multidão de seres febricitantes, doloridos... Quando a vida mais lhes sorria, começaram a vê-la desaparecer pouco a pouco dos seus organismos exgotados — essência preciosa a volatilizar-se, chama bruxoleante prestes a extinguir-se. Eles querem, ardentemente querem, fazer durar a chamazinha. Lutam arquejantes; vibram-lhes os nervos, gotejam-

lhês as fronte... Tudo em vão!
Tudo em vão! A raros perdôa
a doença temível: A um que o
mal ainda não minara verdadei-
ramente... a outro de vontade
mais forte—duma dessas vontade-
des que fariam crescer asas. E
são estes vencedores que ani-
mam os companheiros para a
derrota. Se êles venceram, por-
que não hão de vencer tam-
bem?... Vencerão! Vencerão!...
Lá longe, nos seus países, es-
pera-os o amor, espera-os o
triunfo—o grande drama pla-
neado, o grande poema meio
escrito... E avermelham-se-lhes
as faces, o sangue gira-lhes
mais quente nas arterias... Mas
dura pouco o belo engano...
depressa surge a realidade...
Ei-los vencidos... vencidos...

.....

... E Monforte caminhava ago-
ra pela extensa galeria exposta
ao sul onde, cheia de esperan-

ças, a filha se assentara tanta vez...

Evocando mil recordações amargas, despedaçadoras, o dramaturgo seguia sempre abstracto no seu passo de automato... De subito porém, estacou... Ó maravilha! ali, bem perto dêle, junto de Cristiano, Leonor estava sentada a ler um livro... como outróra... como outróra!... Eram decerto os fantasmas, mas nunca defronte dos seus olhos surgira uma aparição tão nitida, tão semelhante á realidade... Avançou alguns passos... Cristiano—um Cristiano muito magro e palido, de olhar vitreo onde a morte já escrevera a sua sentença—quis-se erguer do fauteuil, ergueu-se com efeito, e, agitando os braços, exclamou:

—Ah! Ei-lo de volta, meu caro senhor... Pelo que vejo, a sua filha reflectiu. Como vai ela... como vai ela?...

A sua filha?... Mas a sua filha estava ali diante dêle... levantara-se... fechara o livro...

Então, vendo a estranha atitude do artista, Ussing apresentou:

—Minha irmã Magda... O sr. Luís de Monforte... o pai daquela menina, muito parecida contigo, em que te tenho falado tantas vezes...

.....
.....

Uma semana depois, Cristiano morria e—seis meses mais tarde—com um espanto inconcebível, soube o Dr. Noronha em Lisboa do casamento do seu amigo Luís de Monforte com Magda Ussing. A cerimonia realisara-se em Copenhague. Os esposos chegariam brevemente a Portugal...



Faint, illegible text is visible in the center of the page, appearing as a vertical column of characters. The text is extremely light and blurry, making it impossible to read. It seems to be a list or a series of entries, possibly names or dates, but the characters are too faded to discern.

VII

... E na sua frente, êle via pois a cada instante, um rosto lindo que era o da sua filha e —nesse rosto—o mesmo sorriso enlevado, o mesmo infinito azul duns grandes olhos tristes. A morta ressuscitara!... Ilusão, sem duvida, mas uma ilusão tão nitida que valia quasi por uma realidade.

Quando o Doutor viu pela primeira vez a esposa de Monforte —êle, que tanto se abismara com esses amores serôdios, compreendeu tudo: Era inaudita a semelhança de Magda com a desaparecida—apenas uma voz menos suave e a estatura um

pouco mais elevada. Assim, evidentemente, fôra a saudade infinita por Leonor, só ela, que o tinha feito esposar a dinamarquesa. Tal facto porém, significava que Luís não se decidira a esquecer a sua dôr—a prova é que a materialisara para sempre. E essa continua recordação sobressaltou muito Noronha pelas terríveis consequencias que podia arrastar.

Depois, tudo aquilo fôra tão bizarro... De alma despedaçada, o dramaturgo partira para uma viagem dolorosa. Ao cabo dela, ao cabo de alguns meses, voltara casado com uma desconhecida, com uma estrangeira longinqua de quem, no fim de contas, ignorava tudo—a familia, a alma, o coração... Decididamente o caso do seu amigo era muito grave e estranho; o seu desenlace podia ser de tal forma lamentavel, que nem mesmo se atrevia a pensar nêle.

Entretanto, decorridos os primeiros meses da existencia dos esposos em Lisboa, Paulo socegou um pouco. Uma grande mudança se operara no artista. O seu rosto perdera a sua tristeza habitual; os seus olhos, o seu brilho vago e temeroso. Os unicos vestigios de anormalidade que ainda se observavam nêle, eram uns certos movimentos bruscos, umas subitas contracções nervosas, provocadas sem duvida pela recordação angustiante e repentina de qualquer factó passado.

De maneira que os receios do Doutor pareciam não ter fundamento. Monforte ia-se resignando, começava já mesmo a viver relativamente feliz. Paulo, é claro, alegrava-se e contudo, se procurasse bem, descobriria no intimo do seu coração uma ligeira magua por a dôr imensa daquêle pai não ter sido eterna, como receara. Assim succede na

verdade. Quando uma pessoa que nós estimamos e admiramos acima de todas, sucumbe ao peso duma desgraça—se a vemos a caminho da salvação, sentimos um enorme jubilo, é certo, mas ao mesmo tempo um leve pesar, uma desilusão vaga, por essa criatura que nós julgávamos sobreumana se ter libertado da sua dôr, em vez de ter sido a escrava eterna, sublime e estoica, dessa angustia.

.....

«Misérias da alma humana!—pensava Noronha.—E' na imagem falsa da morta querida, que este homem vai encontrar um lenitivo para o seu tormento. Pobre alma humana, criança louca, sempre em busca de ilusões!... Logicamente, seria um insulto para a nossa dôr termos defronte de nós uma criatura que, sem ser a que choramos, nô-la recorda em cada gesto,

em cada traço fisionomico. E é isso afinal que nos consola!...»

«Um caso interessante o do seu amigo, de resto banal—concluiá o Doutor—lembrando-se dos romances, onde era frequente um viuvo desejar e possuir uma mulher que lhe recordava a esposa—como sucedia na *Bruges la Morte*, de Rodenbach—e onde abundavam casos identicos aos do artista.

De subito, entre as suas reminiscencias literarias, ocorreu-lhe certa passagem da *Dama das Camélias*; foi buscar o volume á estante, abriu-o e leu na scena III do primeiro acto:

.....
VARVILLE.—Il faut avouer que Marguerite...

NANINE.—Quoi ?

VARVILLE.—A une drôle d'idée de sacrifier tout le monde à M. de Mauriac, qui ne doit pas être amusant.

NANINE.—Pauvre homme! C'est son seul bonheur. Il est son père, ou à peu près.

VARVILLE.—Ah! oui. Il y a une histoire très pathétique là-dessus; malheureusement...

NANINE.—Malheureusement?

VARVILLE.—Je n'y crois pas.

NANINE, *se levant*.—Écoutez, monsieur de Varville, il y a bien des choses vraies à dire sur le compte de madame; c'est une raison de plus pour ne pas dire celles qui ne le sont pas. Or, voici ce que je puis vous affirmer, car je l'ai vu, de mes propres yeux vu, et Dieu sait que madame ne m'a pas donné le mot, puisqu'elle n'a aucune raison de vous tromper, et ne tient ni à être bien, ni à être mal avec vous. Je puis donc affirmer qu'il y a deux ans madame, après une longue maladie, est allée aux eaux pour achever de se rétablir. Je l'accompagnais. Parmi les malades de la maison des bains se trouvait une jeune fille à peu près de son âge, atteinte de la même maladie qu'elle, seulement atteinte au troisième degré, et lui ressemblant comme une sœur jumelle. Cette jeune fille, c'était mademoiselle de Mauriac, la fille du duc.

VARVILLE.—Mademoiselle de Mauriac mourut.

NANINE.—Oui.

VARVILLE.—Et le duc, désespéré, retrouvant dans les traits, dans l'âge, et jusque dans la maladie de Marguerite, l'image de sa fille, la supplia de

le recevoir et de lui permettre de l'aimer comme son enfant...

.....

Era exactamente o caso de Monforte. O artista caíra pois numa vulgaridade tão banal que ha muito a literatura se apoderara dela. Mas é sabido: em face das grandes angustias, as almas mais superiores valem tanto como as outras—às vezes, são mesmo as mais infantis. Apenas, o dramaturgo não amava Magda como sua filha, *amava-a como sua esposa*. Nisto porém não chegou a pensar o romanesco Doutor que, esquecendo as suas meditações, prosseguiu embevecido a leitura do velho drama.

Entretanto o tempo ia seguindo e, pelo menos aparentemente, tudo caminhava bem. De novo, pelos vastos aposentos do palacete, girava arranjada e

util uma dona-de-casa gentilíssima. A estrangeira parecia ser na realidade uma bela rapariga, um espirito franco e positivo.

Nada disto era assim. Filha duns modestos comerciantes de Copenhague, a sua juventude desenrolara-se sempre calma e enfadonha. Nunca conhecera mais do que uma mediocridade confortavel, ela, em cujo intimo tumultuavam desde a infancia as maiores ambições. Depois, nos ultimos tempos, a morte do pai e a doença de Cristiano tinham vindo agravar a situação. Magda chegara até a dar algumas lições de francês. Por isso, cheia de alvoroço, aceitara aquele casamento inesperado e soberbo que lhe surgira tão bizarramente. Não estava em plena mocidade o seu marido—passara já os quarenta—mas os seus vinte e seis ânos de rapariga pobre não podiam exigir tudo. Em suma, sob uma

falsa apparencia, a dinamarquesa era uma criaturinha como muitas outras—romanesca e futil, hipocrita e ambiciosa.

*

* *

Entrando-se hoje naquêlê lado do dramaturgo dir-se-hia em verdade que nada de anormal acontecera. Quasi todas as noites, como dantes, viam-se na sala verde o Doutor e os seus filhos—Paulo, a um canto, palestrando com Luís; em plena luz, risonhos e barulhentos, Carlos, Gabriela e Leonor. Sómente a Leonor de hoje ria em gargalhadas mais fortes que a doutóra...

De quando em quando, no meio da sua conversa com Noronha, calava-se de subito o artista, e os seus olhos fixavam-se ardentes no grupo juvenil. Percebia bem porquê o seu amigo:

Aquêles grupo era a ilusão nitida, a *ilusão real* de antigos tempos. Ele proprio ás vezes, ao contempla-lo, se convencia de que todo o passado fôra apenas um sonho horrivel...

Mas em breve Monforte, esboçando no rosto um sorriso de amargura, continuava a conversa interrompida.

Assim decorreu um semestre.

Principiara o âno de 1911. O escritor, que recommçara a trabalhar logo após a sua chegada da Dinamarca, tinha prestes a sair do prelo essa obra-prima singular e perturbadora do *Céu em Fôgo*. As paginas imortais desse livro, ainda que nebulosas e angustiantes, demonstravam á evidencia um espirito torturado, era certo, mas perfeitamente lucido e mais do que nunca genial.

Por isso o Doutor estava agora bem tranquilo.

VIII

Mas, ai, havia tempo já que uma alucinação monstruosa se apossara do espirito vacilante do artista. E a tragedia inconcebível fôra-se desenrolando hora a hora; principiara a grande luta—luta dum ente, possuidor ainda de todas as faculdades mentais, e que no emtanto sentia a sua alma prestes a voar, a bater asas pelo azul... a perder-se no infinito...

Com que emoção o dramaturgo vira Magda pela primeira vez! Julgando ser a filha ressuscitada que se perfilava na sua frente, que estranho calafrio lhe percorrera o corpo! *O terror*

misturara-se á sua alegria. Mas quando soubera que ela era apenas uma criatura imensamente parecida com a morta, o que experimentara tinha sido muito mais estranho: O que êle sentira defronte dessa segunda Leonor—descobria hoje horrorisado—fôra uma paixão subita, ardentissima, toda ela carnal.

Queria dizer: Ao encontrar um ente que lhe surgira como a imagem real da filha, logo lhe ocorrera uma ideia impura, logo desejara possuir esse corpo, beijar esses labios?... Impossivel! Impossivel!... Entretanto, desde que a conhecera, a sua vida tivera um novo rumo: possui-la. Sim, possui-la, tê-la sempre diante dos olhos, porque o seu rosto era aquilo que melhor lhe podia recordar a morta: toda a sua existencia se consagrara á recordação; por isso mesmo é que voltara a Davos... E como viver sempre junto dessa mulher

senão desposando-a?... Nesse caso... Ah! mas é que não fôra só por isso que êle a desposara... Não fôra... não fôra!...—reconhecia hoje aterrado.

Na ocasião, não pensara em nenhuma destas coisas, mas depois a luz, a luz temível, fizera-se pouco a pouco no seu espirito. Agora, acudiam-lhe á mente todos os pormenores da sua vida desde o encontro de Magda, e as conclusões que tirava dêles eram as mais aterradoras.

Numa exaltação constante vivera os meses que tinham precedido o seu enlace. Mas—facto singular!—só mais tarde é que soubera o que experimentara então. Um jubilo infinito lhe envolvera toda a alma—esse jubilo, porém, fôra ao mesmo tempo suave e doloroso. O corpo vibrara-lhe em continuos arrepios, o cerebro esvaíra-se-lhe; e nessa embriaguez—porque era verdade, aquilo tinha sido uma

embriaguez—a sua dôr adormecera; *conseguiu deixar de pensar nela.*

E a noite de nupcias, a terrível noite?... Ah! com que prazer feroz êle estreitara, êle possuira, esse corpo admiravel, quente e amoroso... como beijara essa bôca sadia, vermelha e humida... como mordera aquêles seios loiros, de pontas trigueiras e acidas!...

Durante uma curta epoca o artista foi na realidade feliz, e esqueceu, esqueceu dessa vez por completo, toda a sua angustia...

.....

No grande leito de pau-santo, profundo como um tumulto, havia agora as mesmas lutas, havia os mesmos espasmos, os mesmos abraços doidos dos tempos da amante fulva. Natureza sensual, viciosa quasi, Magda de bom grado se prestava a todas as fantasias do marido, lhe cor-

respondia aos beijos brutais, se contorcia em violentos extases. Mas em certas noites, era tal a ansia com que Luís se precipitava sobre a sua carne nua, que ela chegava a ter-lhe medo, receando, verdadeiramente receando, que as suas mãos ávidas se lhe colassem á garganta num circulo ferreo, estrangulador. Porém os labios do artista faziam-lhe vibrar todo o corpo em delirios supremos, e a sensação angustiosa em breve desaparecia, ou por outra: o seu prazer aumentava, era mais completo e enebriante por se lhe misturar o terror.

Passaram-se meses. Aquela paixão doentia fôra-se exacerbando cada noite. Magda sentia hoje um violento desejo de fugir a esses estranhos amplexos, de se refugiar nuns amores côm-de-rosa, mais calmos e naturais.

Uma vez tentou negar-se ao marido. Este, percebendo-lhe as intenções, agarrara-a pelos pulsos, torcera-lhos brutalmente, e esmagara-lhe os lábios com um beijo tão frenético, tão delicioso, que no mesmo instante ela tombara vencida, enrodilhada debaixo d'êle. Os seus corpos tinham-se emmaranhado, possuído, numa fúria bestial; as carnes rangeram, e os beijos daquelas bôcas não foram beijos — ah! não foram beijos! — foram mordeduras donde o sangue escorrera... Tudo acabara por um arranco supremo de goso, sibilante e profundo, que mais tinha parecido o estertor duma agonia horrível...

Na manhã seguinte, ao acordar morta de fadiga e ao ver uma grande nodoa negra no seio esquerdo, Magda lembrou-se da noite de amor, lembrou-se dos beijos ferozes, e teve medo, mas um medo real, do

amante que dormia ainda junto dela no seu sôno agitado.

«O que era no fim de contas aquêlê homem? Que significava aquêla violencia, aquêles impetos de luxuria, aquêles estrebuchamentos loucos? Agora mesmo, a dormir, os seus musculos tinham subitas contracções, a bôca torcia-se-lhe num *victus* doloroso. E ela recordava-se do brilho singular que surpreendera ás vezes nos olhos de Luís, durante os amplexos. A's vezes? Quasi sempre. Eram umas faiscas vermelho-esverdeadas que, irradiando das pupilas, lhe cobriam o rosto duma luz estranha, duma luz fantastica, arripiente. Depois, entre os espasmos, nunca lhe ouvira uma palavra de amor! No emtanto—coisa extraordinaria! —parecera-lhe que muitas vezes êle fazia um esforço sobreumano para não misturar aos seus beijos, frases ardentes, impuras...

«Mas o que havia de mais singular em tudo aquilo, é que esse homem de quem ela tinha medo, esse homem que hoje abominava quasi, a atraía ao mesmo tempo, lhe comunicava a sua ansia, a sua furia, a sua alucinação—porque era verdade, êles amavam-se como dois possessos...

«E daí, talvez fosse o seu cerebro que exaggerasse. No fundo tudo aquilo seria natural... Pelo menos, o melhor era não pensar mais nessas coisas...»

Espreguiçou-se e adormeceu de novo.

*

*

*

A luz fizera-se pois na alma de Monforte, pouco a pouco, á medida que o tempo correrá. E tinha sido da conjugação de mil pequenos factos—isto é, *de outras tantas provas*—que brotara um dia a evidencia apavorante.

A sua filha... a sua filha... Mas afinal era a sua filha que êle abraçava todas as noites... mas afinal eram os seios da sua filha que êle beijava... a sua bôca que êle mordia!... Era na sua carne, na carne esplendida e sagrada da propria filha, que êle saciava os seus desejos brutais de macho com cio!...

Ao ver pela primeira vez essa desconhecida, essa outra Leonor, quando muito o que teria sido natural, é que experimentasse diante dela uma ternura, um affecto de pai—a mesma ternura, o mesmo affecto que dedicava á morta. Mas não, o que êle sentira fôra pelo contrario uma ansia infinita, um desejo violento, feroz, de ver estendido, atravessado sobre o seu, o corpo ideal daquela jovem toda nua. E porque é que nunca desejara nenhuma mulher com tamanho ardor? porquê?... porquê?... Porque só nessa encon-

trara as mesmas feições da morta! Demais, a prova concludente de que fôra assim, é que êle ignorava ainda hoje toda a alma da estrangeira. Logo, o que o fizera desejar aquêlo cõrpo não fôra a alma que o animava, fôra apenas a carne que o constituia. Ora essa carne, a carne que o tinha atraído, modelava-se exactamente como a carne da filha. *Por consequencia êle só desejara Magda pelo que nela havia de Leonor.* Coisa horrivel, ai, mas bem real... bem real!...

Torcia as mãos com desespero, chorava enraivecido, e para mais se lhe amargurar a sua dôr inconcebivel, ocorriam-lhe de subito vagas reminiscencias perturbantes... As vezes que êle tinha admirado a pobre noiva... que se embevecera contemplando a flexibilidade do seu cõrpo agil, bem musculado e agreste; o sol-nascente das suas longas tranças, a luz azul dos seus

olhos de infinito, a sua bôca de amor, os seus dentes crueis— toda a beleza suprema daquêle rosto de sonho... Ah! como êle se enchia de jubilo quando a passeava pelas ruas das grandes cidades, e via os homens pararem, voltarem-se a admira-la... Mas hoje, só hoje, é que percebia: Esse jubilo não era o dum pai orgulhoso, era o dum amante invejado. Com efeito, qual seria o pai que não se ofenderia se suspeitasse que os olhos dum estranho lhe estavam despindo a filha?... Enquanto que um amante, sim, esse podia lisongear-se dizendo para consigo: «Todos ambicionam esta carne, todos fantasiam as linhas impeccaveis deste côrpo nu... E este côrpo é só meu! E esta carne é só minha... é só minha!...»

Na sua mente esbraseada começavam-lhe a surgir então lembranças mais perversas, mais sacrilegas e, entre todas, uma

mais frequente : A estranha sensação que uma noite experimentara ao descobrir no crêpe da China verde da blusa de Leonor, o bico dum seio vagabundo apontando audacioso.

Ah!—concluia presentemente —é que no intimo êle desejara esmagar com os seus labios a ponta rosea desse seio... E era ela, ela, que na verdade sugava hoje nos seios dourados doutra mulher—duma mulher com quem dormia unicamente por ter um rosto igual ao da sua filha...
duma mulher que, no fim de contas, os seus olhos só queriam ver como a morta ressuscitada!...

Mas havia mais. Em Paris, á noite, sózinho no seu quarto, antes de adormecer, não se lhe esboçara nas trevas, *defronte da imagem purissima de Leonor*, a imagem sensual de Julia, toda desnudada sobre um leito de rosas? ... E a roupa intima da desa-

parecida que êle beijava sofredamente?... E o episodio das *Folies*? Essa prostituta de carne á mostra, de seios pintados, recordara-lhe a filha... Por isso a mandara sentar junto dêle, ah! e por isso se esfregara, ignobilmente se esfregara, sobre o seu côrpo debochado!...

Infamia! Infamia! Tinha-se consumado ha muito o incesto... durava desde a morte da filha!... O quê!? Só desde a sua morte?... E a ponta do seio a enfoliar a blusa? E a noite de luar? a noite de luar!?... Agora é que compreendia — *êle agora compreendia tudo*. Na sua quinta, descobrira uma noite, ao longe, perto do grande lago, Carlos e Leonor de mãos dadas... unin-do as bôcas... Enchera-o de alegria a scena galante, pudera-se convencer na ocasião. Entretanto, quando vira aquêles labios a morderem-se—lembrava-se muito bem—o seu côrpo va-

cilara; tivera que fazer um esforço sobreumano para escapar á vertigem, para não cair na terra. Excesso de jubilo, pensara. Hoje porém reconhecia aterrado: Não fôra o jubilo, não; fôra o ciume... o ciume!...

A duvida era impossivel: o incesto consumara-se ainda em vida da pobre noiva, da virgem lirial que os seus desejos abominaveis tinham manchado para sempre!...

E todas estas divagações exacerbavam a sua furia amorosa; cada noite mordia com maior ansia o côrpo nu da estrangeira.

*

* *

Nos raros momentos lucidos que Monforte ainda vivia, compenetrava-se bem da obsessão da sua alma. Sim, tudo aquilo era loucura. As ideias mais inverossímeis se lhe emmaranhavam no

cerebro, e dessas ideias confusas—só delas—é que porvinha a luz aterradora... Não, êle não cometera nenhum crime; nunca uma ideia impura lhe surgira diante da filha. As roupas beijadas, a desconhecida das *Folies*, a ponta erecta do seio, apenas hoje—*depois de conhecer Magda*—é que tinham a significação que lhes dava. Loucura portanto o que, á força, êle queria fazer provar a essas e a muitas outras reminiscencias longinquas.

Aliás, recordando-se de certos pensamentos singulares que outróra, a proposito de diversas coisas lhe acudiam ao espirito, o dramaturgo sabia explicar perfeitamente o que se passara no seu cerebro: Ele tinha por exemplo uma determinada opinião, uma opinião bem assente, a respeito de qualquer livro, àcerca de qualquer fenomeno social. E de subito, encontrava-se a pergun-

tar a si mesmo : «—Mas é na realidade isto que eu penso?... E se não fosse isto que eu pensasse?...» Porém, não havia duvida, o que êle pensava era isso. Entretanto, por um desejo inexplicavel, por um «desejo de perversidade», punha-se a imaginar —*não fazia por se convencer, unicamente se punha a imaginar*—que a sua opinião era outra.

Em pequeno — lembrava-se tambem—quando via o seu querido angora, todo branco de neve, sentado ao sol no parapeito da altissima varanda do seu quarto, instintivamente pensava na dôr que sentiria se o lindo animal caísse, esmagando-se na areia vermelha do jardim. *E como a sua dôr seria imensa, êle sentira muita vez um grande desejo de precipitar o pobre gato.*

Era este no fim de contas o seu caso de hoje : Um dia conhecera uma mulher extremamente parecida com Leonor.

Defronte dela tinha experimentado uma viva emoção. No mesmo instante ambicionara vê-la sempre ao seu lado. Por isso a desposara. Desposando-a, é claro, havia de possuir o seu corpo. Possuira-o com efeito. Todo isto de resto fôra muito natural.

Porém o seu cerebro doente, abatido pelo golpe terrível, em breve se tinha posto a trabalhar. Sobreviera o mesmo desejo de perversidadē—esse desejo que Edgard Poe definiu magistralmente—e principiara a convencer-se pouco a pouco de mil ideias infames, todas falsas. Entretanto, a perturbação do seu espirito ia aumentando hora a hora. Novos factos, novas provas, afluíam a demonstrar as coisas horriveis que ideava—provas e factos aliás tão verdadeiros como essas coisas monstruosas.

Em certos momentos o dramaturgo compreendia muito bem

toda a tragedia da sua alma. Queria lutar; lutava, mas era sempre vencido. Todas as vezes que decidira encher-se de vontade, reagir e salvar-se; tinha-lhe surgido por ultimo este pensamento: «Se lhe tirassem o seu crime sofreria mais do que sofria com êle. Só o horror do seu crime o podia distraír da sua angustia».

E o delirio continuava.

Agora tinha visões abomináveis. Uma noite, fechado no gabinete de trabalho, tentando em vão escrever uma pagina, vira de repente diante dos seus olhos a mãe e a filha—a grande amante fulva e a virgem lirial—todas descompostas, a rolaem-se pelo tapete; misturando os membros, possuindo-se em deboches infernais. Depois fôra uma longa teoria de dançarinas obscenas, loiras umas, outras ruivas, trigueiras outras, cujos rostos belissi-

mos de subito se uniformisaram, transformando-se cada um no rosto da morta. Por fim, surgiu uma Leonor perdida de bêbada, rindo devassamente, friccionando as pontas dos seios nus, levantando as saias, oferecendo-lhe o sexo, colando-lhe á sua bôca, ansioso e humido... Doido de pavor, êle quisera evitar esse beijo terrível. Os olhos tinham-se-lhe esgaseado, os cabelos posto em pé; todo o côrpo lhe vibrara em convulsões de epileptico. Mas uma força diabolica o acorrentava. Nem mesmo se podera erguer... E sobre os seus labios cerrados êle sentira—oh horror! deliciosamente sentira—o latejar desse sexo palpitante, ardentissimo!... Até que por ultimo, vencido, des-cerrara a bôca e beijara-o, sugara-o, mordera-o num delirio bestial...

Quando a alucinação hedionda terminou, Monforte extenuado

e febril, coberto de suor, reconheceu que apenas tinha beijado, que apenas tinha mordido, a folha branca do papel onde não conseguira traçar uma linha...

Loucura plena... Loucura plena!...



IX

Num ultimo lampejo de razão, o artista decidiu salvar-se. Talvez ainda fosse tempo...

A verdade simples, era esta: Ele nunca tinha desejado a sua filha; quem êle desejava hoje era uma mulher que — por uma coincidência pouco vulgar, mas em todo o caso perfeitamente natural — reproduzia no seu rosto as feições da morta. Se, por uma prova bem palpavel, conseguisse demonstrar isto a si mesmo, a obsessão terminaria.

E — coisa singular! — sempre na sua inconsciencia, o dramaturgo começou buscando com

toda a lucidez o meio de obter essa prova cabal. Achou-o depressa. Ele ignorava por completo a alma da sua esposa. Ora essa alma devia ser muito diferente da alma da sua filha. Dois rostos semelhantes, ainda se podem encontrar—dois rostos e duas almas iguais, com certeza que não. Compenetrar-se dessa dessemelhança, era ao mesmo tempo compenetrar-se de que estreitava entre os seus braços uma criatura que não tinha a alma de Leonor—logo que era inteiramente outra. Em face da diferença de duas almas, que vale a semelhança de dois corpos? Coisa alguma. O remédio era infalível. Ia começar a aplica-lo.

Mas em breve perdeu toda a coragem. Esse remédio seria infinitamente doloroso—mais doloroso do que o proprio mal. Com efeito, para que desposara êle a dinamarquesa? Para a ver

sempre ao seu lado, porque o seu rosto lhe recordava o da filha, e porque a recordação era o unico lenitivo para o seu tormento. Desde que destruisse a semelhança que existia entre as duas — e tinha sido no fim de contas o que resolvera fazer — essa recordação terminava; isto é: a dôr cruciante voltaria de novo. Depois, quando Magda lhe surgisse como aquilo que realmente era, e não como o fantasma de Leonor, êle não deixaria de a beijar com a mesma ansia. Eis a prova concludente de que apenas desejava o côrpo de Magda. No entanto, se as coisas se passassem assim, a sua angustia não terminaria. Muito ao contrario, porque em vez de ir achar o refugio para a sua dôr na recordação da morta; acha-la-hia unicamente—oh infamia!—na posse do côrpo duma mulher! Por isso mesmo — compreendia agora —

tivera muitas vezes a noção vaga e, á primeira vista, inexplicavel de que se lhe tirassem o seu crime, sofreria mais do que sofria com êle: ao seu espirito transtornado afigurava-se um sacrilegio muito maior possuir o cõrpo duma estranha do que morder o cõrpo da filha—*porque esse em todo o caso sempre era o cõrpo da sua filha.*

«De resto—concluiu por ultimo num grande desfalecimento, e desde então nunca mais tentou reagir—a verdade, a verdade terrivel, era que se por acaso sonhava com Leonor, ao acordar, via sempre junto do seu, um rosto que era o mesmo rosto lindo que lhe surgira em sonhos. E como era o mesmo rosto, tinha uma vontade imensa de o beijar. Beijava-o... Porém o que êle tinha beijado, fõra o rosto de Magda. O beijo electrificava-o e, não se podendo conter, possuia o seu cõrpo. *Mas*

êle só beijara esse rosto por ser o rosto da filha. Logo, o que realmente o tinha electrizado, fôra o beijo que dera na sua filha. O incesto! O incesto!...»

Quanto mais não fosse, sujará para sempre a memoria sagrada e purissima da virgem lirial.

E as visões continuavam cada vez mais abominaveis, e cada noite êle se precipitava com maior furor sobre a carne nua da estrangeira...

*

* *

Em julho, como noutros tempos, Monforte e a esposa instalaram-se na quinta acompanhados pelo Doutor, pelos filhos deste e pelo marido de Gabriela. Com efeito, entre as duas familias continuava sempre a mesma intimidade; Gabriela e Magda tinham-se transformado em

duas companheiras inseparáveis.

Era muito agradável e risonha a existencia na bela vivenda: correrias matinais pelas ruas floridas, horas de paz á sombra das grandes arvores, tardes de leitura nos commodos *rocking-chairs* do terraço e, á noite, longos passeios ao luar...

Depois do seu casamento Gabriela travara inumeras relações; domingos havia em que a propriedade inteira era invadida por um bando ruidoso de gente moça. No meio desse circulo juvenil, apraziam-se muitos as duas companheiras, almas futeis amantes da *vida-de-sociedade*, dessa odiosa vida das intriguinhas infames e dos *firts* palermas. Tomavam parte em todos os jogos improvisados ao ar livre; saltavam, corriam frivolas e gentis; subia-lhes á cabeça o champanhe gelado no grande poço, e dançavam descompostas, com a carne palpitante e humi-

da a aparecer entre as rendas esgarçadas.

O bom Doutor condenava estes excessos. Quanto ao artista, quem o visse misturar-se á turba irrequieta, de sorriso nos lábios, de olhos brilhantes, diria com certeza: «—Eis um homem feliz!». E o proprio Noronha, julgava-o pelo menos curado da sua dôr, livre de todo o perigo...

Mas, ai, ainda que na verdade a perturbação do espirito de Monforte não transparecesse exteriormente—e succede assim com os loucos mais perigosos—o desfecho da tragedia inconcebível ia-se aproximando momento a momento.

Todas as noites êle estreitava o corpo nu de Magda, *sujava a memoria de Leonor*, e hoje já nem mesmo podia cerrar os dentes, possui-la em amplexos mudos para não aumentar o sacrilegio. Hoje gritava-lhe a sua

paixão, todos os seus desejos furiosos, em palavras escaldantes.

O asco que êle tinha de si mesmo... Tanto asco e tanto horror que amava e abominava simultaneamente o corpo que mordia. Quis-lhe escapar, abster-se. Foi-lhe impossivel... Uma noite—oh! a medonha noite!—surgiu-lhe de subito uma ideia pavorosa: destruir esse corpo. Sim, esse corpo era a sua alucinação; desfeito êle terminaria a loucura. Esse corpo é que poluira para sempre o fantasma da filha. Por conseguinte, era esmaga-lo sem piedade... O remedio infalivel! o remedio infalivel!... Só dessa maneira poderia restituir a pureza á morta violada, só assim resgataria o seu crime hediondo. Penetrando na alma da estrangeira, como uma vez resolvera, purificaria tambem a recordação da filha. *Mas nesse caso, iria encontrar*

um refugio para a sua angustia na posse do corpo duma mulher—ideia que o horrorisava mais do que nenhuma outra. Emquanto que matar aquela carne, seria a libertação completa e definitiva. Mata-la, sim, mata-la! Matar o espectro e a criatura real.

.....

E era tão facil... Quando ela dormisse, apertaria entre os dedos crispados a sua garganta de neve... apertaria longamente, acariciadoramente... pouco a pouco... até que por fim o coração deixasse de bater... Nesse instante, defronte dos seus olhos, Leonor resplandeceria em toda a sua pureza. Aquêlê corpo era o seu crime. Seria um covarde se não o destruísse.

Uma nova obsessão começou na alma do artista. Já muitas noites estivera a ponto de realizar o seu intento. Mas contivera-se porque, no ultimo instante,

surgira-lhe sempre, até agora, um derradeiro lampejo de razão.

.....

Os dias foram correndo. Nessa noite êle tinha a certeza que não vacilaria. Um jubilo feroz se lhe apoderara de toda a alma. Ia triunfar dos espectros!

A noite estava linda. Fazia um luar esplendido. Na grande sala esteirada, após o jantar tinham permanecido Monforte, Noronha e o marido de Gabriela jogando o *whist*. As senhoras, acompanhadas por Carlos, passeavam pela quinta a gosar da suavidade inefavel dessa noite de sonho.

Terminada uma breve partida, o Doutor caiu ressonante sobre um fauteuil; o seu genro embebeu-se na leitura duma revista de medecina. O autor-dramatico, enervado e febril, saiu sem dizer nada...

Começou caminhando... Dian-

te dos seus olhos bailavam mil visões alucinadoras... Cruzavam-se grandes facas, havia mãos sangrentas virgulando o ar... Corpos nus dançavam sarabandas, e nas gargantas de todos esses corpos desenhavam-se círculos roxos—os colares sinistros dos estrangulados. Em volta dum sexo feminino escorrendo sangue e pús, zumbiam moscas fantásticas, cantaridamente verdes... Passou as mãos horrorisadas pelos olhos, foi correndo como um louco até que, sem saber como, entrou no roseiral. O perfume das flôres fê-lo voltar a si; as visões dissiparam-se... Tomou pela rua que levava ao poço do moinho. Mas de repente estacou... Tinham voltado os espectros! Ao longe, junto do grande lago descobrira — aparição gentil! — Carlos e... — não havia dúvida: Carlos e Leonor—de mãos dadas, contemplando-se meigamente. Muito discreta, Gabriela

afastara-se a mondar um pobre canteiro de lírios murchos... E sob um raio de luar que os aureolava, o dramaturgo viu, nitidamente viu como outróra, as bôcas dos dois jovens aproximarem-se, unirem-se, morderem-se...

.....
Uma nuvem cobrira a lua. A visão, *a visão real*, desaparecera... Ah! nunca triunfaria dos espectros! nunca! nunca!... *O espectro verdadeiro, o unico espectro, era a sua dôr...*

Em volta dêle havia o silencio total...

.....
Caminhou resoluto para o grande poço do moinho. Levantou a pesada porta de carvalho... A nuvem esfarrapara-se. Um raio de luar bateu na agua profunda.. A agua profunda dormia silenciosa...

.....
.....

De subito, um grande choque, um ruído estridente, despedaçador, ecoando repercutido pelas paredes do poço. De novo o silêncio...

.....

.....

O arquiteto sublime, o grande construtor das torres, acumulara andares sobre andares, e a torre maravilhosa tocava quasi o céu. Quisera subir ás cumeadas... E fôra escalando sempre triunfante a ladeira da vida. Do alto da sua torre, do alto da cupula de aço refulgente, debruçava-se para ver o seu triunfo. E via a Gloria. Mas de subito houvera um bater de asas negras. Ao mesmo tempo, as nuvens aureas, turbilhonando, cegaram-lhe a vista: se olhava para a terra, o solitario do azul não via a terra; se olhava para o céu, não via o céu... Debruçou-se mais. Batiam sempre as grandes asas negras.

Louco de pavor, quis fugir,.. Precipitou-se... foi-se abismando no espaço... Em vez da luz, as trevas impenetráveis; em vez das alturas, a profundidade. Mas a profundidade e as trevas aliviam os corpos fatigados. O artista sublime descansava.

.....

.....

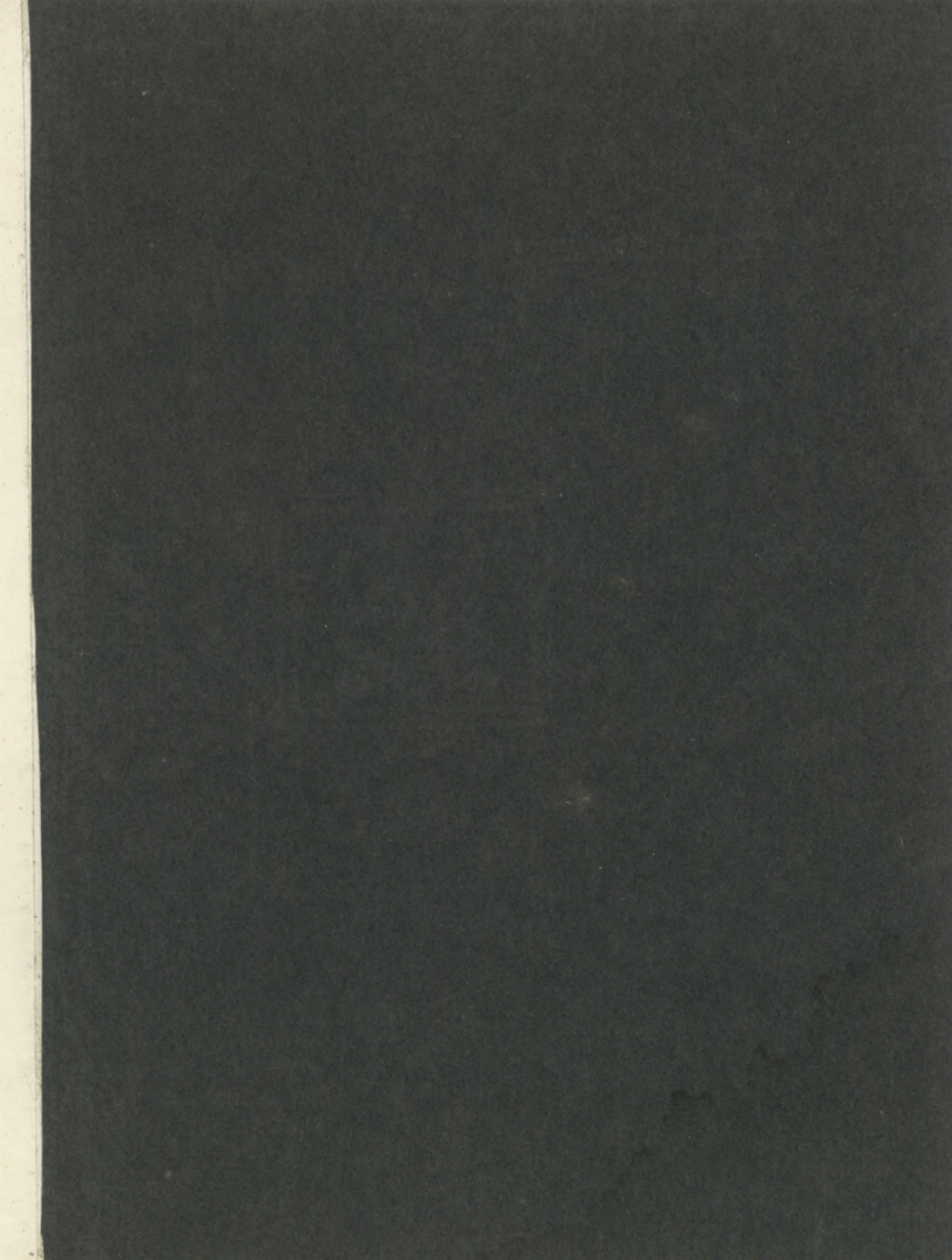
*

* *

Em abril deste âno agreste de 1912, Carlos de Noronha desposou Magda Ussing—a viuva do autor-dramatico—como, ha duas primaveras, se ela não morresse, teria desposado Leonor, a filha de Monforte...

Lisboa, abril-julho 1912.

MARIO DE SÁ-CARNEIRO.



Preço: 700 réis



OFFICINAS DA
«ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»
Rua do Seculo, 43
LISBOA



BNP



EFG0000791749

